

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

A CONCEPÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA TRANSITIVIDADE VERBAL

IRAN FERREIRA DE MELO 

RECIFE
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

A CONCEPÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA TRANSITIVIDADE VERBAL

IRAN FERREIRA DE MELO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria da Piedade Moreira de Sá

RECIFE
2007

Melo, Iran Ferreira de
A concepção da homossexualidade em textos
jornalísticos: uma análise crítica da
transitividade verbal / Iran Ferreira de Melo. –
Recife : O Autor, 2007.

91 folhas : il., tab., gráf.

Dissertação (mestrado) – Universidade
Federal de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2007.

Inclui bibliografia.

1. Lingüística. 2. Análise do discurso. 3.
Homossexualismo. 4. Identidade sexual. I.Título.

801
410

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
CAC2007-
28

*À Júlia e Nilda –
o meu verdadeiro referencial de amor e justiça*

AGRADECIMENTOS

Na realização de uma prática científica como esta é imprescindível a contribuição de muitos interlocutores. Gostaria, pois, de expressar o meu reconhecimento:

à professora Piedade de Sá, orientadora da dissertação, pela postura permanente de incentivo e crença na realização dessa atividade. Os encontros de orientação se constituíram em verdadeiros exemplos de um processo de co-construção do saber científico. A disponibilidade excepcional, as orientações precisas e pertinentes, assim como as contribuições teóricas, foram características marcantes da professora Piedade em todo o processo desta dissertação. Além disso, gostaria ainda de destacar a postura respeitosa às minhas idéias, o que contribuiu para a construção da minha autonomia como pesquisador;

ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi – orientador nos seis primeiros meses de gestação deste trabalho – pela seriedade e presteza com que aceitou a minha proposta inicial, tendo participação fundamental na seleção dos pressupostos teóricos. Receptividade e dedicação foram traços notáveis do professor Marcuschi;

aos professores Abuêndia Padilha, Stella Telles e Marlos Pessoa, pelas contribuições acadêmicas, estímulo e atenção durante o desenvolvimento desta pesquisa;

ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos.

Gostaria de, também, agradecer aos companheiros de caminhada que compartilharam comigo a dor e a delícia do trabalho científico – Ana Karine, Carla, Daniel, Edilza, Edmilson, Fabiana, Fernanda, Flávia, Helga, Juliana, Paloma, Ricardo, Solange e Walmir – pelo incentivo, escuta e contribuições teóricas e empíricas no curso desta atividade; e aos amigos Jamerson, Wanderley, Edson, Ewerton e João Luís, por estarem sempre a postos nos momentos em que precisei.

Por fim, agradeço a Deus pela dádiva de caminhar sempre.

RESUMO

A homossexualidade sempre amargou um estatuto de estigma e preconceito social durante toda a história do Ocidente, sendo, por muito tempo, identificada como uma orientação anormal quando comparada à heterossexualidade; ora vista como heresia, ora como desvio mental (GREEN; POLITO, 2004; TREVISAN, 2004). Contudo, devido à crescente luta a favor da liberdade de orientação sexual empreendida por vários homossexuais em todo mundo, os gays têm alcançado destaque social nas últimas décadas. Um dos principais espaços de visibilidade dos homossexuais é o jornal, pois é responsável por veicular notícias sobre as diversas ações afirmativas desse grupo. Em virtude disso, objetivamos verificar como a homossexualidade está representada no domínio jornalístico impresso nos últimos anos. Nossos dados compõem-se de notícias que versam sobre a Parada da Diversidade Sexual publicadas nos jornais de maior circulação do Estado de Pernambuco – Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio – dos anos 2000 a 2006. Enquadrado na linha de pesquisa Análise Sócio-pragmática do Discurso, nosso estudo se apóia nas concepções teórico-metodológicas da Lingüística Sistêmico-funcional desenvolvida por Michael Halliday (1970; 1985; 2004), a partir de seus postulados sobre a função ideacional da linguagem. Escolhemos como categoria de análise a transitividade verbal, que, conforme Halliday (1985; 2004), constitui um recurso propício para se investigar a representação social. Ou seja, os processos verbais usados pelos jornalistas e o tipo de papel que eles atribuem aos gays – passivo ou ativo – funcionam como recursos que constroem imagens sociais da homossexualidade. Nossos postulados teóricos estão pautados na concepção de que os textos/discursos são práticas efetivamente sociais, portanto fundamentamo-nos, ainda, na Análise Crítica do Discurso, especialmente nos estudos de Norman Fairclough (1989, 2001a, 2001b, 2003). Identificamos a forma como os gays são apresentados nos enunciados transitivos e interpretamos o seu valor num contexto social amplo. Analisamos enunciados com processos dos tipos materiais, verbais e mentais, ou seja, respectivamente, aqueles que indicam ações concretas sobre um objeto (mobilizar, montar), formas de elocução (falar, dizer) e atividades cognitivas ou sentimentos (calcular, desejar). A maioria de nossos dados revelou que os gays são apresentados como agentes, isto é, atores sociais que exercem atividades sobre outros, o que parece garantir-lhes imagem de autonomia social diante de sua história de marginalização. Contudo, essa identidade é limitada, pois isso ocorre, apenas, quando os gays praticam ações sobre os seus próprios contextos de atuação (por exemplo, os eventos que organizam). Em relação ao seu papel de objeto, meta ou beneficiário de ações, o contrário acontece: eles são sempre apresentados como pacientes de outrem, seja um indivíduo heterossexual ou alguma instituição desligada do seu contexto de atuação. Esses resultados indicam que os homossexuais vêm obtendo grande visibilidade social nos jornais, entretanto são representados muito mais no exercício de seus papéis passivos, ou ativos com várias limitações, do que em suas práticas efetivas de atuação social. Isso, para nós, implica a construção de uma imagem social de visibilidade muito maior que antes, mas, ainda, com baixo nível de atuação ou, como preconiza Fairclough (2003), inclusão social por meio do discurso.

Palavras-chave: discurso, homossexualidade, representação social, transitividade verbal.

ABSTRACT

Homosexuality has always sorrow a state of social stigma and prejudice during the whole occidental history. For a long time it has been identified as an abnormal orientation when compared to heterosexuality. Sometimes it has seen as a heresy, sometimes as a mental disturb (GREEN; POLITO, 2004; TREVISAN, 2004). Nevertheless, due to increasing combat for freedom sexual orientation attempted to several homosexuals in the world, gays have reached social prominence in the last decades. One of the main areas of visibility is the newspaper once it is responsible for diffusing news about many affirmative actions from this group. Because of this, we aim to verify how homosexuality has being represented at printed journalistic settings in the last few years. Our data is composed by news about Sexual Diversity Parade published in the most read newspaper from Pernambuco – Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco and Jornal do Comercio – from 2000 to 2006. Framed in the research line of Socio-pragmatic Discourse Analysis, our study is based on theoretic-methodological conceptions from Systemic-functional linguistics developed by Michael Halliday (1970; 1985; 2004), considering his postulates about the ideational language function. We chose as analysis category the verbal transitivity that, according to Halliday (1985; 2004), constitutes a promising resource in order to investigate social representation. That is, the verbal processes used by journalists and the sort of role they attribute to gays – passive or active – work as resources which construct social images of homosexuality. Our theoretical postulates are based on the conception in which texts/discourses are effective social practices. So we founded on Critical Discourse Analysis, especially in the studies of Norman Fairclough (1989, 2001a, 2001b, 2003). We identified the way gays are presented on transitive enunciation and interpreted their value in wide social context. We analyzed enunciation with processes of material, verbal and mental types, that is, respectively, those that indicate concrete actions about an object (to mobilize, to mount), elocution ways (to speak, to tell) and cognitive or sentimental activities (to calculate, to wish). The great number of our data revealed that gays are presented as agents, that is, social actors who exert activities about others, what seems to them the guaranty of the social autonomy image before their history of marginalization. Although this identity is limited, since this happens only when gays practice actions about their own performance contexts (for instance, events they organize). In relation to their object role, goal or actions beneficiary, the opposite happens: they are always presented as somebody else' patients, a heterosexual individual or some institution far from their performance context. These results indicate that homosexuals have being gained a huge social visibility in the newspapers; however they are represented a lot more in the practices of their passive roles, or active with several limitation, from those ones of effective social performance. This implies a construction of a social image of visibility bigger than before, but it still has a low performance level or, as commended Fairclough (2003), social inclusion through discourse.

Key-words: discourse, homosexuality, social representation, verbal transitivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. Breves considerações teóricas sobre a homossexualidade: história e linguagem	14
1.1. Discursos sobre a homossexualidade: toda tomada de posição é política.....	23
1.2. O movimento homossexual no Brasil: luta e visibilidade.....	28
2. Características discursivas para um estudo sobre a representação da homossexualidade: uma perspectiva funcionalista	33
2.1. Manifestações funcionalistas: Fairclough e Halliday.....	37
2.2. A transitividade verbal como mecanismo de construção da representação social.....	41
3. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico e desdobramentos teóricos.....	50
3.1. Análise Crítica do Discurso: gênese e agenda científica.....	56
3.2. Fairclough e a Análise do Discurso Textualmente Orientada.....	58
4. Discussão crítica sobre os dados.....	63
4.1. Resultados quantitativos e preliminares.....	64
4.2. Análise qualitativa: visibilidade não é inclusão.....	66
4.2.1. Os processos de dizer.....	67
4.2.2. Os processos de pensar e sentir.....	72
4.2.3. Os processos de fazer e os papéis ativos.....	75
4.2.4. Os processos de fazer e os papéis passivos.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

No nosso cotidiano desenvolvemos, por meio da linguagem, diversas estratégias de inclusão e exclusão do outro. Os homossexuais foram e são, historicamente, alvo de grande parte dessas estratégias. A presente pesquisa tem por objetivo investigar como o homossexual é julgado, nos últimos anos, no espaço jornalístico. A partir dos resultados obtidos, tentamos mostrar como essas estratégias podem, segundo afirma Emilia Pedro (1997, p.35), “recolocar os papéis e rearranjar as relações sociais entre os participantes; podem, digamos, dar aos atores sociais papéis ativos e/ou passivos”.

Com base nos postulados da Análise Crítica do Discurso, especialmente os amparados na Teoria Social do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough (1989; 2001a; 2001b; 2003), e nos estudos funcionalistas sobre a transitividade verbal cunhados por Michael Halliday (1970; 1985; 2004), nossa pesquisa tem como objetivo central investigar, em textos jornalísticos impressos no Estado de Pernambuco, durante o período de 2000 a 2006, o grau de agência (ofuscada ou enfatizada) atribuída aos homossexuais e interpretar de que maneira o discurso que os representa nesses jornais indica posicionamentos ideológicos e funciona como práticas sociais concretas.

Segundo o lingüista crítico Kanavillil Rajagopalan (2004), nós, pesquisadores, somos responsáveis pela sociedade: nosso papel ultrapassa a função da ciência e devemos assumir uma postura política em toda e qualquer prática científica. Assim, podemos afirmar que o nosso trabalho se configura como o desejo de compromisso com uma investigação científica que adote e assuma um papel político claro perante o seu objeto de estudo. Nessa perspectiva, esta dissertação se confessa declaradamente engajada com os interesses dos homossexuais, pois nossa motivação em desenvolver esse trabalho surgiu pela possibilidade de contribuirmos para a reflexão sobre a função da linguagem na representação da homossexualidade. Para isso, buscamos oferecer análises que revelam algumas estratégias discursivas utilizadas pela imprensa para construir a imagem pública dos homossexuais, grupo, historicamente, considerado de minoria.

Nosso *corpus* constitui-se de trinta e duas notícias sobre as Paradas da Diversidade Sexual de São Paulo e do Recife publicadas nos três jornais de maior

circulação no Estado de Pernambuco – Diário de Pernambuco (DP), Folha de Pernambuco (FP) e Jornal do Commercio (JC) – dos anos 2000 a 2006. Os dados dos cinco primeiros anos foram colhidos na Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco, no Recife, e os demais, em jornais adquiridos nas bancas de revista. Nosso recorte diacrônico justifica-se porque, de acordo com os estudos sobre a homossexualidade no Brasil (como veremos no primeiro capítulo), nos últimos anos, os homossexuais vêm obtendo visibilidade em todo o mundo, devido a sua participação política em mobilizações públicas para reivindicarem respeito social e garantirem seus direitos legais, como o casamento civil e a adoção de crianças. A razão do recorte diatópico se justifica por que, de acordo com pesquisas feitas por várias instituições engajadas na luta contra a homofobia, Pernambuco ocupa o segundo lugar no *ranking* dos Estados onde os homossexuais mais sofrem violência, seja física seja moral.¹

A opção por notícias sobre as paradas se deu porque, nas semanas em que acontecem esses eventos, os homossexuais são assunto freqüente nos jornais. Contudo, embora nessas semanas ocorram diversas mobilizações sociais desse grupo nas cidades do Recife e de São Paulo, em muitos dias dessa manifestação, os jornais não publicam nada sobre ele. Em decorrência disso, selecionamos as notícias do mesmo dia e do dia posterior em que ocorrem as paradas, pois há uma recorrência maior de publicação, inclusive apresentando os homossexuais na primeira página do jornal, algo que é muito pouco comum acontecer.

São nossos objetivos específicos:

1. identificar, com base nos pressupostos teóricos da Lingüística Sistêmico-funcional desenvolvidos por Michael Halliday (1970; 1985; 2004), como funciona o discurso sobre os homossexuais nos textos dos jornais que selecionamos para a constituição do *corpus*. Para isso, adotamos como objeto de análise a transitividade verbal desenvolvida nos enunciados que predicam o homossexual ou algo a ele ligado, como as organizações GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) e os eventos que elas organizam. Buscamos verificar como os jornais citados produzem imagens de autonomia ou de submissão do homossexual mediante a análise dos constituintes dos enunciados transitivos – os processos (verbos) e os papéis

¹ As notícias que são analisadas sobre as paradas estão reproduzidas, na íntegra, em anexos a esta dissertação e esclarecem como ocorrem esses eventos.

temáticos dos participantes (ator e objeto) – cuja função entendemos como uma ferramenta importante na construção social da homossexualidade;

2. utilizar as contribuições da Análise Crítica do Discurso, fornecidas pelas pesquisas de Fairclough (1989; 2001a; 2001b; 2003), para interpretar a representação do homossexual no discurso jornalístico. Com isso, pretendemos compreender como, nesse domínio discursivo, constrói-se um conjunto de práticas sócio-discursivas que se apresentam como relevantes, do ponto de vista social, ao estatuto dessa orientação sexual;

No procedimento de análise, observamos o valor semântico do processo verbal que se refere aos homossexuais, seguindo o arcabouço teórico de Halliday (1985; 2004), que classifica os processos em materiais, verbais, mentais, comportamentais e relacionais. Contudo, como explicaremos no segundo capítulo, consideramos apenas os processos materiais, verbais e mentais, pois eles servem para verificarmos os papéis ativo ou passivo que o homossexual assume no enunciado. Buscamos revelar, assim, como os gays são predicados, praticando (ativo) ou sendo objeto, meta ou beneficiário (passivo) de alguma ação, seja ela uma ação física (processo material), enunciativa (processo verbal) ou cognitiva (processo mental).

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro consiste na exposição de um conjunto de informações sobre a história recente do homossexual no Brasil, sua representação na mídia e o paulatino processo de militância social das ONGs que defendem os direitos dos gays.

Apresentamos, nesse capítulo, um breve panorama das discussões mais recentes sobre a homossexualidade no Brasil: expomos um pouco da história do tratamento dado aos gays e da concepção acerca do termo “homossexual” durante os séculos XIX e XX e debatemos a importância da organização social dos homossexuais, nas últimas décadas, como instrumento de visibilidade desse grupo. Para isso, adotamos, como fundamentação teórica, o pensamento de alguns autores que se empenharam em escrever sobre a condição dos homossexuais nos últimos anos. São eles, entre outros, Green e Polito (2004), que apresentam reflexões sobre a construção da homossexualidade em várias esferas sociais; Fry e MacRae (1985), cujo trabalho é precursor, no Brasil, pois tenta definir a homossexualidade através de diversas perspectivas teóricas, e Trevisan (2004), autor do maior tratado brasileiro das últimas décadas sobre a visibilidade alcançada pelos homossexuais

por meio das políticas que empreenderam contra o preconceito. Esses trabalhos esclarecem o percurso das relações sociais que se vêm estabelecendo, no Brasil, nos últimos anos, entre os homossexuais, as organizações sociais de afirmação homossexual, o Governo e a sociedade civil, e introduzem questões teóricas das Ciências Sociais sobre a homossexualidade.

O segundo e o terceiro capítulo apresentam uma exposição das teorias que sustentam a nossa abordagem – a Lingüística Sistêmico-funcional de Michael Halliday e a Análise Crítica do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough. Sobre a primeira perspectiva, fornecemos informações que consideramos relevantes para a nossa pesquisa, pois entendemos que é por meio de uma análise funcional da linguagem, numa abordagem sintático-semântica da transitividade verbal, que podemos perceber quais representações conferem hegemonia aos discursos que selecionamos para analisar; com isso, refletimos sobre a transitividade, explicando o seu papel nos nossos dados. Apontamos os constituintes do enunciado e o significado que eles podem assumir, destacando alguns exemplos do nosso *corpus*.

Quanto à segunda perspectiva, por compreendermos que o papel da Análise Crítica do Discurso é fundamental quando se trata de analisar a representação social, apresentamos um panorama histórico dessa área e um breve arcabouço das concepções preconizadas pela Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), desenvolvida por Norman Fairclough (2001a). Entendemos que essa vertente teórica, como preconiza Abril (2003, p.57), consiste num “recurso teórico-metodológico que permite desvelar conteúdos, estratégias e estruturas inerentes às representações sociais que, por sua vez, revelam formas de conhecer e explicar a realidade num grupo determinado”.

É pretensão primeira de nossa pesquisa investigar a prática discursiva sobre a homossexualidade nos jornais citados, a fim de contribuir para as investigações sobre tal discurso. Buscamos, para isso, compreender como esse discurso se configura enquanto prática social que representa a homossexualidade e, assim, oferecer uma interpretação dos dados de modo a considerar, conforme Halliday (1970; 1985; 2004), a função ideacional da linguagem que se realiza nesses textos, ou seja, o seu papel de representar e construir a realidade social. No quarto capítulo apresentamos uma relação das ocorrências dos enunciados transitivos que envolvem os gays (resultados quantitativos) e desenvolvemos análises interpretativas sobre esses enunciados, a fim de constatar os de que maneira os

homossexuais são representados nos nossos dados e o que isso implica do ponto de vista de sua representação social.

No tópico sobre os resultados quantitativos, apresentamos uma amostra da varredura que fizemos em todas as notícias, para identificar os enunciados transitivos nos quais o indivíduo homossexual é mencionado, e classificar os participantes e processos. Com isso, verificaremos de que forma os gays são predicados: como sujeitos passivos ou ativos dos processos sociais. Já no tópico que apresenta análises de ordem qualitativa ou interpretativa, partimos do resultado da análise anterior e desenvolvemos uma interpretação, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, buscando entender os dados como indicadores de uma representação social construída discursivamente. A partir daí, tecemos considerações sobre os enunciados que selecionamos e, conseqüentemente, os textos em que eles estão inseridos, identificando o que significam para o estudo crítico sobre a homossexualidade.

Ratificamos, então, os propósitos de conscientização social da nossa pesquisa, ao propormos, através da nossa investigação, desvelar os discursos/práticas sociais que fornecem representações do homossexual no domínio jornalístico. Esperamos ter contribuído, ao menos, para uma reflexão crítica sobre a importância de se debater a homossexualidade em mais de uma perspectiva e para nos lembrarmos de que esse debate pode se configurar numa relevante intervenção da Lingüística na sociedade em geral.

1. Breves considerações teóricas sobre a homossexualidade: história e linguagem

Historicamente, falar de sexualidade é sempre enunciar de um lugar polêmico e propenso à falta de definição. Culturas e tradições extremamente distintas criaram diferentes conceitos sobre *sexo*, *orientação sexual*, *identidade sexual*, entre outros termos ligados ao domínio da sexualidade, e seus vários discursos, no decorrer da história, revelaram diversos posicionamentos políticos e ideológicos. Basta pensar no que significou, durante muitos anos, o incesto para os egípcios antigos ou, ainda, o que significa, hoje, o valor dado ao gênero masculino na sociedade judaica no Oriente Médio. Esses exemplos constituem marcas ideológicas acerca da sexualidade que carregam significados culturais específicos e são, segundo Highwater (1992), indicadores históricos do comportamento sexual e do significado que atribuímos a ele, cuja construção e mudança são formadas em seu entorno sociocultural.

Para Highwater (1992:24), o que é comum e “caracteriza o ponto de vista ocidental é pensar na sexualidade em termos de opostos binários: homem e mulher, heterossexual e homossexual”. Em razão disso, normalmente, não nos damos conta da variação que existe na nossa sexualidade, porque “semelhante obsessão com as forças contrárias e a respectiva conexão com a moralidade dificultam a compreensão da sexualidade de outros povos e outras eras” (HIGHWATER, 1992:24).

De acordo com o mesmo autor, a mais antiga referência ao termo “sexo” é datada do século XVI e dizia respeito à divisão dos seres humanos em homens e mulheres e às diferenças que os distinguem do ponto de vista do sexo biológico. Contudo, o significado da palavra “sexo” que predominou, desde o século XIX, foi o de sexo como relação física – o ato sexual. Highwater (1992:14) atenta para o fato de que “a extensão do sentido dessa palavra indica uma mudança na forma como a ‘sexualidade’ [...] é compreendida em nossa cultura”, tendo em vista que a concepção da sexualidade é formada por diversos fatores e o significado do termo “sexo” varia de acordo com os traços socioculturais que envolvem esse significado. Portanto, a construção social do sexo ou da sexualidade nos séculos XVI e XIX está intrinsecamente relacionada com os valores do homem desses períodos.

Highwater (1992) ainda postula que algumas definições da sexualidade são, na verdade, paradigmas ou protótipos de uma sociedade e de uma cultura que retratam seus mitos. Isto é, “o que dá forma à sexualidade são as forças sociais [...] Temos de reconhecer que o sexo é objeto de intensa sociabilização e que toda cultura define várias práticas como próprias e impróprias, morais e imorais, sadias e patológicas” (HIGHWATER, 1992:15-16).

O primado que sustenta essa postura epistemológica de Highwater leva em consideração a construção da sexualidade desenvolvida no bojo dos processos sócio-históricos, culturais e, também, discursivos, que se engendram e se constituem como práticas sociais categorizadoras. Significa dizer que a construção do sexo/da sexualidade sempre foi e será constituída em relações sociais situadas historicamente e caracterizada por pressões ideológicas.

Segundo Foucault (2005), até o século XVII havia um grande despudor social com as práticas sexuais. Foi entre o século XVII e o século XIX que a sexualidade passou a ter um estatuto velado, privado, e começou a servir, apenas, para a reprodução, sendo, nesse intervalo de tempo, somente o casal heterossexual legalmente casado quem ditava os significados sociais da sexualidade. Por isso, o único lugar reconhecido para o sexo era o quarto dos pais de família, pois se considerava que eram apenas eles os detentores do saber sobre o assunto. Isso ocorreu por que, nesse período, o sexo não era objeto de conhecimento compartilhado e o discurso sobre ele era totalmente reprimido, cabendo, apenas, aos casais discutirem-no. De acordo com Foucault (2005), a burguesia da época vetava o conhecimento sobre o sexo e a sexualidade humana. Além da intimidade dos casais, as casas de saúde e o *rendez-vous* eram os únicos lugares onde se permitiam o discurso e o conhecimento sobre tudo que estava ligado ao sexo e à sexualidade.

A origem dessa repressão coincide com a expressão do capitalismo que conduzia a ordem burguesa da época. Devido a isso, uma das hipóteses de Foucault (2005) é que, nesse momento histórico, o sexo foi reprimido com rigor, porque a atividade física deveria ser reservada para o trabalho fabril, bastante valorizado nesse período; ficando, assim, a prática do sexo restrita à reprodução. A partir desse momento, a liberdade sexual, o conhecimento sobre o sexo e o direito de falar sobre ele encontraram-se ligados a uma causa política.

É válido salientar que o discurso repressor não apagou o sexo totalmente, mas o redimensionou, pois o tratou, apenas, como uma atividade para a reprodução humana. Para que o sexo fosse desvinculado da repressão, seria, assim, imprescindível uma reelaboração dos mecanismos de poder sobre ele, a suspensão de interdições, a irrupção da palavra e a restituição do prazer real.

Devido ao interesse pela relação entre sexo e poder travada na época, a sociedade toma conhecimento de um deslocamento da conduta padrão do que se normatizou como sexualidade: uma identidade sexual não concebida até então. A população passou a conceber outra orientação sexual ainda não categorizada e que possuía psicologia e personalidade diferentes das consideradas normais: o indivíduo denominado “homossexual” – termo criado em 1870 por um homem que se acreditava modificado biologicamente, pois não sentia inclinação afetivo-sexual da ordem “comum”, ou seja, desejo pelo sexo oposto. Desde então, essa orientação passou a ter um representante empírico na figura do denominado homossexual, que se tornou, a partir daí, estudo da psiquiatria, pois foi considerado insano. Além disso, a sociedade passou a punir os indivíduos que se enquadravam nesse perfil, porque eles iam contra o ideal de sexualidade vigente na época e estavam dispostos a atividades sexuais cuja função não seria a reprodução humana.²

Embora, nesse período, já se tenha conferido o nome de “homossexual” a esse indivíduo, foi no fim do século XIX, que se criaram diversos termos que proporcionaram várias imagens sobre o homossexual. Green e Polito (2004) apontam alguns desses nomes em textos que remontam à história da representação da homossexualidade no Brasil dos últimos séculos.

Esses autores lembram, por exemplo, que um dos primeiros estudos escritos brasileiros que abordavam o assunto – *Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis* –, produzido pelo médico Francisco Ferraz de Macedo, em 1872, tratava os homossexuais de “sodomitas”:

Por caracteres especiais e disposições anatômicas, de que não trato, poderíamos afirmar o maior número de vezes que é sodomita passivo o indivíduo que examinarmos [...] Pode-se dizer que os sodomitas estão

² Foucault (2005) não afirma que, até esse período, não havia homossexuais, mas que, somente nesse momento histórico, a sociedade passou a reconhecer um indivíduo com essa orientação sexual.

distribuídos em toda a cidade [...] Os sodomitas passivos não têm domicílio certo (Green e Polito, 2004:27)

O termo “sodomita” remete-se à Sodoma. Essa cidade, de acordo com a bíblia, teria sido destruída por Deus devido à prática de atos homossexuais, o que revela a homossexualidade sob a perspectiva do pecado.³

Outra obra de destaque acerca do assunto foi, segundo Green & Polito (2004), *Homossexualismo*, escrita por José Ricardo Pires e publicada em 1906, abordando a vida de homossexuais cariocas. Nela o termo usado para representar o homossexual foi “uranista”:

Até dez anos passados os uranistas entregavam-se aos prazeres lúbricos em hospedarias, em casas de alugar quartos por hora, ou em domicílio próprio, sendo todos esses lugares de rendez-vous mais ou menos conhecidos pela polícia, toleradora do exercício da libertinagem masculina. (Green e Polito, 2004: 31)

Nesse caso, o termo “uranista” é utilizado porque se refere ao culto a Vênus Urânia, que, de acordo com Trevisan (2004: 113),

era muito comum no jargão científico do século XIX, usado até inícios do século XX. Partia-se de uma idéia divulgada por Platão, em O banquete, segundo a qual o amor de Vênus (ou Afrodite) Urânia só seria compartilhado pelos machos, de modo que ‘seus afeiçoados voltam-se ao que é másculo’.

Anos mais tarde, em 1938, como indicam Green e Polito (2004), o pesquisador Whitaker produz uma versão paulista do estudo que José Ricardo Pires desenvolveu e, em seu texto, faz uso do termo “pederasta”, que Green e Polito (2004: 32) também apresentam: “Os pontos habitualmente freqüentados pelos pederastas são: Parque Anhangabaú, Jardim da Luz, Praça da República, Estação da Luz (mictório) [...]”.

³ Esse discurso médico reforça a concepção adotada na época e preconizada na bíblia de que o sexo deveria servir apenas como uma prática para a reprodução humana.

“Pederasta” foi uma palavra bastante usada, durante muito tempo, para representar os homossexuais e fazia alusão à pederastia, prática sexual muito comum em Esparta, na Grécia Antiga, entre os homens gregos mais velhos e os adolescentes, como forma simbólica desses homens repassarem seus conhecimentos ao assumirem papel ativo na relação sexual com os garotos.

Com esses exemplos, podemos perceber que a homossexualidade passou a ser, lingüisticamente, uma prática marcada, não comum. Até o século XIX, não havia, do ponto de vista lingüístico, termos para categorizar as orientações sexuais. Isso ocorre, inicialmente, quando se nomeou a homossexualidade e, a partir daí, seu oposto, a heterossexualidade. No momento em que surgiu, o termo “homossexual” era objeto do discurso psiquiátrico, e estava, também, começando a ser usado pelos heterossexuais como forma de denominar quem não se enquadrava no perfil de sexualidade tido como padrão. Devido a isso, ainda hoje, pesquisadores, como Costa (1992), por exemplo, acreditam que, ao empregarmos os termos “homossexual” e “homossexualidade”, agimos ideologicamente inspirados pelas idéias vigentes no século XIX sobre essa orientação sexual. Costa (1992:11) afirma que:

homoerotismo é preferível à “homossexualidade” ou “homossexualismo” porque tais palavras as remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à idéia do “homossexual”. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de que existem uma sexualidade e um tipo humanos “homossexuais”, independentes do hábito lingüístico que os criou.

Para Costa (1992), a utilização dos termos “homossexualidade” ou “homossexualismo” associa o indivíduo que possui inclinação homoerótica (termo preferido pelo autor) a valores do domínio psiquiátrico, que o concebe como doente mental. Segundo esse autor, a substituição do termo “homossexualidade” por outro seria uma decisão politicamente correta, razão pela qual ele apresenta “homoerotismo” como sugestão, mas não justifica essa escolha.

Os termos “homossexual” e “gay” não são, atualmente, representantes de uma formação discursiva específica, pois têm sido usados em discursos filiados a

diferentes formações discursivas, aparecendo tanto em contextos negativos quanto em contextos positivos de uso. Eles estão, hoje, desvinculados de uma relação exclusiva com os discursos em que foram inicialmente constituídos. Ou seja, esses termos sofreram generalização de uso e podem ser aplicados em diferentes contextos, apresentando diferentes significados.⁴

Conforme Fry e MacRae (1985), com o advento das constantes mobilizações políticas em prol dos direitos dos homossexuais, os próprios gays ajudaram a reformular o léxico utilizado para denominá-los. Por exemplo, na década de 1960, nasce um novo termo para nomear o homossexual: *entendido*. É uma versão do “gay” norte-americano, que surge na mesma época nos Estados Unidos. Ambos os termos designavam os indivíduos que não apresentavam os traços afeminados associados aos homens homossexuais ou masculinizados atribuídos às mulheres lésbicas.

Entretanto, os grupos homossexuais, com o passar dos anos, resolveram rejeitar os termos “entendido” e “gay”, preferindo denominarem-se com o já existente “bicha” (termo de significado pejorativo usado na época). Passaram a usá-lo por acreditarem que “bicha” revela maior contundência na militância de afirmação e chama, facilmente, a atenção da sociedade. O termo “bicha” foi utilizado com um objetivo político claro: de o homossexual conduzir a opinião pública a considerar o seu comportamento e a sua existência.

Ainda hoje, em virtude de a homossexualidade sofrer altos índices de preconceito, os termos ligados ao seu domínio vêm-se reformulando e produzindo sentidos negativos para a representação social do indivíduo que é gay. Em função disso, não se sabe, quase nunca, qual o termo politicamente correto e adequado para se referir a ele.

Green e Polito (2004) nos lembram que o léxico usado pelos próprios homossexuais hoje, é, muitas vezes, um reforço da linguagem do outro que o denomina. É comum vermos a utilização dos termos “veado”, “bicha”, “sapatão”, entre outros, quando alguém quer se referir a uma pessoa de orientação homossexual, principalmente se quem denomina é heterossexual. Inclusive, palavras como “bicha” e “frango” foram catalogadas, segundo Green e Polito (2004),

⁴ Visto que toda análise crítica do discurso deve refletir sobre de sua própria prática discursiva, justificamos que usamos os termos “homossexual” e “gay” nesta pesquisa, pois acreditamos que eles, em nosso contexto histórico atual não carregam traços semânticos que os marcam como representantes de nenhuma formação discursiva específica.

por Whitaker, em 1938, como, respectivamente, homossexual que assume papel passivo na relação sexual e homossexual jovem e, hoje, vêm sendo incluídas em diversos glossários sociolingüísticos para a descrição das gírias dos gays.⁵ Esses termos são usados, também, pelos homofóbicos para depreciarem a imagem do homossexual. Diante disso, Green e Polito (2004) chamam a atenção para o fato de que a linguagem dos homossexuais tem natureza ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que demarca o grupo dos gays, também é usada agressivamente por heterossexuais para referir-se a esse grupo.

Além dessas formas de atribuição aos indivíduos, muitos são os termos relacionados à sexualidade, usados sem que saibamos o seu significado, o que gera confusão na forma de compreender a homossexualidade. Por exemplo, *identidade sexual* ou *sexo biológico* não é o mesmo que *orientação sexual*. A comparação feita entre a orientação sexual e o sexo biológico consiste numa falácia que sustenta vários mitos em torno do que seja a homossexualidade e que produziu, historicamente, posicionamentos preconceituosos no tratamento dado aos homossexuais em diversas culturas. Esses dois termos indicam duas instâncias distintas da sexualidade e, por isso, devem ser tratados, também, de modos distintos.

O sexo biológico, isto é, a constatação de uma identidade sexual, através da genitália e do aparelho reprodutor, não deve ser confundida com a orientação sexual. Esta significa o desejo afetivo-sexual que o indivíduo sente, seja pelo mesmo sexo biológico, ou não, e é influenciada por fatores de ordem psico-social. Já o sexo biológico, que é o que revela o gênero ou a identidade sexual do indivíduo, é definido por parâmetros estritamente fisiológicos.

De acordo com Fry e MacRae (1985), não construímos historicamente a identidade de um homem ou de uma mulher a partir de critérios biológicos, mas sempre do ponto de vista do comportamento considerado apropriado a ambos numa dada cultura; são comportamentos impostos por uma série de mecanismo sociais de instituições como a família, a igreja e a escola, por isso, desde cedo, “meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os

⁵ Atualmente já existe um dicionário que apresenta, em português, apenas termos da linguagem do homossexual: *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, escrito por Vitor Ângelo e Fred Lib e publicado pela Editora do Bispo em 2006.

comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer ‘desvio’ é reprimido” (FRY e MACRAE, 1985:11).

Se o parâmetro para decidir quem é do sexo masculino e quem é do sexo feminino é de ordem sociocultural, pois, geralmente, o paradigma para definir os aspectos de homens e de mulheres são os comportamentos sociais, quando se trata da orientação sexual a tendência é o contrário. Normalmente, o senso comum acredita serem elementos biológicos que caracterizam a homossexualidade e a heterossexualidade.

Na esteira do pensamento de Fry e MacRae (1985), é possível perceber que o senso comum legitima a idéia de que, necessariamente, o homossexual masculino precisa apresentar traços femininos e a homossexual feminina precisa ser máscula. Conforme esses autores, o discurso do senso comum aponta, sempre, uma condição biológica para definir o comportamento social.

De acordo com Fry e MacRae (1985), hoje é possível encontrar diversos debates que polemizam o significado e a origem da homossexualidade, desde algumas abordagens científicas médicas, que entendem a sexualidade como resposta do comportamento neurobiológico, até algumas perspectivas visionárias, que acreditam que os gays resultam de forças sobrenaturais que incorporam os seres humanos. Contudo, esses autores defendem que os “homossexuais não sofrem de nenhuma ‘condição’, mas que acabam, isto sim, sendo levados por pressões sociais, em grande parte, a desempenhar variações pouco ortodoxas dos papéis sociais normalmente atribuídos aos homens ou às mulheres.” (FRY e MACRAE, 1985:12)

O papel sexual de homem ou de mulher, isto é, a atuação do indivíduo durante o ato sexual, também é outro elemento que varia de acordo com a cultura e pode ser forjado socialmente, pois é desempenhado em domínio privado. Ele não é definido pelo sexo biológico, pois não há relação direta entre a genitália e o que é feito com ela durante o ato sexual. Contudo, a sociedade (a exemplo do discurso religioso e do discurso burguês) castrou as diversas possibilidades de papéis sexuais e as restringiu, em nome da defesa da reprodução humana, ao que se convencionou chamar de papéis sexuais masculino e feminino, ou, também denominados, papéis sexuais ativo e passivo, sendo estes compreendidos como os papéis que devem assumir, respectivamente, o homem e a mulher numa relação sexual.

Na contramão dessa ideologia, os homossexuais desorganizaram essa convenção, por não se enquadrarem no tipo de relação sexual até então considerada “comum”. Foi isso que deu margem à compreensão de que as práticas sexuais homoeróticas são anormais.

É possível, assim, chegar à conclusão de que a falta de clareza do senso comum acerca de todas as categorias que envolvem a sexualidade humana (identidade sexual, orientação sexual, papel sexual) ainda é enorme, pois a sociedade veio tecendo um fio condutor entre essas categorias sem nenhuma reflexão mais apurada sobre elas. Isso resultou no fato de a homossexualidade tornar-se um assunto discutido de modo marcado e polêmico.

O modo de se referir aos homossexuais passou a ser construído de maneira distinta daquela usada em relação aos heterossexuais. Isso fica claro se pensarmos que, ainda hoje, quando nos referimos aos indivíduos heterossexuais, não precisamos destacar a sua orientação sexual – definindo-o como “o heterossexual”. Mas assim fazemos com os homossexuais: assim, para falar a respeito de um indivíduo que é gay é comum denominá-lo de “o homossexual”, “aquele homossexual”, o que nos leva a crer que a palavra “homossexual” deixou de ter função de um atributo e passou a ser um substantivo, ou seja, passou a ser a essência e o modo como é denominado alguém, que, embora tenha outras características (profissionais, de personalidade, entre outras), é determinado por sua orientação sexual.

Diante disso, entendemos que essas formas de definir discursivamente a sexualidade do indivíduo gay (os termos usados para designar o sujeito, como homossexual, bicha, sapatão, gay, entendido, frango e as expressões utilizadas para as identidades sexuais, como sexo biológico, orientação sexual e papel sexual) remetem-se ao imaginário social desenvolvido sobre a homossexualidade, que a compreende como aquela orientação que precisa ser marcada, explicitada, enfatizada, por se tratar da “*outra* sexualidade”, a desviante, a diferente, a errada.

Essas práticas discursivas são históricas e perduram até hoje, pois falar sobre a homossexualidade ainda constitui, em muitos casos, uma prática discriminatória, que, embora varie de acordo com a cultura e o período histórico, carrega algo comum: a concepção de anormalidade. Essa concepção pode ser percebida por meio de vários mecanismos discursivos e em diversos domínios

sociais. Alguns deles apresentam seus valores de modo declarado e explícito e outros de forma velada.

1.1. Discursos sobre a homossexualidade: toda tomada de posição é política

Para Fry e MacRae (1985:07), “a homossexualidade é uma infinita variação sobre o mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. De acordo com esses pesquisadores, ela não significa algo definido, acabado; deve ser compreendida como o que se diz sobre algo, um discurso, e não algo em si mesmo. Seu sentido é socialmente situado e ideologicamente negociado através do discurso. O que nos leva a crer que não possui *status* ontológico, mas pode ser várias coisas, desde que signifique relações afetivo-sexuais entre indivíduos do mesmo sexo biológico. Desse modo, é possível construir inúmeros sentidos para a homossexualidade, conforme a concepção que se adote sobre ela, principalmente se se leva em consideração a ordem social, histórica e cultural em que o termo é empregado, ou seja, como preconizam Fry e MacRae (1985:10), “não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e [...] as idéias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e [...] são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades.” (grifo dos autores).

Várias orientações teóricas já conceituaram a homossexualidade como uma insanidade mental, reencarnação de espírito do sexo oposto, uma prática comum entre pessoas imorais e promíscuas, etc. O fato é que, diante de formas tão distintas de se concebê-la, é preferível, como afirmam Fry e MacRae (1985), não assumir nenhuma verdade absoluta sobre o que ela seja, mas tentar identificar quais são os sentidos apreendidos sobre essa orientação e, a partir daí, entender em que ordens de discurso eles foram produzidos e quais suas implicações sociais.

Highwater (1992:24) afirma que o sexo e a sexualidade são produtos de forças sociais e históricas, mas “como a ideologia ocidental insiste em que a atividade sexual seja puramente instintiva, inata, natural, relutamos em reconhecer que a sexualidade tenha uma história. Pelo contrário, estamos convencidos de que ela é impenetrável à mudança e, por conseguinte, existe, fora do tempo”. Esse princípio é fundamental para corroborar nosso argumento de que a homossexualidade ou qualquer outra categoria que remeta ao domínio sexual, ou,

ainda, quaisquer outras formas de categorizar a realidade são construtos sociais, ou seja, como ilustram Berger e Luckmann (2004:13), quando afirmam que a realidade social é estabelecida de forma relativa:

O que é "real" para um monge tibetano pode não ser "real" para um homem de negócios americano. O "conhecimento" do criminoso é diferente do "conhecimento" do criminalista. Segue-se que aglomerações específicas da "realidade" e do "conhecimento" referem-se a contextos sociais específicos.

É, assim, conforme esse postulado, que entendemos a homossexualidade em nossa pesquisa, como uma questão eminentemente cultural e política, pois acreditamos que a concepção do que venha a ser a homossexualidade ou a heterossexualidade é sócio-historicamente produzida.

Nessa perspectiva a homossexualidade é a relação sexual-afetiva entre pessoas do mesmo sexo e variará de sentido de acordo com o lugar de onde é enunciada, nos mais diversos contextos socioculturais e históricos. Contudo, criar conceitos sobre a homossexualidade, de acordo com Trevisan (2004), serve a objetivos de normatização e incentiva a política do gueto e do separatismo, numa discriminação às avessas, pois, embora não se disponha a discriminar, a definição sobre algo é sempre uma forma de se encontrar um enquadre perfeito para o objeto definido.

Toda definição consiste numa forma de representar um dado sob uma perspectiva específica. No caso da homossexualidade, apenas a definição disseminada de que se trata de uma relação afetivo-sexual entre indivíduos do mesmo sexo não se sustenta empiricamente, pois muitos casos desse tipo de relação acontecem e não são denominados de homossexuais, o que torna mais variável ainda a concepção dessa orientação. Por exemplo, garotos de programa que praticam sexo com homens não se denominam homossexuais; os adolescentes da Grécia Antiga que se desvirginavam com homens mais velhos, também não. Com isso, percebemos que o que determina a homossexualidade parece não ser, *per se*, a prática sexual com outro do mesmo sexo biológico, mas como o entorno social dessa prática a enxerga e a representa. Isso implica dizer que o significado dos desejos sexuais e o lugar social dos homossexuais e dos heterossexuais são socialmente construídos.

Dos postulados médicos aos discursos comuns da grande população, o homossexual sempre foi representado como uma anomalia que deveria encontrar maneiras para se manter escondida da sociedade. Muitos domínios sociais apresentaram suas versões sobre a homossexualidade. O primeiro foi a Medicina, que, de acordo com Green e Polito (2004:21), obteve por muito tempo a hegemonia nos discursos sobre essa orientação sexual.

os médicos tinham conceitos sobre o que era normal ou anormal, que os orientavam para caracterizar o homossexualismo como doença ou não. Tentavam discriminar os homossexuais como passivos, ativos ou mistos e procuravam também causas para explicar a existência de homens assim, fossem hereditárias, psicanalíticas, biotipológicas ou endocrinológicas.

Essas e outras formas de compreender o que é a homossexualidade foram empreendidas historicamente no discurso científico em geral. Green & Polito (2004) nos lembram que a primeira abordagem sobre a homossexualidade, feita, em 1872, por médicos ligados à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, trata da prostituição na cidade do Rio e da proliferação da sífilis, decorrendo daí a tese que defende a origem endocrinológica da homossexualidade. Abordagens como essa garantiram aos gays um status de objeto do estudo científico médico. No início do século XX era

extensa a aproximação entre médicos e aparato jurídico-policial, cabendo à polícia capturar homossexuais considerados delinquentes e entregá-los a pesquisadores do campo da medicina para 'estudos'. Uma vez apanhados pela lei, os homossexuais teriam dois destinos distintos, mas idênticos do ponto de vista do seu resultado: o confinamento. (GREEN e POLITO, 2004:21)

Embora o século XX tenha possibilitado a ampliação dos estudos sobre a sexualidade humana, oportunizando que vários campos a investigassem, conforme Trevisan (2004), na década de 1990, a Ciência Biomédica reforçou seus investimentos em pesquisas sobre a origem da homossexualidade, buscando, como outrora, desvendar a causa dessa orientação. Isso faz supor que, ainda hoje, para a

concepção médica, é possível identificar a gênese do desejo homossexual por meio da análise médico-biológica.

Dentre vários estudos desse tipo, nos anos 1990, algumas pesquisas de ordem neurobiológica e bioquímica atestaram a homossexualidade como congênita, caracterizada por uma alteração cromossômica: passou-se a defender que um cromossomo X numa região especial batizada de Xq28 é o responsável pela tendência homossexual. Tal investimento científico, no campo das ciências biológicas e médicas, dá margem à concepção que se sustentou, por muito tempo, sobre a homossexualidade: como um fenômeno de natureza neurobiológica, que, conseqüentemente, deve ser tratado como uma anormalidade da ordem cromossômica natural que forma os indivíduos.

De acordo com Trevisan (2004), mais recentemente, uma veterinária pesquisadora detectou que o estresse materno provoca menos virilidade nos filhos. Ela aplicou em ratos uma droga que produz ansiedade e notou que eles não acasalavam e não ejaculavam (um prejuízo hormonal e bioquímico da masculinidade), o que fez tal pesquisadora imaginar que existe uma base neural para o comportamento homossexual.

Conforme Trevisan (2004), estudos como esses podem descobrir fatos inovadores sobre a sexualidade humana, porém não explicam a constituição da homossexualidade, pois esta não se restringe, apenas, à discussão neurobiológica ou médica, mas passa, também, por um prisma sociológico e antropológico. Esse autor afirma que os dados culturais, educacionais e psicológicos interferem no comportamento humano e são responsáveis pela modificação das bases hormonais e metabólicas, tornando-se um grande bastião para a formação da sexualidade. Para ele, o homossexual não assume tal orientação sexual por uma livre opção, sem nenhuma intervenção sociocultural e psicológica. Foi seguindo essa perspectiva que muitas ciências, como a Psicologia, a Filosofia e as Ciências Sociais, passaram a se preocupar com a homossexualidade e deram a essa orientação um valor menos material e mais humano.

Diante desse engajamento das ciências humanas em estudar a homossexualidade, percebeu-se, nos últimos anos, que para um trabalho de pesquisa que investigue algumas representações sociais do gay é importante conhecer dois movimentos argumentativos que geram diferentes concepções para a imagem social da homossexualidade. De acordo com Guimarães (2004), uma parte

dos homossexuais, normalmente aqueles que apóiam ou participam de algum grupo de militância contra a homofobia, acredita que os gays e as lésbicas devem expor publicamente sua sexualidade, afirmando sua orientação sexual em atos públicos como a Parada da Diversidade Sexual. Segundo a autora, para eles, essas ações ajudam os homossexuais em suas conquistas políticas. Os que pensam assim têm a convicção de que os homossexuais só podem lutar por direitos civis a partir do momento que permitirem ser reconhecida a sua orientação sexual. Outra parte dos gays e lésbicas acha que o fato de se assumirem publicamente não passa de uma convivência com o sistema hetero-patriarcal-falocêntrico, que divide o mundo binariamente entre homens e mulheres e homossexuais e heterossexuais. Essas duas posições políticas e ideológicas direcionam contrariamente a visibilidade dos homossexuais.

Tal dicotomia de comportamento dos homossexuais representa uma posição política diante do modo como eles dão visibilidade a si mesmos; alguns utilizando a sua orientação como “bandeira” para conquistar seus direitos e outros ocultando sua sexualidade, por acharem que, na medida em que se definem por uma identidade oposta à outra dada como normal, reforçam os discursos sexistas e homofóbicos. Esse debate concebe a homossexualidade como um fenômeno sócio-político e segue na contramão do discurso do domínio médico ou neurobiológico. Diante de perspectivas como essa, parece ser importante entender a engrenagem da política de afirmação que os próprios homossexuais desenvolvem hoje, pois, assim, podemos analisar melhor a repercussão que eles possuem socialmente e como são representados na mídia.

A busca por pesquisas científicas que atestem e desvendem a origem da homossexualidade com base em diversas vertentes teóricas tem um pressuposto axiológico, que julga ser importante investigar a gênese da homossexualidade, por ela tratar de um desvio do que é entendido como normal. Em nossa pesquisa, não pretendemos formular nenhuma concepção sobre o que seja a homossexualidade, mas objetivamos apontar as características que conduzem à interpretação social sobre o que venha a ser essa orientação sexual, pois entendemos, como Rajagopalan (2003), que o lingüista possui responsabilidade social diante de sua investigação e que suas pesquisas podem contribuir com as discussões sobre os fenômenos sociais que extrapolam a linguagem.

Abordaremos a transitividade em notícias publicadas em jornais, justamente porque compreendemos que o jornal, por convergir informações de vários outros domínios, se mostra um rico material de investigação. Não visamos entender o que é a homossexualidade, tentando definir conceitos ou criando julgamentos sobre o assunto – desse modo recairíamos nos discursos hegemônicos que citamos aqui. Buscamos desvendar alguns procedimentos lingüístico-discursivos que revelem a concepção dessa orientação sexual no espaço jornalístico.

Nossa preocupação justifica-se por considerarmos que todas as informações expostas aqui sobre o tratamento durante muito tempo dado ao homossexual representam uma história de alijamento social, que ainda consideramos existir, embora de modo velado.

1.2. O movimento homossexual no Brasil: história de luta e visibilidade

De acordo com Trevisan (2004), os homossexuais têm uma capacidade inigualável para a subversão das convenções de poder que os controlam. Nessa subversão, segundo o autor, inscrevem-se: o deboche; a ironia; o riso; o descaso pelo padrão de sexo (como é o caso do travestismo – um homem que faz uso da imagem de mulher, mas que pode apresentar características híbridas); o uso diferenciado da linguagem e a subversão coletiva, como a formação dos guetos e das mobilizações sociais a favor da homossexualidade. Tudo isso deu força e disseminou os movimentos de afirmação gay em todo o mundo.

O movimento homossexual surgiu na Europa do século XIX com pouca visibilidade. Já no Brasil, a história da representação política dos homossexuais é muito recente. Apenas nas últimas quatro décadas, o movimento gay brasileiro veio apresentando fortes ações que se assemelham às mobilizações de vários grupos considerados excluídos da sociedade. Reivindicações nas ruas e manifestações na mídia foram os primeiros passos para um conjunto de atos de afirmação desses grupos.

A mídia impressa foi e é um dos recursos mais viáveis para se verificar a repercussão que os homossexuais vêm alcançando em suas mobilizações de afirmação social. Como afirmam Green e Polito (2004:18), “os jornais e revistas são fundamentais para avaliarmos como lentamente vai se tornando pública a questão da homossexualidade: de ‘criminoso’, ou ‘doente’, a militante do movimento gay,

muita coisa aconteceu, muita história se passou”. Não só as mídias produzidas e voltadas para homossexuais, como, também, aquelas dirigidas ao público em geral, são dados de grande riqueza para verificarmos como ocorreu o processo de visibilidade e inserção social dos gays.

A aparição dos homossexuais na mídia foi historicamente marcada por muitos estigmas. Segundo Green e Polito (2004), no início da década de 1960, os homossexuais só eram representados nos cadernos policiais ou nas matérias sobre o carnaval, mas, em 1963, foi editada uma das primeiras publicações para gays no Brasil: *O Snob*. Era um jornal distribuído gratuitamente na Cinelândia e em Copacabana, no Rio de Janeiro, que foi publicado de julho de 1963 a junho de 1969, sendo extinto pelo regime militar. No início era uma brincadeira entre os homossexuais, mas foi se politizando e tornou-se um espaço de discussão de problemas sociais da realidade brasileira, principalmente de questões ligadas ao homossexual. Seu surgimento motivou a publicação de outros jornais semelhantes, como *O Centro*, *Darling*, *Gay Society*, entre outros.

Durante os anos 1970, no Brasil, os homossexuais ocuparam a grande imprensa através de colunas dirigidas a eles. Passaram, então, a ter certa visibilidade; o que não acontecia antes. Publicaram, com isso, textos independentes para reivindicar seus direitos e fortaleceram os movimentos de afirmação em todo o país, com o apoio de associações internacionais, resultando, daí, as primeiras passeatas de afirmação. Hocquengem (1980) relata que, nesse período de ditadura militar, o país reprimia constantemente as ações que alguns indivíduos gays empreendiam; eram comuns assassinatos de travestis e a censura de periódicos com a temática homossexual que circulavam nas capitais.

Na perspectiva, então, de haver uma organização política, de acordo com Green e Polito (2004:178), “o ano de 1977 assistiu a uma verdadeira explosão discursiva em torno da homossexualidade no Brasil. Inúmeras matérias em jornais e revistas [...] atestam o fato de que os gays tinham se tornado um assunto público de grande relevância.” Nesse período histórico, em que o Brasil já caminhava para uma abertura política e o fim da ditadura, eis que surge, em 1979, o jornal *O Lâmpião da Esquina*, hoje considerado um marco no amadurecimento político dos movimentos de afirmação, pois foi, com o surgimento desse jornal, que intelectuais e artistas homossexuais, que pretendiam debater a homossexualidade, se aliaram aos outros grupos de minorias – por exemplo, os negros, as feministas, os índios e os

movimentos ecológicos – e fortaleceram o movimento de afirmação homossexual como um movimento social de reconhecimento nacional. Por exemplo, era costume *O Lâmpião* abordar, de modo sistemático e não pejorativo, a homossexualidade em seus aspectos políticos, existenciais e culturais. Paralelamente às ações jornalísticas, esse jornal alavancou uma manifestação pública através de uma carta ao Sindicato dos Jornalistas protestando contra a forma como alguns setores da imprensa apresentavam a homossexualidade.

O desenvolvimento de *O Lâmpião* acarretou o início de um desconforto na sociedade, que apenas enxergava o homossexual como objeto de escárnio, e passou a ouvir a voz desse indivíduo num dos espaços mais difundidos socialmente, o jornal. Entretanto, *O Lâmpião* sofreu um inquérito policial que, simplesmente, pelo fato de publicar conteúdos voltados para a comunidade gay, acusou-o de contrariar a “moral e os bons costumes”, embora não houvesse menção no código penal a tal assunto. Com isso, esse jornal foi extinto.

Durante os anos 1980, as manifestações políticas e reivindicatórias dos homossexuais acentuaram-se no Brasil – que amargou, paulatinamente, nesse período, o *status* de um dos países com maiores índices de assassinatos de homossexuais no mundo. Hocquenghem (1980) e Green e Polito (2004) afirmam que, no início dessa década, com a consolidação dos movimentos políticos e das publicações dos homossexuais, esboça-se uma conjuntura social e cultural muito distinta da época anterior. Nesse período, a AIDS dissemina-se em todo mundo e os primeiros a demonstrarem sintomas da doença foram os gays, o que lhes rendeu, por anos, o rótulo de “grupo de risco” dessa pandemia, que passou a ser conhecida como o *câncer gay*. Isso constituiu o estopim para emergentes ações de afirmação nos anos seguintes. Assim, tomadas de posição dos homossexuais para garantir seus direitos na sociedade e seu reconhecimento como indivíduos normais, seja através dos jornais, revistas ou passeatas, seja no uso da linguagem, passam a configurar uma forte luta que se difundiu por toda década de 1990, ao ponto de se formarem, no Brasil inteiro, diversas ONGs que se interessaram pela questão da homossexualidade, sejam elas compostas por gays ou não.

Para Trevisan (2004), essas organizações, juntamente com vários movimentos de afirmação dos homossexuais, ajudaram a consolidar, nos anos 1990, a abertura de ações políticas que legitimam a diversidade sexual. As minorias sexuais passaram a se expressar de maneira cada vez mais organizada,

culminando no crescimento das Paradas anuais do Movimento Brasileiro de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT).⁶ Essas Paradas consistem em passeatas onde há reivindicações dos homossexuais para garantirem seus direitos políticos, como a legalização do casamento entre indivíduos do mesmo sexo e a assistência judiciária para casos de violência contra os gays.

Conforme Trevisan (2004) e Green e Polito (2004), o mundo assiste hoje a um forte movimento de visibilidade dos homossexuais através, principalmente, de políticas públicas empreendidas em vários países, como a concessão de cirurgia para troca de sexo e a adoção de crianças por pais homossexuais. As Paradas têm tido um papel importante no pleito dessas políticas, pois tentam, por meio de ações públicas, conscientizar a sociedade de que os direitos dos heterossexuais e homossexuais são os mesmos. Elas surgiram em Nova Iorque, na década de 1970, e foram largamente adotadas no Brasil, ao ponto de, em São Paulo, ocorrer, atualmente, a maior Parada do mundo, com participação de mais de dois milhões de pessoas.

Além das mobilizações políticas, outro indício de que a representação social dos homossexuais vem se ampliando são as diversas leis promulgadas nos últimos anos, em vários estados brasileiros, contra o preconceito e a discriminação de orientação sexual. Essa defesa jurídica tem sido um dos exercícios mais concretos da inserção social dos homossexuais.

Trevisan (2004) considera que o começo da maior visibilidade homossexual se deu, de fato, na década de 1990, com o crescimento de espaços sociais dirigidos a esse grupo, como boates, saunas, cinemas, pousadas, festas, etc. Para esse autor, nessa década, o mercado passou a perceber o indivíduo gay como um excelente filão para o consumo. Foi, assim, que se difundiu o que, hoje, se denomina, de acordo com Trevisan (2004), *gay power*, ou seja, a atitude dos homossexuais em demarcar seu espaço social nos ambientes comerciais dirigidos a eles. A partir de então se dissemina a “política do gueto”, ou seja, a acelerada formação de espaços comerciais voltados apenas para os gays. Essa estratégia inseriu e legitimou a homossexualidade diante da sociedade de consumo. É o que ocorre, por exemplo, com pacotes turísticos voltados apenas a esse público; com

⁶ Hoje já se adota a sigla LGBT, cunhada pelo movimento de lésbicas como uma forma de protestar contra a posição secundária da mulher na sigla anterior (GLBT), posição essa, que, para as feministas lésbicas do movimento gay representa a submissão histórica da mulher e que foi reforçada, por muito tempo, pelo próprio movimento.

determinadas ruas nos centros urbanos tomadas por empresários que investem em bares e boates apenas para o entretenimento gay; de cinemas, saunas, *homepages*; etc.

Esse processo de “guetalização” tem tornado mais visível o homossexual na sociedade. Além disso, são, hoje, os proprietários de empresas dirigidas a esse público que, como forma de garantir seu marketing empresarial, financiam boa parte dos eventos de afirmação política dos homossexuais.

Diante desses exemplos da história de luta e visibilidade dos gays no Brasil, entendemos que o lugar social desse grupo é definido por ações dos próprios homossexuais em diversos domínios, mas também pela forma como a sociedade concebe essas ações. A partir da percepção de que estamos vivenciando um momento propício para a visibilidade dos gays (TREVISAN, 2004; GREEN e POLITO, 2004), acreditamos ser importante verificarmos de que forma a representação da homossexualidade se realiza no início desse milênio (do ano 2000 a 2006). Para tanto, buscamos, mediante uma análise lingüística, investigar que práticas discursivas engendram a imagem social dessa orientação sexual no domínio jornalístico e utilizarmos a transitividade verbal como um dos mecanismos dessas práticas discursivas.

2. Características discursivas para um estudo sobre a representação da homossexualidade: uma perspectiva funcionalista

De acordo com van Dijk (1988), a notícia deve ser estudada como um discurso público e pode ser objeto da investigação de vários campos de pesquisa que busquem compreender suas dimensões social, cultural e lingüística. Em nossa dissertação, procuramos entendê-la como um espaço privilegiado para a repercussão e realização de identidades sociais. Conforme van Dijk (2004), a notícia é um texto que objetiva informar um fato social e divide-se em três etapas: sumário (título e lide), evento principal (narrativa sobre o fato) e *background* (informações sobre as circunstâncias do fato). Apenas o evento principal constitui a etapa obrigatória de uma notícia, mas, em todas as etapas, pudemos identificar enunciados sobre os homossexuais em nossos dados e analisá-los .

Vejamos a notícia seguinte que foi publicada no jornal Diário de Pernambuco, no dia 28 de junho de 1998.

(01)

Dia de gays e lésbicas

*Hoje é o dia Internacional do Orgulho de Gays e Lésbicas. Para comemorar a data o Grupo Articulação e Movimento Homossexual do Recife realiza encontro na sede do Sindicato dos Servidores Públicos Federais, na rua Fernandes Vieira, nº 67, às 8h30. O tema em discussão será Sexualidade versus Violência entre Mulheres Lésbicas. Pela manhã, a jornalista Wilma Lessa, da Rede de Entidades pelos Direitos Humanos, fará palestra sobre o plano de direitos humanos. Em seguida, a antropóloga Huda Stadler dirige uma oficina sobre a violência entre esse grupo.*⁷

No fim da década de 1990, Recife ainda não era uma cidade onde ocorriam grandes eventos organizados por gays e destinados a eles mesmos. Em virtude disso, os jornais dessa região raramente publicavam notícias cujo foco eram os homossexuais, os quais tinham acesso ao espaço jornalístico apenas no carnaval, quando havia alguns bailes freqüentados por vários travestis, e em meio a notícias

⁷ Esse texto não está incluído no nosso *corpus*, porque foi publicado num período anterior ao que estipulamos para coleta dos dados.

policiais, caso houvesse assassinato de algum deles. Desse modo, o texto acima parece destoar do que era comum se ler na época.

Considerando todo esse contexto histórico e político, podemos ressaltar a forma como o exemplo 01 foi escrito: ele não destaca informações acerca do que são o Dia Internacional de Orgulho de Gays e Lésbicas e o Grupo Articulação e Movimento Homossexual do Recife e, exceto na primeira linha, em que há um enunciado no qual é apresentada a ação de o Grupo *realizar o encontro*, em mais nenhum momento aparecem representantes do Grupo ou mesmo um indivíduo homossexual que pratique uma ação ou que tenha visibilidade no texto.

Nessa notícia há apenas o uso de três ações: o ato de o Grupo *realizar o encontro* e as ações praticadas pelas convidadas para esse evento – a jornalista e a antropóloga – que, respectivamente, *fará uma palestra* e *dirigirá uma oficina*. Essas informações seriam suficientes se considerarmos que se trata de uma breve notícia, apenas para informar o local, o horário, o tema e os participantes de um encontro simples. Mas, como entendemos que o texto jornalístico é uma oportunidade de visibilidade do homossexual, podemos fazer uma leitura mais crítica da estrutura lingüística.

Pode parecer óbvia a apresentação do Grupo como aquele que, no máximo, realiza seu encontro, pois a notícia é, exatamente, sobre isso; ou a informação de que as convidadas praticariam ações no evento, uma vez que elas são convidadas para produzir algo. Contudo, se alargarmos nossa interpretação sobre as estruturas desse texto e atrelarmos essa notícia ao contexto histórico em que se encontrava a situação dos gays na mídia da época, podemos perceber que a representação dos homossexuais na notícia citada demonstra a atuação do Grupo como aquele que pratica apenas uma ação sobre o seu próprio encontro, o que, em termos da repercussão da homossexualidade, ajuda a construir a representação de um grupo capaz, apenas, de atuar em seu contexto – o encontro que organizou – de modo limitado, sem fornecer, efetivamente, uma imagem de autonomia dos gays.⁸

Essa interpretação, contudo, não pode ser deslocada de uma análise mais ampla. É preciso verificar como isso ocorre em várias outras notícias que apresentem a mesma finalidade – informar sobre eventos organizados pelos

⁸ Em nossas análises, percebemos que esse discurso perdurou por muitos anos.

homossexuais – e observar os textos em que há, mais de uma vez, a apresentação desse grupo. Entretanto, por considerarmos o contexto histórico em que se situava a representação dos gays no jornal e na sociedade e, sabendo das limitações de ação impostas a esse grupo, é relevante questionar qual o efeito que uma notícia como essa possui do ponto de vista social.⁹

Essa preocupação em relacionar a forma do texto e a função que essa forma desempenha num contexto mais amplo é o objetivo da Lingüística funcionalista, vertente teórico-metodológica que serve como um dos fundamentos epistemológicos para nossa pesquisa.

Essa perspectiva de investigação da linguagem e a forma como vamos empreendê-la é relativamente recente. Se incursionarmos pelos estudos lingüísticos, veremos que, durante muitos anos, a Lingüística foi fundamentada sob o paradigma do Formalismo, ou seja, foi a idéia de língua como estrutura/forma que perdurou até meados do século XX. Mas, nesse período, numa reação a essa vigência teórica, surgem estudos que propõem outra perspectiva lingüística, a investigação da língua sob a ótica funcionalista, isto é, a língua passou a ser vista como uma atividade social, manifestada estruturalmente, através da fala e da escrita, mas carregada de significados sociais que são definidos pelo modo como são organizados os textos e pela relação que estes mantêm com o contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos.

De acordo com Resende e Ramalho (2006), as diferenças entre as abordagens formalista e funcionalista decorrem de duas visões distintas sobre a linguagem:

a formalista julga a linguagem um objeto autônomo, enquanto a funcionalista a julga um objeto não suficiente em si. Isso significa que, para os formalistas as funções externas da linguagem não influenciariam sua organização interna, e a autonomia formal da gramática [...] A perspectiva funcionalista da linguagem, por sua vez, repousa sobre duas proposições contrárias às da formalista: a linguagem tem funções externas ao sistema, que são parte

⁹ Nosso intuito não é descobrir a intenção do jornalista, mas problematizar os efeitos de sua prática discursiva.

central dos estudos lingüístico-discursivos, e essas funções externas são responsáveis pela organização interna do sistema lingüístico. (RESENDE; RAMALHO, 2006:12)

A distinção fundamental entre o Formalismo e o Funcionalismo, como apresentam as autoras, corresponde à relação entre a língua e seus fatores intrínsecos e extrínsecos. O Formalismo desconsidera, em suas análises, a importância dos contextos histórico, cultural e cognitivo na produção e recepção dos textos. A essa corrente interessa investigar o funcionamento interno da estrutura lingüística, a forma. Já a perspectiva funcionalista analisa as funções que a linguagem exerce por meio da forma em seus diversos usos, isto é, a concepção subjacente a uma análise funcionalista é a de linguagem como discurso, ou seja, a de que a linguagem não se constitui apenas por um sistema estrutural, mas também pelos significados que esse sistema possui em situações específicas de funcionamento.

Na Lingüística Funcionalista, não se analisa o texto somente como um produto lingüístico formado por estruturas gramaticais, mas também como um processo, entendendo sua realização sociocultural, histórica e cognitiva, uma vez que o interesse do analista não é apenas a interioridade do sistema lingüístico, mas a organização desse sistema na relação com outros mais amplos, como, por exemplo, a representação dos grupos e das relações sociais. É relevante esclarecer, então, que nossa concepção de linguagem corresponde a uma perspectiva funcionalista e que trataremos nossos dados como textos (formas) que significam algo diante de uma situação histórica e social.

Há um tipo de estudo funcionalista, dentre os vários existentes, que propõe uma visão crítica sobre a construção das representações sociais por meio da linguagem. Trata-se da Lingüística Sistêmico-funcional, empreendida por Michael Halliday (1970; 1985; 2004) e corroborada por Norman Fairclough (2001a; 2003). Ela consiste numa abordagem emblemática dos estudos críticos da linguagem que compreende a escolha semântico-pragmática dos constituintes de um enunciado, avaliando, entre outras funções, seus estatutos ativo ou passivo numa prática discursiva de representação social.

2.1. Manifestações funcionalistas: Fairclough e Halliday

Fairclough (2001a) discute, em seus trabalhos, um constante imbricamento entre os universos textual e social, lembrando a concepção de discurso de Michel Foucault (1996), que atribui dois significados a esse termo: como um domínio geral de todas as sentenças (social) ou como uma prática regulada que conta com um número específico de sentenças (textual). Embora o filósofo francês não tenha feito análise de discurso, ele concebia uma investigação sobre o discurso como uma análise do domínio do texto, mas que, também, significava uma análise da realidade social.

Seguindo esse postulado teórico, Fairclough (2003) assume a concepção de discurso como uma forma de representar e construir os aspectos do mundo, ou seja, ele relaciona a composição de natureza discursiva à composição das representações sociais/ do mundo.

Para Fairclough (2001a), nossas práticas discursivo-textuais devem ser entendidas como práticas sociais; como um processo de produção, consumo e organização discursiva de natureza essencialmente social. Conforme esse lingüista, o modo como representamos/categorizamos os objetos do mundo não é por acaso. Não nomeamos, classificamos, predicamos ou conceituamos aleatoriamente. Ao falarmos ou escrevermos sobre algum objeto, damos sentido a ele e assumimos uma postura política diante dele, o que significa, então, que não apenas o expomos, mas, essencialmente, o constituímos, pois, enquanto o revestimos ideológica e politicamente a partir de nossa enunciação, reconfiguramos o seu sentido e o tornamos novo.

Fairclough (2003) é categórico ao afirmar que pessoas e discursos se complementam uns aos outros, pois, para ele, o discurso constitui parte dos recursos que uma pessoa dispõe para construir o que a rodeia, cooperando, competindo, dominando. Nesse sentido, qualquer realidade é um estado construído pelos indivíduos por meio da linguagem e esta é, por sua vez, resultado das relações sociais desenvolvidas a partir de uma determinada realidade. Os sentidos não estão dados e as identidades sociais não são essências inerentes aos sujeitos, mas instâncias formadas nessa dialética entre a linguagem e seu usuário.

É em virtude disso que Fairclough (2003) afirma que a representação social é uma prática discursiva e que o discurso não só expressa e fornece imagens de uma realidade, mas também gera, constrói essa realidade. Esse autor afirma que os discursos se desenvolvem através de vários traços textuais, principalmente no âmbito do enunciado, que, segundo ele, é um espaço privilegiado para se analisar os significados do texto, responsáveis, também, por construir o mundo. Teorizando em torno disso, Fairclough (2003) categoriza algumas formas de significado que podem se realizar textualmente e que relacionam a linguagem ao domínio social mais amplo:

1. Significado que um texto possui como parte dos eventos sociais – significado acional;
2. Significado que um texto dispõe para a representação do mundo – significado representacional;
3. Significado inerente ao texto para a construção das identidades das pessoas e dos grupos sociais – significado identificatório.

Fairclough (2003) afirma que esses significados são sempre simultâneos nos enunciados e cada qual apresenta uma perspectiva particular ao próprio enunciado. Essa é uma perspectiva funcionalista que Fairclough adota por entender que a língua é uma prática social.¹⁰ Para Fairclough (2001a), a abordagem sobre a vida social pode estar ancorada na análise de texto, que, por sua vez, pode ser a análise da materialidade do enunciado. Portanto, para ele, a análise dos significados textuais nos enunciados é sempre uma análise mais ampla do que uma identificação puramente estrutural da língua.

Essa teoria dos significados simultâneos é baseada no pensamento do lingüista britânico Michael Halliday (1970; 1985; 2004), autor da gramática sistêmico-funcional, uma teoria da descrição lingüística que entende a linguagem em termos funcionais, com o objetivo de desenvolver um sistema de interpretação e análise textual em que o analista considere a estrutura lingüística sob um viés sintático-semântico e pragmático, e, para Fairclough (2001a; 2003), também crítico.

De acordo com Halliday (2004), a linguagem é um sistema semiótico estruturado, estratificado em níveis (fonológico/ortográfico, léxico-gramatical e semântico). Para esse autor, quando usamos a linguagem, organizamos nossas

¹⁰ No próximo capítulo há um tópico destinado ao aprofundamento das propostas de Fairclough que fundamentarão nossa análise.

mensagens de modo a indicar como elas se encaixam com outras no âmbito textual e em contextos mais amplos nos quais falamos ou escrevemos. Segundo Halliday (1985: 2004), a multifuncionalidade da linguagem é uma propriedade fundamental para a organização lingüístico-discursiva. Desse modo, esse autor registra três macrofunções que atuam simultaneamente na linguagem e nos significados propostos por Fairclough (2003). São elas: as funções textual, interpessoal e ideacional.

A função *textual* é aquela que aponta para aspectos do enunciado que evidenciam a relevância da informação do que é dito. Para Halliday (1985; 2004), a ordem dos constituintes do enunciado¹¹ não acontece por acaso. Há pertinência na forma como são dispostos: por exemplo, dizer “Parada gay ocorre hoje” (JC – 17/06/06) não é o mesmo que afirmar “Hoje ocorre Parada gay”. Segundo o autor, a escolha da ordem pode indicar que o elemento apresentado no início do enunciado, o que ele denomina de *tema*, é aquilo a que o falante busca dar relevo. De acordo com Halliday (1985; 2004), o tema é, normalmente, uma informação dada ou velha para o interlocutor e a informação sobre o tema, que denomina de *rema* é uma informação secundária e nova para o interlocutor.

Seguindo essa perspectiva de que a ordem do enunciado corresponde a um fluxo informacional e pragmático, no exemplo “Parada gay ocorre hoje”, teríamos a Parada gay funcionando como tema e informação dada e o verbo “ocorrer” e a circunstância de tempo – “hoje” – como rema e informação nova. Já no caso contrário, a circunstância ocuparia lugar de tema e de informação nova. Essa ordenação dos constituintes, segundo Halliday (1985; 2004), tem a ver com o que é pertinente para ser dito numa determinada situação; os lugares que as informações ocupam são de ordem textual, mas remetem a um valor pragmático sobre a importância do que vai ser enunciado.

Quando utilizamos a linguagem para interagir, para estabelecer e manter relações sociais, influenciando o comportamento alheio, expressando nossos pontos de vista e solicitando ou modificando os dos outros, fazemos uso da função *interpessoal* da linguagem, manifestada, segundo Halliday (1985; 2004), através do recurso de modalização. Para examinarmos essa função, é relevante saber que tipos

¹¹ Em vez de “enunciado”, Halliday usa o termo “sentença” (*clause*) para se referir às realizações discursivas que analisa. Aqui, preferimos utilizar o termo “enunciado”, por acreditarmos que este expressa melhor a nossa concepção teórica.

de relações o texto reflete e estabelece e como se relacionam os diferentes indivíduos envolvidos com o texto, identificando quem tem mais influência e mais poder.

Ao usarmos a linguagem, também deixamos entrever nossas experiências de mundo para descrever estados, eventos e entidades envolvidas nessas experiências, ressignificando e reconstruindo esses elementos. Halliday (1985, 2004) afirma que os enunciados representam eventos, ações, estados e vários processos da atividade humana. Para ele, essa propriedade da linguagem independe do uso pragmático que se faz dela; é um princípio de qualquer atividade lingüística, o que confere à linguagem uma função que ele denomina de *ideacional*. Essa função, para o autor, revela representações sociais por meio da linguagem e, para estudá-la, é preciso identificar como o texto representa uma realidade específica a que está relacionado, ou seja, que experiência de mundo o texto revela. A função ideacional é semelhante ao que Fairclough denominou, no nível textual, de significado representacional.

Halliday (1985, 2004) preconiza que qualquer recurso semiótico humano, funcionando em plenitude, se vale dessas três funções. Desse modo, qualquer texto é multifuncional, pois informa, estabelece relações entre interlocutores no discurso e representa e constrói a realidade social.

Segundo Fairclough (2001a; 2003), para analisar como os textos, e, por sua vez, as práticas discursivas e sociais, constroem a sociedade, podemos lançar mão do estudo sobre, como ele postula, o significado representacional do enunciado, e que, aqui, buscaremos assemelhar à função ideacional proposta por Halliday. Tanto para Halliday quanto para Fairclough o processo de representação social por meio da linguagem é uma atividade inerente a todo uso lingüístico, que, ao mesmo tempo em que reflete, constrói a realidade social, funcionando como uma práxis sobre o mundo.

Para Halliday (1985; 2004) e Fairclough (2001a; 2003), os princípios teóricos citados no que diz respeito aos estudos sobre representação social se inserem no conjunto de estudos sobre a relação pragmática da linguagem com o mundo. Eles afirmam que, quando se verifica a função ideacional ou o significado representacional no enunciado, isto é, um significado que possibilita a construção das representações (sociais) do mundo, o fenômeno a ser analisado que se mostra eficaz é a transitividade verbal. No próximo tópico deter-nos-emos nessa categoria,

com o intuito de esclarecer o que ela oferece a uma análise da representação social da homossexualidade nos jornais.

2.2. A transitividade verbal como mecanismo de construção da representação social

A relação estabelecida entre o verbo (seja de ação ou não) e os participantes (sujeito e objeto) ligados a ele constitui a transitividade verbal. Ela consiste na completude de sentido do verbo, sendo, pois, um recurso sintático-semântico. Para Halliday (1985; 2004), a transitividade verbal representa a categoria que melhor expressa a função ideacional da linguagem.

Os verbos são diferentes do ponto de vista semântico, mas, nos estudos formalistas, são, em geral, apresentados de maneira quase uniforme. Por exemplo, numa perspectiva formalista, os verbos “ocupar”, “falar” e “lembrar”, do ponto de vista de sua transitividade, são classificados da mesma forma (como transitivos diretos), embora as relações semânticas geradas entre eles e seus complementos sejam extremamente distintas. Isso nos faz crer que as perspectivas formalistas não abordam satisfatoriamente o fenômeno da transitividade verbal.

Os verbos são classificados em transitivos e intransitivos. Transitivos são aqueles cuja significação só se completa com uma informação adicional, como em “o evento reúne pessoas”; os intransitivos são aqueles que expressam significações completas, como no enunciado “ele nasceu”.

No que tange à nossa proposta de analisar a representação dos homossexuais no espaço jornalístico, procuraremos investigar a função ideacional através da análise dos enunciados transitivos. Nesse sentido, fundamentamo-nos em Halliday (1985:101) quando afirma que o significado ideacional de um enunciado consiste em verificar que o “esquema semântico básico para a representação de um processo é muito simples. O processo compõe-se potencialmente de três componentes: o processo em si; os participantes no processo; as circunstâncias associadas com o processo”. Tais componentes Halliday (1985) denomina de constituintes do enunciado e os intitula, separadamente, de: processos;

participantes; circunstâncias. Para ilustrar com um enunciado de nosso *corpus*, temos:

(02)

“*Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros* faz *manifestação*

participante 01 – P1

processo

participante 02 – P2

pelas ruas do Recife” (JC – 02/09/06)

circunstância

No exemplo (02), estão claros os três tipos de constituintes indicados por Halliday. Esses constituintes equivalem, numa perspectiva formalista, a quatro elementos da oração: o sujeito, o verbo, o objeto e o adjunto adverbial. A diferença é que, na transitividade formalista, a categorização se vale da estrutura, por exemplo, se há mais de um núcleo em P1, o sujeito vai ser composto e, se o verbo for sucedido por uma preposição, a transitividade será indireta e P2 denominar-se-á objeto indireto.

No caso da transitividade funcionalista, os participantes serão determinados por seus significados no contexto em que o enunciado está inserido. Podemos dizer que, no exemplo (02), P1 não é apenas um sujeito formado por um núcleo, ou seja, um sujeito simples, mas que constitui, principalmente, um agente de uma ação, de um processo. Dizemos, ainda, que P2 não é apenas um objeto direto (por não haver preposição entre o verbo e a palavra “manifestação”), mas que, também, significa um objeto da ação do Fórum nas ruas do Recife. Essa perspectiva funcionalista de entender o enunciado não está comprometida apenas com a sintaxe, mas vem apresentar uma visão semântica sobre o que é dito, e, além disso, suscitar uma análise pragmática, pois podemos interpretar o significado social da ação como uma atividade de poder, que representa o Fórum como autônomo, por ter assumido papel de agente ao fazer manifestação nas ruas.

O exemplo (03) a seguir serve também para esclarecer esse tipo de análise:

(03)

“Músicas e cores deram o tom à caminhada [...]” (JC – 03/09/05)

P1

processo

P2

P3

Um processo pode envolver três participantes. Do ponto de vista formal, essa relação seria chamada de transitividade direta e indireta, ou bitransitividade, pelo simples motivo de não haver preposição entre o processo e P2, e sim entre o processo e P3. Funcionalmente, é possível dizer que, no exemplo (03), P1 (a música e as cores) funciona como a causa do “tom” (P2) que beneficia a caminhada (P3). Portanto, podemos reconhecer que os papéis dos participantes no exemplo (03) são bastante distintos:

P1 – causa

P2 – objeto

P3 – beneficiário

Uma análise mais detalhada que considere o texto completo em que está inserido o enunciado do exemplo (03) e um contexto mais amplo que situe os atores sociais representados em seu discurso pode revelar informações pertinentes para identificarmos o que significam as relações entre os participantes e qual a repercussão social dessas relações.

Quanto aos processos, Halliday (1985: 2004) os dividiu em cinco tipos: materiais, mentais, verbais, relacionais, comportamentais e existenciais.

Os processos materiais são os que representam as ações físicas. Os participantes envolvidos com esses processos são chamados de ator e meta, ou ator e objeto, e, segundo Halliday (1985), com ele é possível apresentar os participantes como ativos ou passivos. Por exemplo, em “Gays e simpatizantes lotaram a Avenida Paulista”, “gays e simpatizantes” assumem papel de atores e “a Avenida Paulista” de meta ou objeto. Se o verbo estivesse em voz passiva – “A Avenida Paulista foi lotada por gays e simpatizantes” – as funções não seriam alteradas, a ordem mudaria, mas “gays e simpatizantes” permaneceriam como atores e “a Avenida Paulista” como objeto. Já no enunciado “Os gays recebem verba da prefeitura”, o processo “receber” mobiliza um participante passivo, embora a voz permaneça ativa, pois os gays são alvo da ação da prefeitura, que doou a verba.

Em muitos casos, nas notícias dos jornais impressos, os homossexuais ocupam papel passivo, pois são representados como aqueles que recebem apoio de

outros grupos, como o governo; as ONGs que não atuam com os homossexuais diretamente, como aquelas que lidam com crianças carentes ou com questões racistas; os artistas ligados ou não à cultura gay e os proprietários de bares e boates dirigidas aos homossexuais. Vejamos o excerto seguinte, retirado da notícia publicada pelo DP em 28 de junho de 1999¹², sobre a primeira Parada do orgulho gay (nome dado às primeiras versões da Parada da Diversidade sexual) em Recife, e é exemplo do que ocorre comumente nos enunciados transitivos sobre o homossexual.

(04)

Os GLS tiveram apoio de proprietários de lojas, locadoras, boates, saunas e restaurantes, todos simpatizantes do movimento gay e lésbico. O proprietário da Boate Butterfly, Diniz Campos, contou que cedeu artistas e divulgou o evento durante todo este mês. “É verdade que existe muito mais GLS na cidade e muitos não têm coragem de assumir em público”. O comerciante Emanuel Diniz, proprietário da loja Hora H sex shop, disse que sempre apóia os eventos gays.

Esse trecho é dividido em quatro períodos, mas em apenas um deles aparece um representante dos homossexuais, “os GLS”, que não assume papel de ator, mas de meta, pois é alvo do “apoio de proprietários de lojas, locadoras, boates, saunas e restaurantes”, que é o agente da ação e não representa os homossexuais. Nos demais períodos desse mesmo exemplo, há ainda outras ações, embora não materiais, como “contar” e “dizer”. Estas foram praticadas por um proprietário de boate, a quem é dedicado um período em discurso direto, e por um comerciante – participantes que não representam os homossexuais.

Outra espécie de processo postulada por Halliday (1985) são os processos mentais, que indicam os sentimentos ou as atividades cognitivas. Alguns exemplos são: “lembrar”, “calcular”, “desejar”, etc. Esse tipo de processo foi encontrado em relativa quantidade nos nossos dados, pois são bastante usados, nos jornais, para indicar as expectativas que os homossexuais criam ao organizar seus eventos.

¹² Esse texto não faz parte de nosso corpus, mas apresentamos aqui porque acreditamos ser pertinente para demonstrar o papel passivo que os homossexuais assumiam nas notícias da década de 1990.

Já os processos verbais, também preconizados pelo lingüista britânico, consistem nas ações enunciativas, por exemplo, “falar”, “dizer”, “contar”, que exigem como participantes um “locutor”, quem fala, e um “objeto”, o que se fala. Esses processos são comuns nas notícias impressas, pois são importantes para representar o discurso de algum participante sem que haja a reprodução da fala. No excerto (04), há exemplos de processos verbais nos enunciados em que aparecem o proprietário da boate e o comerciante, embora, lá, o jornalista tenha representado, também, a fala do proprietário.¹³

Há, ainda, os processos relacionais, aqueles que expressam a característica e o estado de algo; são, segundo Halliday (1985), os processos de *ser* e de *estar*. Eles têm função de atribuir, identificar, caracterizar, qualificar e indicar o estado em que se encontra o indivíduo ou o grupo sobre quem se fala. Os participantes, segundo Halliday (1985), podem ser um portador e um atributo, ou um indivíduo identificado e sua identidade. Um exemplo que ilustra esse tipo de processo é:

(05)

A avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife, virou uma apoteose, ontem
portador atributo

à noite, devido a IV Parada da Diversidade [...] (FP – 03/09/05)

No exemplo (04), podemos observar que o jornalista identificou a avenida citada como uma apoteose; é o que Halliday (1985) chama de processo de ser. Mesmo que não seja usado propriamente o verbo “ser”, a função do processo é de atribuir uma identidade – a apoteose – a um portador – a avenida.

Enunciados como esse ocorrem com bastante freqüência nos jornais, pois é importante que os fatos e os indivíduos envolvidos neles sejam, de alguma forma, identificados, categorizados, classificados. No surgimento das paradas em São Paulo e nas capitais do Brasil, eram muito comuns, no jornal, enunciados que usavam processos relacionais para atribuir aos gays a identidade de quem comemora ou de quem festeja algo.¹⁴ Por isso, termos como “festa”, “celebração” e

¹³ Serão analisados apenas verbos de processos verbais *dicendi* que introduzem discurso indireto, e não aqueles que introduzem discurso direto.

¹⁴ Podemos observar isso em algumas notícias antigas publicadas em Green e Polito (2004).

“comemoração” eram muito freqüentes nos textos utilizados para definir o que hoje já é chamado com maior freqüência de “mobilização”, “evento” e “manifestação”.

Outros processos abordados por Halliday (1985) são os comportamentais, aqueles que apresentam comportamentos fisiológicos e psicológicos, como “sonhar”, “sorrir”, “respirar”, “tossir”. Normalmente esses processos exigem apenas um participante, que é denominado pelo autor de “portador”. Para esse teórico, os processos comportamentais demonstram o estado físico e psicológico de um indivíduo e funcionam, também, como uma ação.

O quinto tipo de processo discutido por Halliday (1985) é o existencial, aquele responsável por afirmar que os fatos existem ou acontecem; os mais comuns são “existir”, “haver”, “ocorrer” e “acontecer”. Esse tipo de processo normalmente vem acompanhado de uma circunstância. O participante dos enunciados em que há esse processo é apenas um, denominado, por Halliday (1985), de “existente”.

Nas notícias sobre as paradas da diversidade sexual, podemos perceber que muitos enunciados responsáveis por informar o local e o dia das passeatas poderiam apresentar processos existenciais, mas são produzidos com processos materiais. É o caso dos seguintes exemplos:

(6)

O Centro do Recife vai parar hoje para a passagem da 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco (FP – 01/09/06);

(7)

O Recife abriu espaço para as diferenças sexuais. Gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes invadiram o Centro da cidade, ontem à noite, na IV Parada da Diversidade (JC – 03/09/05)

No exemplo (6), o enunciado tem como objetivo informar o dia e o local da 5ª Parada da Diversidade em Pernambuco, o que poderia ser dito da seguinte forma: “Hoje acontecerá, no Centro do Recife, a 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco”. Se fosse assim produzido, o enunciado apresentaria as mesmas informações. Contudo, a escolha feita pelo jornalista foi apresentar o Recife como participante de um enunciado com processo “material”. Nesse enunciado, a cidade sofre conotativamente, a ação de parar, com o intuito de dar passagem à Parada; ou seja,

o funcionamento da Parada é apresentado como o motivo pelo qual o Recife “parou”. Esse enunciado expõe as mesmas informações que apresentaria caso o processo fosse existencial, porém, foi escolhido um processo material e, mesmo que aplicado conotativamente, a ação apresentada promove a representação da Parada de modo distinto do que poderia acontecer caso o processo utilizado fosse outro.

Com o uso do processo “acontecer”, a Parada seria abordada na perspectiva de sua existência, ou seja, “ocorreria”, “aconteceria”, “haveria” a Parada, mas, com o uso do processo “parar” como ação que incide sobre a cidade e que é provocada para que a Parada ocorra, a imagem desta pode ser percebida como um importante evento, capaz de paralisar toda a capital.

No enunciado (07), publicado noutro jornal, o mesmo acontece. Nesse caso, há mais de um período e mais informações que no exemplo (06). Em (07), as informações apresentadas são: local, indivíduos, participantes, dia e horário. Tanto quanto o outro exemplo, esse também poderia ser produzido com apenas o processo existencial, como: “Ontem à noite, no centro do Recife, ocorreu a IV Parada da Diversidade, com participação de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes”.

Caso o enunciado fosse produzido assim, a ação conotativa de o Recife “abrir espaço para as diferenças sexuais” seria abandonada, e não apresentaria, portanto, “as diferenças sexuais” como beneficiárias da “ação da cidade do Recife”; além disso, não se consideraria o fato de essas diferenças *invadirem* o Centro.

Podemos interpretar que essas opções não são arbitrárias, significam algo, repercutem, representam, qualquer que seja a forma em que se apresentem. A partir dessas escolhas formais, podemos interpretar as funções que elas assumem. Os exemplos (06) e (07), utilizados para exemplificar o significado do processo existencial, não demonstram apenas o intuito de informar, pois, se fosse esse o caso, não seriam estruturados da forma em que foram publicados. Eles apontam uma posição clara sobre o que estão apresentando. Perceber isso é de suma importância para desvendarmos os sentidos que os enunciados podem fornecer e, conseqüentemente, as imagens que são construídas sobre os objetos de discurso dos textos.

Outro constituinte do enunciado, conforme os postulados de Halliday (1985) é a circunstância, ou seja, as condições em que o fato descrito ocorre. Elas podem indicar tempo, lugar, modo, intensidade, companhia, etc. As circunstâncias são

elementos essenciais em notícias, uma vez que esse gênero de texto não se realiza de modo eficiente sem haver informações sobre as condições em que se deu o fato informado.

Considerando que, para Halliday (1985: 101), o sistema da transitividade verbal “especifica os diferentes tipos de processos que são revelados na linguagem e na estrutura em que eles são expressos”, a abordagem funcionalista sobre esse mecanismo consiste numa maneira de entender que a relação entre forma e função é essencial para uma análise lingüístico-discursiva que proporcione o melhor entendimento sobre a representação social construída no discurso verbal. Foi a esse princípio que Fairclough (2001a) conferiu importância ao tratar dos constituintes do enunciado de acordo com sua proeminência informacional, ou seja, como eles são usados pelos falantes, qual sua disposição e como os falantes conjugam processos e participantes para enunciar algo. Ele se preocupou em considerar o grau de agentividade que o processo atribui aos participantes, em caracterizar esses participantes e entender como eles são apresentados socialmente pelo falante.

Nesta dissertação, consideramos, como elementos centrais, a formação da agentividade e da passividade dos sujeitos participantes dos enunciados em investigação. Contemplamos esses dois aspectos porque concordamos com Fairclough (2003), quando este entende os processos de tornar os sujeitos ativos e passivos por meio da transitividade como estratégias de inclusão ou exclusão social através do discurso.

Segundo Fairclough (2003), quando observamos os enunciados como eventos que promovem representação social, podemos distinguir quais elementos dos eventos sociais são incluídos ou excluídos a partir das funções que desempenham as formas gramaticais. Nesse caso, um estudo sobre a transitividade verbal se mostra pertinente. Por meio dele, podemos identificar qual representação é possível atribuir a um grupo ou a um evento social, na medida em que se interpretem os papéis temáticos que eles assumem.

Como nosso objetivo, aqui, é verificar, exatamente, de que maneira os textos jornalísticos publicados nos primeiros seis anos do século XXI representam, atribuem sentido e constroem significados sobre o homossexual, a transitividade verbal consiste em um fenômeno lingüístico de fundamental importância. Assim, identificamos os tipos de processos usados nas notícias que coletamos, categorizamos os papéis dos participantes relacionados a esses processos e

observamos a quantidade de ocorrências de cada tipo nos três jornais que selecionamos.¹⁵ Em seguida, considerando que, para Fairclough (2003), a linguagem está dentre os elementos que constituem um evento social e que, por meio dela, é possível perceber os processos de inclusão e exclusão social dos indivíduos, buscamos interpretar nossos dados como formas de o homossexual ser inserido socialmente através do discurso dos jornalistas. Atribuímos sentido social aos enunciados e verificamos que as ocorrências não são por acaso, mas significam manifestações ideológicas de representação da homossexualidade num espaço de domínio público.

No capítulo dedicado às análises, reproduziremos alguns trechos dos textos que coletamos, todos seguidos de uma categorização dos constituintes, sendo apresentados os tipos de processos e os papéis que os participantes ocupam de acordo com a posição no enunciado. Contudo, como pretendemos investigar o nível de agentividade nos enunciados estudados, identificando o tipo de representação social atribuído aos participantes através dos processos, consideramos, para nossa análise, apenas os enunciados com processos materiais, mentais e verbais. Assim, será possível diagnosticar como se constroem socialmente os homossexuais, se representados como atores de sua própria realidade ou, como já consolidado historicamente, vítimas da segregação e do preconceito social, sendo alijados dos circuitos sociais mais comuns.

¹⁵ Nossa pesquisa não tem como propósito focar o que há de semelhante ou diferente entre os jornais. A escolha de mais de um jornal se deu apenas porque não havia, todos os anos que selecionamos, publicações nos três jornais escolhidos.

3. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico e desdobramentos teóricos

Os estudos lingüísticos contemporâneos têm dado relevo à investigação de fatores de ordem sociocultural e política na relação que estes mantêm com a língua. Essas pesquisas são de caráter crítico e pertencem a subáreas da Lingüística preocupadas em dialogar suas teses com teorias das Ciências Sociais que tratam do funcionamento da linguagem como processos políticos e ideológicos. No rol desse tipo de pesquisa, encontra-se a linha teórica denominada Análise Crítica do Discurso (ACD), que intenta desvelar como os sujeitos constroem a realidade, o sistema de crenças, as identidades e as representações sociais (FAIRCLOUGH, 2001a), chamando a atenção para os processos de produção e interpretação da linguagem caracterizados por tensões sociais e contemplando a dimensão da mudança social no discurso.

A ACD entende o discurso tanto como reproduzidor quanto transformador de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, como não só propenso ao moldamento ideológico e lingüístico, mas também agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos. Para a ACD, o sujeito e o discurso se constituem num processo dialético, que ora se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, resignificando-as, reconfigurando-as.

O princípio norteador da ACD consiste na concepção de que as práticas discursivas são práticas sociais, sobre as quais se podem revelar processos de manutenção e abuso de poder. Por isso, de acordo com Fairclough (1989), é função do analista crítico do discurso difundir a importância da linguagem na produção, na manutenção e na mudança das relações sociais de poder, e aumentar a consciência de que a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa sobre a outra, sendo essa consciência da dominação o primeiro passo para a emancipação do indivíduo.

A ACD tem-se apresentado como instrumental teórico para a análise das práticas discursivas que constituem as várias ordens sociais vigentes, avaliando a diversidade das relações de poder investidas no uso cotidiano e institucional da linguagem, ou seja, tal como preconiza Kress (1990:85): “os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas lingüístico-discursivas estão

imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e dominação”.

A ACD tem-se caracterizado como um campo de estudos que investiga de modo crítico as estratégias do discurso das elites. Seus analistas são, geralmente, militantes sociais, intelectuais orgânicos, que formulam propostas para exercerem ações de contrapoder e em situações de opressão. Para Wodak (2003a), a ACD se configura na área de estudos que melhor concebe a língua como prática efetivamente social.

As bases epistemológicas da ACD são:

1. os estudos anglo-saxões da década de 1970 sobre discurso, sobretudo a Lingüística Crítica, na versão da Lingüística Sistêmico-funcional desenvolvida por Michael Halliday;
2. as teorias neomarxistas, especialmente aquelas cunhadas por Antonio Gramsci e Louis Althusser;
3. os estudos da Escola de Frankfurt.

Com a publicação, em 1979, do livro *Language and Control*, escrito por Fowler, Hodge, Kress e Trew – pesquisadores da universidade de East Anglia, Grã Bretanha – surge uma vertente dos estudos da linguagem preocupada com o discurso como prática social; era a então denominada Lingüística Crítica (LC), assim intitulada porque tinha como objetivo apresentar uma prática transformadora através dos estudos lingüísticos e dar aos analistas um relevante estatuto de interventores sociais por meio de seu trabalho.

Fowler *et al* (1979), juntamente com a publicação de *Language as Ideology* (KRESS; e HODGE, 1979), marcaram o advento de uma área de concentração que se desdobrou em diversas linhas de estudos sobre a linguagem, todas com uma preocupação comum de analisar a linguagem como prática social.

De acordo com Fowler (2004), a LC foi criada a partir da linha de pesquisa proposta por Michael Halliday, de usar a análise lingüística para revelar as representações falsas e discriminações em diferentes tipos de discurso público: jornais, propaganda política, documentos oficiais, gêneros formais como entrevistas. Tanto a LC quanto a perspectiva de análise de Halliday tratam de investigações do

discurso público, que objetivam identificar a ideologia codificada na linguagem, examinando sua atuação no contexto de determinadas formações sociais.

Conforme Rajagopalan (2002), a LC parte do pressuposto de que teorizar a respeito da linguagem não é se empenhar num metadiscurso, mas intervir na própria linguagem e na estrutura social que a permeia. Ele afirma também que a postura crítica “tem a ver com a percepção crescente de que é preciso repensar a própria relação ‘teoria-prática’. Aliás, é isso que torna a postura do analista genuinamente crítica” (RAJAGOPALAN, 2004:80)

A função da Lingüística, a partir daí, passou a ser revista, pois, se outrora os estudos sobre a linguagem eram considerados um campo de investigação restrito ao trabalho de análise das estruturas da escrita e da fala, após o surgimento dos estudos críticos da linguagem, o olhar lançado sobre a língua passou a ter funções outras que não apenas científicas. A LC adotou um novo escopo que os estudos lingüísticos passaram a considerar em seguida: o exercício de uma atividade científica transformadora da sociedade.

De acordo com Wodak (2003a), uma ciência crítica, em vez de se concentrar apenas em problemas acadêmicos e teóricos, focaliza também a investigação de problemas sociais dominantes, funcionando como instrumento para o exercício de ações políticas. Foi sob essa perspectiva que os autores de *Language and Control* passaram a se preocupar, fundamentalmente, com as correlações entre a estrutura lingüística e a estrutura social, preocupação que não estava na agenda dos estudos vigentes da época.¹⁶ Esses autores passaram a postular que os grupos e as relações sociais influenciam o comportamento lingüístico das pessoas.

Diante disso, a LC trouxe à ordem do dia a discussão sobre a relação que existe entre a prática discursiva e a prática social no âmbito dos estudos sobre texto, relação esta que Bakhtin (2003) já havia prenunciado na primeira metade do século XX, ao preconizar que todo campo de atividade humana requer o uso materializado da língua em forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo. Esse teórico postula, assim, o termo “gênero de discurso” para indicar o uso que podemos fazer de uma determinada estrutura,

¹⁶ Apenas a Sociolingüística Variacionista, que surgiu na década de 1960, antes da LC, possuía uma postura diferente dos estudos lingüísticos dominantes da época. Labov, o fundador desse campo de investigação, defendia que a língua poderia ser estudada sob várias dimensões, especialmente sob o ponto de vista social.

considerando o contexto em que está inserida e a função que exerce nesse contexto.

Fowler *et al.* (1979) defendiam a perspectiva funcionalista de que a capacidade lingüística de produção de significado é produto da estrutura social e que os significados sociais e as suas realizações textuais devem ser incluídos no escopo de uma descrição gramatical. Para eles, se o significado lingüístico é inseparável da ideologia, estando ambos dependentes da estrutura social, então a análise lingüística deverá ser um instrumento precioso para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e de controle. Essa tese será desenvolvida anos depois por Fairclough (2001b), quando entende que toda prática social inclui os seguintes elementos: atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e espaço, formas de consciência, valor e discurso, e afirma que “podemos ver a vida social como redes interconectadas da prática social de diversos campos (econômico, político, cultural, família etc).” (2001b:01)

Fowler *et al* (1979) apresentam três pressupostos da lingüística crítica:

1. a linguagem tem funções específicas e as formas e os processos lingüísticos expressam essas funções;
2. as seleções feitas pelos falantes no inventário total de formas e processos lingüísticos são sistemáticas, seguindo determinados princípios;
3. contrariamente à visão de arbitrariedade na relação entre forma e conteúdo, na lingüística crítica, a forma significa o conteúdo.

Os dois primeiros pressupostos derivam da obra de Halliday (1970), enquanto o último é proposto pela Lingüística Crítica como reformulação do conceito de arbitrariedade do signo lingüístico desenvolvido por Saussure, para quem o significado de um termo depende da relação de oposição com outros termos. Conforme a Lingüística Crítica, os termos apresentam significado em oposição a outros, mas também em relação a si mesmos, ou seja,

é apenas quando reconhecemos o significado contido nos próprios itens, que a forma lingüística pode ser demonstrada como realização do significado social (e de outros). A seleção de uma forma e não de outra aponta a

articulação pelo falante de um tipo de significado e não de outro (FOWLER *et al*, 1979: 188-189).

Segundo Magalhães (2005), há uma distinção pertinente para se fazer entre a ACD e a LC. Lembra a autora que, ao passo que a LC desenvolveu um método para analisar uma pequena amostra de textos, a ACD criou um estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida contemporânea, e oferece contribuição aos lingüistas para debaterem questões ligadas ao racismo, ao sexismo, ao controle e à manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, de gênero, entre outros problemas de ordem sociológica.

Já Wodak (2003a) afirma que os termos *Lingüística Crítica* e *Análise Crítica do Discurso*, são usados, hoje, as mais das vezes, de maneira intercambiável, embora, nos últimos anos, tenha-se preferido o segundo termo. Essa autora afirma que o que há em comum entre a LC e a ACD é o fato de haver interdependência entre os interesses da investigação científica e os compromissos políticos. Para Wodak (2003a), as duas correntes se assemelham porque se ocupam das relações de dominação, discriminação, poder e controle manifestadas através da linguagem, pois, para os analistas tanto da LC quanto da ACD, a linguagem é um meio de dominação e força social. Segundo Wodak (2003a), essa preocupação guarda relação com o termo “crítico” na obra de alguns lingüistas críticos influenciados pela Escola de Frankfurt, responsável por atrelar o estudo sociológico ao compromisso social.

Essa herança dos estudos sociais críticos é a mola-mestra do posicionamento que buscamos tomar nesta dissertação. Procuramos interpretar os efeitos de sentido que determinadas estruturas proporcionam ao representar os homossexuais nos jornais e objetivamos revelar como esses efeitos são produzidos, a fim de fornecer informações que esclareçam o modo como a identidade homossexual é construída no domínio jornalístico.

De acordo com Wodak (2003a), o que caracteriza a ACD é o fato de ela se ocupar das relações de dominação, discriminação e controle manifestados através da linguagem. Para a maioria dos analistas críticos do discurso, a linguagem é um meio de dominação e força social e, por isso, como expõe Wodak (2003a:19): “a

ACD se propõe a investigar, de forma crítica, a desigualdade social tal como vem expressa, sinalizada, constituída, legitimada, etc., pelos usos da linguagem”. De acordo com a referida autora (2003b), a ACD possui um enfoque histórico do discurso, que opera mediante um complexo conceito de crítica social e inclui três aspectos inter-relacionados. São eles:

1. *a crítica imanente ao texto e ao discurso, que tem como objetivo o descobrimento de incoerências, contradições, paradoxos e dilemas nas estruturas internas do texto e do discurso;*
2. *a diferença entre a crítica imanente e a crítica sócio-diagnóstica guarda relação com a exposição desmistificadora do possível caráter persuasivo das práticas discursivas. Com a crítica sócio-diagnóstica, o analista transcende a esfera puramente interna do texto. Ele utiliza o seu conhecimento do contexto para situar as estruturas comunicativas ou interativas do acontecimento discursivo;*
3. *a crítica de caráter prognosticador, que contribui para a transformação e a melhoria da comunicação. (WODAK, 2003b:103)*

Wodak (2003b) deixa claro que a ACD não se ocupa do valor, do que está bem ou mal, mas trata de fazer com que essas opções resultem transparentes, justificando teoricamente por que determinadas interpretações de acontecimentos discursivos parecem mais válidas que outras. Por isso, faz-se importante uma análise que se divida nesses três tipos de crítica: a imanente ao texto, a de valor sócio-diagnóstico e a de caráter prognosticador. Elas significam, respectivamente, a análise da forma, a investigação do valor social que a forma possui e a revelação de que pressupostos ideológicos permeiam a relação forma e valor social.

Diante dessa tríade teórica, Wodak (2003a) afirma que os conceitos de ideologia, poder e história vão se inserir, de maneira fundamental, na ACD, pois, nesse campo, o discurso é um objeto historicamente composto de estruturas legitimadas pelas ideologias dos grupos dominantes, que convencionam e naturalizam os efeitos de poder em suas produções de sentido. A resistência a esses efeitos de poder e a revelação de sua naturalização é o objetivo claro da agenda política dos analistas críticos do discurso.

3.1. Análise Crítica do Discurso: gênese e agenda científica

Segundo Ruth Wodak (2003b), o mundo contemporâneo se caracteriza por diversas contradições: dilemas ideológicos, fragmentação das identidades, etc. Para essa autora, o grande desafio atual consiste em explicar as contradições e as tensões que se produzem nessa conjuntura. Diante disso, Wodak (2003b) considera pertinente falar da “sintomatologia” desse momento sócio-político mundial. Ela afirma que os vínculos entre os diversos sintomas de todas essas contradições podem ser analisados sob uma perspectiva pragmática, ou seja, a partir de um estudo que se utilize de ferramentas conceituais úteis. Esse enfoque não deve generalizar um catálogo de proposições para uma pesquisa nem relacionar questões teóricas com os problemas específicos que já foram investigados.

Assim, Wodak (2003b:102), com o intuito de problematizar o estudo dessa sintomatologia, lança alguns questionamentos: “Necessitamos de uma grande teoria? Que ferramentas conceituais resultam relevantes para esse ou aquele problema e para esse ou aquele contexto?”. De acordo com ela, somente uma investigação multidisciplinar permitirá que complexas relações se tornem mais transparentes. Sendo assim, a autora considera a Análise Crítica do Discurso uma das ferramentas dos múltiplos enfoques de que necessitamos numa investigação desse tipo, devendo ser multiteórica, multimetódica, crítica e autocrítica. Para entendermos um pouco mais a gênese e a agenda científica desse campo é importante incursionarmos por um breve histórico.

De acordo com Magalhães (2004), foi com a publicação do artigo *Critical and descriptive goals in discourse analysis*, no *Journal of Pragmatics* (1985), escrito pelo pesquisador britânico Norman Fairclough, que se desencadeou uma série de importantes debates, no Centro de Linguagem na Vida Social, na Universidade de Lancaster (Inglaterra), sobre a linguagem como prática social nas transformações econômicas e culturais do neocapitalismo.

Contudo, Wodak (2003a) lembra que o que consolidou a ACD, após a publicação desse artigo, foi o encontro ocorrido na década de 1990, precisamente em janeiro de 1991, num pequeno simpósio em Amsterdã, durante dois dias, em que se reuniram Teun van Dijk, Günter Kress, Theo van Leeuwen, Ruth Wodak e Norman Fairclough, para discutirem métodos de análise do discurso, cada um propondo o seu enfoque.

Wodak (2003a) acrescenta que, logo em seguida, com a criação da revista *Discourse and Society*, organizada por Teun van Dijk, bem como com o lançamento de vários livros que se utilizavam dos postulados da ACD, houve uma guinada nos trabalhos críticos sobre discurso e assegurou-se, assim, o desenvolvimento desse campo de estudos, amparado por vários simpósios que, durante a década de 1990, acompanharam esse novo paradigma de análise do discurso, reafirmando-o cada vez mais.

A partir desse momento, os postulados da ACD estavam traçados de modo muito claro. Wodak (2003a:24) lista alguns:

1. *a linguagem é um fenômeno social;*
2. *os indivíduos e as instituições possuem significados e valores específicos que se expressam de forma sistemática por meio da linguagem;*
3. *os textos são as unidades relevantes da linguagem e da comunicação;*
4. *os leitores e os ouvintes não são receptores passivos em sua relação com os textos;*
5. *existem semelhanças entre a linguagem da ciência e a linguagem das instituições.*

Ao investigar os temas e os textos históricos e políticos, de acordo com Wodak (2003b), a ACD trata de integrar a grande quantidade de conhecimentos disponíveis sobre as fontes históricas, interpretando os campos social e político nos discursos. Além disso, esse enfoque analisa a dimensão histórica das ações discursivas, explorando, num plano diacrônico, os modos como os particulares tipos de discursos vêem os sujeitos.

As práticas sociais concretizadas pela linguagem, naturalizadas e legitimadas socialmente, interessam à ACD. Para ela, é necessário reconhecer quais práticas discursivas institucionalizam a sociedade e que representações sociais permeiam tais práticas. Alguns nomes são destaques no quadro epistêmico das teorias da ACD. Teun van Dijk (1997, 2004), Günter Kress (1990) e Norman Fairclough (1985, 1989, 2001a, 2001b, 2003) são alguns expoentes vinculados a esse campo.

Uma das vertentes mais atuantes desenvolvidas no quadro teórico da Análise Crítica do Discurso é a postulada pelo lingüista britânico Norman Fairclough, em seu método de análise do discurso, intitulado Análise do Discurso Textualmente

Orientada – ADTO –, enquadrado no que o autor concebe como Teoria Social do Discurso.

Fairclough objetiva, com seu trabalho, reconhecer de que maneira as mudanças no uso lingüístico estão ligadas a processos sociais e culturais mais amplos. Nesta dissertação, partimos de seu arcabouço teórico para desenvolver nossa interpretação sobre o que investigamos. Devido a isso, consideramos pertinente expor de modo mais específico a teoria faircloughiana.

3.2. Fairclough e a Análise do Discurso Textualmente Orientada

Partindo do pressuposto de que não existe um método de análise lingüística que seja teoricamente adequado e viável na prática, Norman Fairclough (2001a) desenvolve sua teoria, para investigar, particularmente, a mudança da linguagem como mudança sócio-cultural.

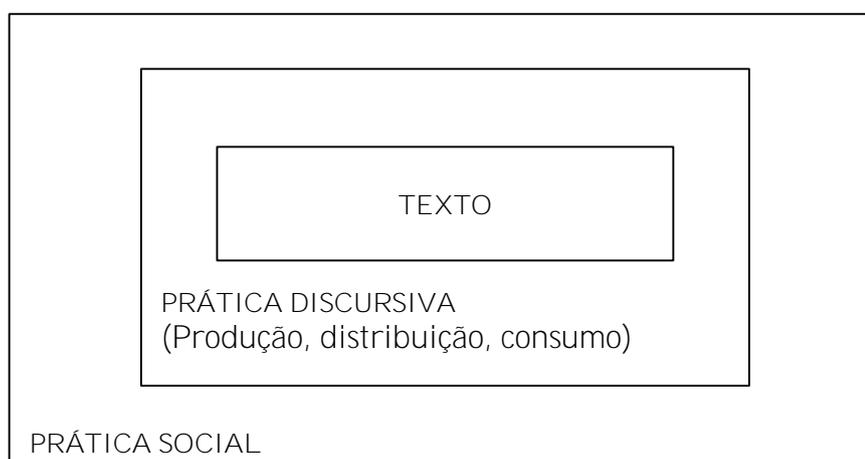
Sem o intuito de fazer análise do discurso como procedimento epistemológico sobre a língua, mas como instrumento político contra a injustiça social, Fairclough (1989) propõe que os analistas da ACD organizem pesquisas que exerçam ações de contrapoder e de contra-ideologia, práticas de resistência à opressão social. Para ele, os analistas críticos não podem ficar isentos de expor seus pontos de vista, sob pena de não poderem ser considerados verdadeiramente analistas críticos. Eles devem-se opor às injustiças sociais em suas pesquisas e serem agentes de transformação, pois, para esse autor, a neutralidade, diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o pesquisador cúmplice dessas mesmas estruturas.

Fairclough (2001a) busca identificar algumas tendências abrangentes de mudança discursiva que afetam a ordem societária contemporânea do discurso e relacionar essas tendências às direções mais gerais da mudança social e cultural. Para tanto, o autor conjuga estudos da Lingüística com pesquisas da Sociologia e dos Estudos Culturais. Entre os primeiros, inclui trabalhos da Pragmática, da Análise do Discurso de linha francesa e da Lingüística Sistêmico-funcional. Quanto às investigações de ordem sociológica, ele dá ênfase ao pensamento de Michel Foucault (1996), John Thompson (1990), Anthony Giddens (1991), entre outros.

De acordo com ele, os estudos lingüísticos são, por si, reticentes do ponto de vista social em muitas de suas abordagens, pois deixam de focar os problemas da relação de poder e das diversas lutas sociais vigentes. Já os trabalhos de ordem

sociológica, para ele, abandonam o viés que considera a linguagem como objeto de investigação para perceber os problemas sociais. O que, então, Fairclough (2001a) deseja é fazer confluír os dois direcionamentos para uma única orientação. Segundo ele, para que essa análise sócio-crítica integrada pudesse se realizar, teve de superar diversos percalços, como, por exemplo: a posição estanque da Lingüística enquanto disciplina das ciências Humanas; o paradigma formal dos estudos lingüísticos e o desinteresse das ciências sociais pela linguagem.

Segundo Fairclough (2001a), nessa abordagem integrada entre as práticas discursivas e as práticas sociais, os discursos refletem as relações sociais e as constroem ou constituem, e qualquer evento discursivo é considerado um texto, uma prática discursiva e uma prática social simultaneamente, o que o autor chama de *perspectiva tridimensional do discurso*: a dimensão textual (objeto da análise lingüística estrita); a dimensão da prática discursiva (objeto de uma análise do processo interacional – produção e consumo de textos); e a dimensão da prática social (objeto de uma análise das circunstâncias institucionais e organizacionais da sociedade). Fairclough (2001a, 101), com o intuito de tornar mais didática a relação entre as três dimensões criou o gráfico que a seguir reproduzimos:



Afirma o autor ser dialética a natureza social do discurso, ou seja, por um lado, as práticas discursivas constituem a realidade social e, por outro, elas refletem essa realidade. Para ele, o mundo é constituído pela atribuição de sentido dos atores sociais ao próprio mundo. Ele acredita que as perspectivas adotadas por outras análises do discurso sejam falhas porque não dão conta da “face” de resistência do discurso, da natureza da mudança social que as práticas discursivas

carregam, mas apenas atestam seu caráter de aparelhamento, reprodução e assujeitamento.

Considera o autor que o termo “discurso” traz uma carga de significados muito variada, podendo se referir a uma mostra ampliada da fala, para alguns; uma mostra ampliada do texto para outros; um tipo de linguagem ou domínio discursivo, de acordo com algumas vertentes; um tipo de estruturação de áreas de conhecimento e práticas sociais, conforme outras perspectivas; etc. Segundo ele, o discurso é uma entidade-chave para posicionar os sujeitos sociais e funciona, ao mesmo tempo, como uma prática discursiva, uma prática social e uma prática textual, como podemos observar no gráfico acima. Isso significa que, para esse autor, o estudo da Lingüística, sobretudo da ACD, constitui um estudo das propriedades intrínsecas do texto, do funcionamento discursivo (produção, organização e consumo do texto) e do que esse texto representa socialmente (se ele significa um instrumento de poder, por parte de quem, em que instância social e em que período histórico).

Partindo desse pressuposto, Fairclough (2001a) expõe o cerne de sua Teoria Social do Discurso, apresentando-a como um arcabouço teórico que salienta a alteração das práticas discursivas como forma de promover mudança na prática social, ou seja, levanta o véu da naturalização feita das relações de poder abusivas que se materializam discursivamente em várias esferas sociais.

Para tanto, ele aborda três tendências da mudança discursiva na contemporaneidade, que se configuram como processos complexos na produção das práticas sociais: a democratização, a comodificação e a tecnologização dos discursos.

A democratização do discurso consiste na eliminação de desigualdades e assimetrias dos discursos, retiradas das obrigações e do prestígio discursivo e lingüístico. Alguns exemplos são:

1. a inserção de normas lingüísticas não-padrão nas esferas prestigiadas socialmente;
2. o acesso da grande população a tipos de discurso de prestígio;
3. a eliminação de marcadores explícitos de poder em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder – formas assimétricas de tratamento (senhor, professor, doutor), diretivos diretos (imperativos), uso

de vocabulário inacessível (uma forma de assimetria implícita é quando uma só pessoa formula ou resume o que se disse numa interação e, constantemente, oferece sua versão sobre o que aconteceu), entre outros casos;

4. o uso de femininos e masculinos ao se referir aos dois gêneros, negando a padronização para o masculino, pois, para ele, toda padronização é um silenciamento, uma atitude antidemocrática.

A comodificação do discurso é o processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias para venda, vêm a se organizar e a se definir em termos de produção, distribuição e consumo mercadológico. Fairclough usa como exemplo a instituição de ensino particular, que funciona como uma empresa e marca isso discursivamente através da lexicalização. Para o autor, o uso de termos de dadas ordens do discurso mercadológico colonizam outros discursos, como o pedagógico; esse é um processo de reificação discursiva. Por exemplo, “aluno”, que é um termo do discurso pedagógico e, portanto, sem vínculo com qualquer relação comercial, é tratado pela escola como “cliente”, termo específico do discurso mercadológico e que sugere a participação da relação de compra e venda, mas que, nesse caso, deve ser de ensino-aprendizagem.

Por fim, a tecnologização do discurso, que pode ser entendida quando tomamos por base as teorias de biopoder desenvolvidas na Sociologia, a respeito das quais Fairclough (2001a) discute algumas peculiaridades, como o domínio de gêneros de discurso que determinam contextos contemporâneos de nossa vida social: entrevistas (determinam a aprovação num emprego), publicidade (determina a sedução para a compra de um produto), entre outros.

As tecnologias discursivas, segundo o autor, criam realidades ilusórias que dão a impressão de conferir poder a quem as usa, pois, muitas vezes, são utilizadas de modo a criarem simulações do real, como é o caso de algumas relações construídas num ambiente empresarial, quando se usam alguns termos para denominar os empregados, como “associado”, palavra que carrega semanticamente o valor de associação, relação de semelhança entre pessoas. Fairclough interpreta esse uso como uma maneira de maquiagem as relações de poder que existem nesse domínio.

Para Fairclough (2001a:40), “produzir um discurso faz parte de processos mais amplos de produção da vida social, das relações sociais e das identidades sociais”, não é um fim em si mesmo. Por essa razão, sua Teoria Social do Discurso serve como base principal para a nossa pesquisa, pois dimensiona os estudos lingüísticos numa função investigativa, “para opor-se às injustiças sociais, assim como participar das lutas de poder empreendidas pelos diferentes segmentos da sociedade” (VIEIRA, 2000, p.161), mostrando como, por meio da escolha lingüística, é possível analisar a construção da sociedade.

4. Discussão crítica sobre os dados

Neste capítulo faremos uma avaliação crítica do funcionamento discursivo dos enunciados das notícias que selecionamos como dados de nossa pesquisa. Por questões didáticas, nós o dividimos em dois blocos, o primeiro em que apresentamos um gráfico e uma tabela com a quantidade de ocorrências das categorias em estudo e discutimos brevemente o resultado neles constantes, o segundo, em que desenvolvemos uma interpretação sobre esses resultados.

Antes de iniciarmos nossa avaliação, acreditamos ser pertinente apresentar algumas informações acerca das categorias que iremos investigar:

1. a opção por enunciados transitivos se justifica em razão de eles preencherem os três lugares (participante 01, processo e participante 02), que, segundo Halliday (1985; 2004), são necessários para representar, completamente, as ações de um grupo ou de um indivíduo. No nosso caso, os enunciados transitivos que envolvem o indivíduo homossexual permitem verificar quais ações estão relacionadas aos gays nos jornais e quais papéis temáticos eles ocupam. Um exemplo é o enunciado “*Movimento Gay reivindica novas políticas*” (DP – 23/06/03). Nele, podemos perceber que o termo que representa os homossexuais, ou seja, “Movimento Gay”, assume papel de ator da ação de “reivindicar” e atua sobre o objeto “novas políticas”;
2. tomando por base Halliday (1985), adotaremos o termo “ativo” para denominar o papel dos participantes que ocupam uma função agentiva no enunciado; por exemplo, “Movimento Gay”, que funciona como ator da ação de reivindicar, no excerto citado no item 1 acima. Terão papel “passivo” os participantes que assumirem função de “objeto”, “meta” ou “beneficiário” da ação, como é o caso de “novas políticas”, também no exemplo inserido no item 1 acima.

Há algumas questões metodológicas relevantes que também precisam de um esclarecimento para entendermos melhor este capítulo:

1. todos os textos que compõem nosso *corpus* (32 ao todo) estão dispostos no anexo, no fim desta dissertação. Apresentamos, aqui, apenas uma amostra representativa das análises que fizemos;
2. o resultado quantitativo de nossos dados será apresentado a partir de três blocos históricos: de 2000 a 2002, 2003 e 2004, 2005 e 2006. A razão dessa divisão se deve ao fato de acreditarmos ser pertinente conhecer o fluxo de ocorrências, durante esses anos, dos três tipos de processos que investigamos, pois entendemos que essa informação pode revelar diferenças no nível de visibilidade dos homossexuais durante esse período. Justificamos que, devido ao fato de, entre 2000 e 2002, ter havido uma menor quantidade de notícias publicadas sobre as paradas, resolvemos agrupar esses três anos num único bloco histórico.

Após essas considerações, passaremos a focalizar as formas de apresentação dos enunciados transitivos, nos nossos dados, e o que elas revelam sobre a representação social do homossexual nos jornais de Pernambuco dos últimos seis anos.

4.1. Informações quantitativas e resultados preliminares

A história de exclusão social dos homossexuais, durante séculos, nos mostra que o exercício de cidadania e poder para os gays foi vetado em diversos aspectos. Exemplos disso foram a subalternidade desse grupo nos discursos hegemônicos sobre a sexualidade e a sua pequena ou inexistente participação em várias práticas sociais.

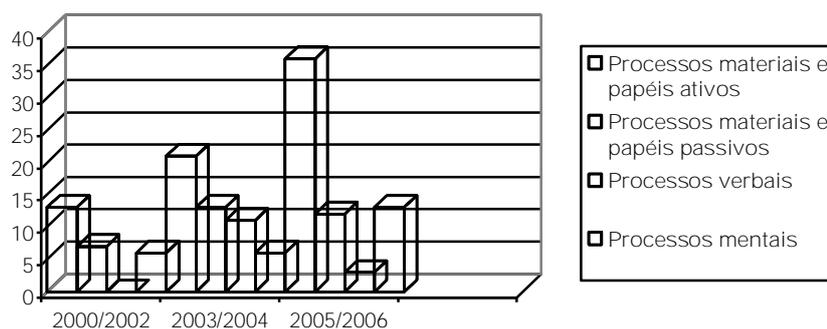
Para refletir sobre a atual representação social dos homossexuais num espaço de grande repercussão pública como o jornal, buscamos verificar, nos enunciados transitivos que veiculam notícias sobre eles, as seguintes categorias:

1. processos material, verbal e mental, descartando os relacionais, os comportamentais e os existenciais, porque não dão margem à formação de um enunciado onde possamos verificar a relação de agentividade e passividade;

2. participantes; tanto P1 quanto P2 serão analisados nos enunciados que apresentaremos.

Esses elementos constituem os aspectos gramaticais que servirão para identificarmos, em enunciados transitivos, como os homossexuais agem e de quem são objeto da ação. Os resultados vão nos conduzir a uma interpretação sobre o tratamento que os gays têm recebido nos jornais, identificando como está sendo construída a representação social desse grupo.

A partir da observação dos nossos dados, contabilizamos as ocorrências dos enunciados que apresentam os processos que objetivamos analisar. Tais resultados quantitativos estão dispostos no gráfico e no quadro a seguir. Neles identificamos a quantidade de enunciados de acordo com os blocos históricos que estipulamos e com os tipos de processo que escolhemos:



	2000 - 2002	2003 e 2004	2005 e 2006	Total
Processos materiais e papéis ativos	13 (18,5%)	21 (30%)	36 (51,4%)	70
Processos materiais e papéis passivos	07 (22%)	13 (40,6%)	12 (37,5%)	32
Processos verbais	0 (0%)	11 (78,6%)	03 (21,4%)	14
Processos mentais	06 (24%)	06 (24%)	13 (52%)	25

Esses resultados apontam para o fato de que a ocorrência de enunciados em que os homossexuais assumem papel de objeto das ações materiais está sempre muito abaixo da quantidade dos enunciados que apresentam esses indivíduos como agentes, exercendo práticas sociais autônomas. Do total de 141 enunciados

analisados, 70 compõem-se daqueles que utilizam processos materiais e apresentam os homossexuais com papel ativo.

Esses dados quantitativos revelam que, atualmente, numa conjuntura social menos opressora, o tratamento dado à homossexualidade tem configurado uma versão diferente daquela do passado. Compreendemos esses resultados como um breve diagnóstico da visibilidade que os gays têm alcançado, pois acreditamos que, conforme citamos no primeiro capítulo ao aludir às teorias de Trevisan (2004) e Green e Polito (2004), cada vez mais essa orientação se mostra como assunto de largo interesse social, além de o mercado ter descoberto na cultura gay uma importante fonte para as relações comerciais e, com isso, reforçado a imagem desse grupo.

Os valores quantitativos observados nos dados analisados indicam que, nos últimos anos, os homossexuais têm obtido grande visibilidade nos jornais impressos, principalmente se considerarmos os diversos enunciados em que eles são representados como agentes. Diante disso, parece relevante interpretarmos o que significam, do ponto de vista social, as ocorrências e os números descobertos com essa verificação. Partiremos, assim, para um apurado maior sobre os enunciados transitivos em que aparecem os homossexuais, a fim de verificarmos as peculiaridades que uma análise quantitativa não dá conta, pois constitui, apenas, uma amostra do que foi possível perceber em termos da quantidade das ocorrências dos papéis que os homossexuais ocupam em nossos dados.

4.2. Análise qualitativa: visibilidade não é inclusão

Partindo dos pressupostos teóricos de Fairclough (2001a; 2003) sobre a importância da análise da transitividade para se investigar a representação social, buscamos interpretar em nossos dados o que a realização desse mecanismo lingüístico significa, num contexto social mais amplo, como uma prática política sobre os homossexuais. Assim, de posse da informação de que, em nossos dados, os gays assumem muito mais papéis ativos do que passivos, iniciaremos, agora, um maior detalhamento de como esses enunciados funcionam.

Dividimos a abordagem em três subtópicos: o primeiro para a discussão sobre os processos verbais; o segundo destinado à interpretação dos processos mentais e

o terceiro enfatizando os processos materiais. Este último é dividido em dois: os materiais com papel ativo e os materiais com papel passivo.

4.2.1. Os processos de dizer

Segundo Halliday (2004), os processos verbais servem para representar o mundo e a relação entre os participantes do enunciado, pois indicam como esses participantes falam (afirmam, esclarecem, protestam, etc), como são falados os objetos de seus discursos e a quem esses objetos são dirigidos. Exemplifiquemos com os enunciados abaixo:

(08)

A organização do evento informou que o custo total foi de cerca de R\$ 400 mil. (JC – 14/06/04);

(09)

O coordenador do fórum GLBT diz que a parada no Recife precisa ser um reflexo do comprometimento da sociedade pelo respeito às diferenças. (JC – 01/09/06);

Os processos utilizados nesses exemplos são verbais, mas não têm os mesmos significados, pois “informar” não equivale a “dizer”. Nesses enunciados os agentes são, ambos, representantes das Paradas, mas os objetos de seus discursos são distintos. Tomando por exemplo esses enunciados, é possível inferir a representação desenvolvida a partir do uso dos processos verbais e dos papéis dos participantes no enunciado. A semântica dos próprios processos já nos direciona a uma interpretação: “informar” significa que alguém detém um determinado conhecimento que se dispõe a transmitir, já o processo “dizer” denota apenas o ato de enunciar algo.

O uso desses processos verbais em nossos dados nos interessa por que eles podem revelar como os jornalistas apresentam os homossexuais em suas práticas locutivas, isto é, que tipo de processo estes realizam, se “dizem”, “falam” ou “informam” e qual o objeto dessas ações, ou seja, o que é dito, falado e informado.

Para realizarmos análises que partam dessa breve observação, destacamos esses processos como formas relevantes de representar os homossexuais e as relações que eles estabelecem com os outros. A importância dessa espécie de processo em nossa pesquisa se dá, primeiramente, porque verificamos uma relativa ocorrência dela em nossos dados e, principalmente, porque os casos que observamos apresentam diferentes significados e formas distintas de representar a maneira como os homossexuais exercem sua atividade de locução.

Estamos preocupados em identificar, nas notícias coletadas, os usos de enunciados com processos verbais, a fim de concluir o que é comum nesses usos, do ponto de vista lingüístico e sob a perspectiva de sua repercussão social. A notícia a seguir funciona como exemplo para demonstrar isso:

(10)

Movimento Gay reivindica novas políticas.

São Paulo – Cerca de 800 mil pessoas participaram da 7ª Parada do Orgulho Gay, ontem na Avenida Paulista, em São Paulo. A estimativa foi feita pela Polícia Militar e pela Companhia de Engenharia de Trânsito (CET). Vinte e um trios elétricos animaram o evento. Os manifestantes reivindicaram a ampliação de políticas sociais voltadas aos homossexuais. Participaram da parada a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e o presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, José Genuíno. O evento foi encerrado com um show de Elza Soares, no início da noite.

Antes do início da Parada o presidente da associação do evento, Nelson Matias Pereira, e o vice-presidente, Ideraldo Luiz Beltrani, disseram que a próxima edição da Parada terá um direcionamento especial para os idosos e adolescentes, segundo eles, o movimento tem recebido muitos pedidos de serviços e até de assistências psicológicas dessas faixas etárias.

Durante a entrevista, os organizadores falaram do crescimento do movimento ao longo dos últimos sete anos e destacaram que a parada de São Paulo já é a terceira maior do Mundo. Ideraldo destacou ainda a importância do evento em relação a visibilidade que o movimento ganhou com esse tipo de manifestação. "O carnaval é uma forma de mostrar alegria, mas a Parada é muito mais do que isso. É um aspecto de reivindicação com

a sociedade civil e o Estado. E precisa repercutir ao longo de toda a vida dos homossexuais”, disse Ideraldo. “O importante é conscientizar politicamente as pessoas com relação aos problemas enfrentados por esse seguimento. Ainda somos considerados cidadãos de segunda categoria. Só somos cidadãos na hora de pagarmos nossos impostos”, afirmou.

Os organizadores esclareceram que negaram um credenciamento para a Rede TV devido ao tratamento homofóbico dos programas de emissora para o segmento. Os organizadores preparam um dossiê sobre o tema por considerarem que as emissoras de TV são concessões públicas. Sobre a república de credenciais aos integrantes do Caceta e Planeta, que pediram para participar do evento, os organizadores justificaram que o programa é humorístico e não jornalístico. No entanto eles disseram que a parada é aberta e que “Cassetas” poderiam participar normalmente.

Com apenas 100 pagantes atualmente, a associação fez uma campanha de doação, durante a parada, para arrecadar fundos para a construção de uma sede própria. Segundo os organizadores, a parada deste ano custou R\$ 900 mil. Desse montante, 450 mil foram obtidos das empresas por meio da lei Rouanet. O restante veio de pequenos parceiros, de eventos paralelos à Parada e da Prefeitura Municipal de São Paulo. (DP – 23/06/03)

Nessa notícia, há alguns enunciados com processos verbais (sublinhados), participantes 01 e 02 (“Movimento Gay”, “os manifestantes”, “o presidente da associação do evento”, entre outros) e o objeto da enunciação, ou seja, que é dito por eles.

Os processos usados foram “reivindicar”, “dizer”, “falar”, “destacar” e “justificar”. Embora com valores semânticos distintos, eles possuem, nessa notícia, uma semelhança, que parece ser comum a boa parte das notícias com processos verbais que analisamos: o objeto da fala dos gays é, na maioria das vezes, algo ligado a eles mesmos.

Essa notícia do DP é o único exemplo, em nosso *corpus*, que acumula nove ocorrências de processos verbais. Nela, três enunciados não apresentam agência sobre um objeto que representa o universo do homossexual, a saber: “Movimento Gay reivindica novas políticas”, “os manifestantes reivindicaram a ampliação de políticas sociais voltadas aos homossexuais” e “os organizadores justificaram que o

programa é humorístico e não jornalístico”. Nos demais enunciados, os gays falam sobre si mesmos ou sobre suas próprias ações (“a próxima edição da Parada”, “o crescimento do movimento” e “a importância do evento”).

Essas ocorrências podem fornecer uma imagem social dos homossexuais como indivíduos limitados em suas práticas enunciativas, tendo em vista que sua representação incide, na maioria dos casos, em enunciados onde eles falam sobre os seus próprios contextos. Esse postulado nos faz retomar Fairclough (2001a), quando ratifica que os textos são práticas sociais e, por isso, estabelecem a representação ou a imagem social sobre seus conteúdos.

Para a perspectiva crítica do discurso, o conteúdo, em si, não é o fator que prepondera no estabelecimento das representações sociais. Na verdade, a forma em que os textos são produzidos consiste na ferramenta discursiva responsável por construir a concepção sobre os atores sociais.

Em relação ao grau de agentividade que os processos apresentam, entendemos que existe variação no exemplo (10), pois “dizer”, “falar”, “justificar”, “destacar” e “reivindicar” são, por si, processos que representam ações em níveis diferentes quanto a agentividade. O ator da ação de “reivindicar” possui valor semântico muito diferente daqueles atores dos outros processos verbais citados. Reivindicar supõe contra-argumentação, intervenção de alguém em relação a um estado de coisas, ou seja, revela um grau de ação do indivíduo que ultrapassa o simples ato de dizer ou informar, pois se apresenta como uma ação mais interventiva.

Esse exemplo ratifica nossa compreensão de que a forma de um enunciado é sempre identificada a partir da relação que mantém com sua função e de que os enunciados que analisamos só são capazes de gerar a representação que especulamos se considerarmos que eles estão organizados de determinada forma. Ou seja, o modo pelo qual os enunciados se estruturam fornece informações relevantes para percebermos nuances que indicarão possíveis representações sobre o que se fala. Vejamos, por exemplo, o enunciado abaixo:

(11)

Os organizadores da Parada têm anunciado que esperam levar 2,5 milhões de pessoas ao evento. (FP – 17/06/06)

Nesse exemplo, o processo verbal selecionado foi “anunciar”, que carrega um significado específico em relação a outros processos. O jornalista não escolheu para esse enunciado os processos “dizer”, “comentar” ou “falar”, mas “anunciar” o que fornece uma imagem específica ao ator dessa ação, representando-o como um indivíduo que torna algo conhecido, falando-o publicamente. Além disso, os atores que anunciam são os organizadores das Paradas e seu objeto de fala, ou seja, o assunto sobre o qual falam é o fato de que eles “esperam levar 2,5 milhões de pessoas ao evento”, isto é, algo pertencente ao contexto sociocultural gay, uma expectativa dos próprios organizadores (agentes da ação e, ao mesmo tempo grupo representado). Nesse enunciado os organizadores “executaram” uma ação (levar) com o intuito de aproximar o objeto (2,5 milhões de pessoas) de um evento que os representa.

Na maioria dos enunciados com processos verbais houve esse tipo de ocorrência: um fato reportado pelos organizadores por meio de diferentes processos, mas que corresponde ao domínio dos próprios gays. Os outros enunciados abaixo confirmam essa observação:

(12)

A organização do evento informou que o custo total foi de cerca de R\$ 400 mil, sendo que R\$ 150 mil são bancados pela prefeitura e o Governo do Estado. (DP – 14/06/04)

(13)

Com o tema: “Direitos Iguais: Nem mais nem menos”, a IV Parada da Diversidade, organizada por dez entidades integrantes do fórum GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), promete levar hoje à tarde, para as ruas do Recife, cerca de 25 mil pessoas defendendo o lema “União Civil: Diga sim!”. (DP – 02/09/05)

(14)

O coordenador do fórum GLBT diz que a parada no Recife precisa ser um reflexo do comprometimento da sociedade pelo respeito às diferenças. (JC – 01/09/06)

Nesses três exemplos e na maioria dos enunciados que encontramos em nosso *corpus* as escolhas dos participantes são semelhantes. Como nos excertos (12), (13) e (14), os objetos dessas ações locutivas são, como nesses casos, aspectos do domínio dos gays.

No exemplo (12) a organização informou o custo do evento, em (13) a IV Parada promete uma ação que ela executará no seu próprio entorno (o evento) e em (14) o coordenador diz algo sobre a Parada, que ela deve refletir um posicionamento da sociedade. Esse “paralelismo” discursivo é recorrente em quase todos os enunciados em que algum representante dos gays atua como agente de um processo verbal. Os objetos usados pelos jornalistas poderiam ser outros, como: em vez do custo do evento, como no exemplo (12), uma ação dos organizadores da Parada para exigir do governo medidas severas contra a discriminação sexual; em lugar de prometer levar pessoas para o seu próprio evento, como é apresentado no exemplo (13), fosse usado o mesmo processo para mostrar que as ONGs envolvidas na Parada pretendem atuar em outras frentes sociais, juntos a outros grupos, o ano inteiro, contra a homofobia. O uso desses objetos referentes aos gays quando os jornalistas representam suas ações locutórias é costumeiramente privilegiado nos discursos jornalísticos quando se cria a imagem do homossexual.¹⁷

Os gays militantes e aqueles que assistem às paradas, pelo menos em nossos dados, estão quase sempre sendo representados como indivíduos que apenas falam, discursam, comentam, informam algo sobre si. Essa representação com o tipo de processo menos recorrente que observamos (o processo verbal) já aponta para o que será possível se verificar através da análise de enunciados com outros tipos de processos, os quais veremos a seguir.

4.2.2. Os processos de pensar e sentir

Os processos mentais, conforme Halliday (2004), são aqueles que indicam uma ação mental, percepção ou sentimento, compondo uma experiência no domínio da consciência de quem é representado. Como, por exemplo, “Andréa Close, 23 anos, lembrou que a passeata é uma oportunidade para que travestis como ela lutem

¹⁷ Como nosso foco é o discurso jornalista, afirmamos que as estratégias discursivas analisadas são recorrentes nesse domínio, contudo não negamos a possibilidade delas ocorrerem em outros contextos.

contra o preconceito” (DP – 28/06/03). Nesse enunciado, “Andréa Close” praticou uma ação mental, pois desenvolveu a atividade cognitiva de recordar (lembrar), situada no domínio de sua consciência.

Em nossos dados, os processos mentais se mostraram mais freqüentes que os verbais. Sua participação no contexto geral dos textos jornalísticos que analisamos é muito significativa, pois, em quase todos os enunciados em que ocorrem, o objeto da ação mental corresponde ao público das Paradas e o significado do processo está ligado à expectativa que os organizadores criam em relação a esse público e à execução dos eventos que organizam. Alguns exemplos ilustram essa informação:

(15)

Organizadores, no entanto, estimavam um público de 700 mil pessoas.

(JC – 03/06/02);

(16)

A organização espera por 2 milhões de pessoas [...] (DP – 16/06/06)

Nesses casos, os objetos das ações (“público de 700 mil pessoas”, “2 milhões de pessoas” e “mais de 2 milhões de pessoas”) não representam especificamente ninguém. Eles podem indicar desde aqueles que participam dos movimentos de afirmação homossexual até os indivíduos que passam nas ruas no momento da Parada. Contudo, diante de nosso conhecimento de mundo, sabemos que os agentes desses processos – os organizadores – aguardam pessoas que são, em sua maioria, homossexuais.

Tanto quanto os processos verbais, os mentais revelam, de acordo com Halliday (2004), o modo como um grupo ou um indivíduo é representado socialmente. Em nossos dados os processos mentais estavam mais relacionados às atividades cognitivas e sempre ligadas ao fato de os homossexuais aguardarem ou desejarem um determinado público nas Paradas. Assim, além de “estimar” e “esperar”, “contar” e “pretender”, alguns processos, também recorrentes, são os apresentados abaixo:

(17)

A irreverente festa começou ainda à tarde e contou com a participação de grupos GLS de toda a Região Metropolitana, interior e de Estados vizinhos, que se concentraram em frente à Praça Osvaldo Cruz. Por volta das 19h, os fogos anunciaram o início da caminhada e deram um brilho aos céus do Recife com luzes coloridas. (JC – 28/06/03)

(18)

SÃO PAULO *evento, que pretende reunir hoje 2 milhões de pessoas, quer pressionar deputados a votar projeto oficializando a união civil homossexual.*

[...]

A Parada quer bater um recorde: arrecadar dois milhões de quilos de alimentos e colocar o feito no Livro dos Recordes. (JC – 29/05/05)

Esses processos, como mostram os exemplos acima, estão sempre atrelados ao fato de os homossexuais, por meio de ações mentais, exercerem alguma atividade que os apresentem como aqueles que desejam ou objetivam algo ligado aos próprios homossexuais (a participação de grupos GLS, a reunião de pessoas na Parada, o fato de a Parada bater recorde). Semelhantemente ao que ocorre com os processos verbais, os jornais que analisamos representam o homossexual, na maioria das vezes, como aquele que, recorrentemente, “*pensa em si mesmo*”.

Em se tratando de notícias sobre as Paradas da Diversidade sexual seriam, de fato, comuns enunciados em que o objeto da ação dos homossexuais são eles mesmos, afinal essa construção discursiva tende a focalizar o tema da notícia, os gays. Entretanto, o constante papel passivo dos gays como objeto dos seus próprios enunciados pode revelar a postura ideológica do jornalista, que não utiliza outras possibilidades de atuação dos homossexuais, como torná-los agentes de transformação social não apenas em seu contexto, mas agentes que atuam sobre ações dos outros e intervêm nos espaços de outros.

A interpretação que empreendemos aqui sobre os usos dos processos mentais em nossos dados nos parece relevante para uma percepção crítica da representação que atribuímos aos homossexuais em suas práticas cognitivas, pois, além de revelar uma similitude com o ocorrido nos processos verbais, garante que compreendamos a representação dos gays como aqueles que não pensam num

espaço além do seu próprio. Esse é um fato comum entre as notícias que analisamos. Semelhantemente aos processos verbais, que representam os gays como “indivíduos de voz limitada”, podemos interpretar que, com o uso dos processos mentais, essa representação se dá em torno, também, de um “indivíduo com a mente limitada”, pois não é apresentado pelo jornalista como aquele que pensa em objetos que não sejam eles próprios.

Dentre os 25 enunciados do nosso *corpus* que apresentam processos mentais, apenas 5 não correspondem ao modelo de enunciado que citamos. Esses dados, para um estudo crítico da representação do homossexual nos textos que analisamos, indicam o quase silenciamento das práticas cognitivas dos gays em textos jornalísticos, o que nos leva a crer que o homossexual é contemplado nos jornais como aquele que conta apenas com os seus iguais, que pensa apenas em si mesmo, estipula e calcula ações voltadas para si próprios e para seus próprios contextos.

Essas conclusões funcionam como preâmbulo para o mais vasto e complexo caso de transitividade nos enunciados sobre os homossexuais: o uso de processos materiais, que mobilizam os homossexuais como agentes ou pacientes de ações concretas.

4.2.3. Os processos de fazer e os papéis ativos

Nossa pesquisa tem, fundamentalmente, o intuito de entender os procedimentos que servem como agenciadores dos homossexuais nas notícias que compõem o nosso *corpus*. Um desses procedimentos é a lexicalização, mecanismo que consiste, de acordo com Fairclough (2001a), numa das formas mais facilmente visíveis para se identificar o modo como os indivíduos ou os grupos sociais são representados nos textos.

A lexicalização refere-se ao processo de seleção, organização e funcionamento de itens lexicais responsáveis por atribuir significados sociais aos conteúdos dos textos. Em nossos dados, podemos perceber algumas escolhas lexicais que ajudam a representar os gays de modo agentivo. Uma das formas mais freqüentes é a denominação “manifestante”. Os enunciados abaixo apresentam alguns exemplos disso:

(19)

Os manifestantes reivindicaram a ampliação de políticas sociais voltadas aos homossexuais. (DP – 23/06/03);

(20)

Os manifestantes soltaram a voz nos quatro trios elétricos que acompanharam a caminhada, que saiu no início da noite. Toda forma de amor vale a pena eram as palavras de ordem mais ouvidas. (DP – 14/06/04)

Se levarmos em conta que nossos dados apresentam como tema uma manifestação pública, poderemos considerar natural o uso do termo “manifestante” nas notícias que analisamos. De qualquer forma, a opção pelo uso dessa palavra é significativa, pois ela representa a imagem do gay como um interventor social, potencialmente agente. Além disso, diante dos enunciados a seguir, que se referem à Parada como “desfile”, “carnaval” e “festa”, ou, ainda, como “toda fauna derivada da sexualidade contemporânea”, o uso do termo “manifestante” é significativo para percebermos a construção da imagem dos homossexuais no jornal. Essa palavra é, tanto quanto “mobilização”, “manifestação” e “intervenção”, rara em nossos dados. É comum vermos os termos sublinhados nos excertos seguintes como forma designativa dos gays, pois para o senso-comum o campo semântico onde se situa tal léxico permeia o imaginário da grande população. Contudo, do ponto de vista de uma prática sócio-discursiva e política dos gays, esses termos, ao contrário dos outros citados (manifestante, etc), não garantem a representação dos homossexuais como indivíduos autônomos, pois os limitam à representação de “festa”. Vejamos nos exemplos a seguir.

(21)

O desfile faz parte das comemorações do Dia do Orgulho Gay, comemorado mundialmente, hoje. (FP – 28/06/03);

(22)

O centro do Recife viveu um dia de carnaval em pleno período junino. Ontem à noite, a 2ª Parada da Diversidade arrastou centenas de pessoas pelas principais ruas da cidade para comemorar o Dia do orgulho Gay e pedir

respeito para os homossexuais de Pernambuco. A irreverente festa começou ainda à tarde e contou com a participação de grupos GLS de toda a Região Metropolitana, interior e de Estados vizinhos [...] (JC – 28/06/03);

(23)

*Com o tema **Homossexualidade um assunto bem familiar gays, lésbicas, simpatizantes, travestis, bissexuais, heterossexuais, pansexuais e toda fauna derivada da sexualidade contemporânea** estarão reunidas hoje no bairro da Boa Vista para celebrar o chamado orgulho gay. (FP – 18/06/04)*

Se partirmos do pressuposto de que os termos – usados para designar a Parada – sublinhados nos exemplos acima apontam para um campo semântico divergente do campo de que faz parte a palavra “manifestação”, identificamos que determinados discursos, que são hegemônicos socialmente, compõem a maneira como os homossexuais e as Paradas são denominados em nossos dados. Ou seja, os itens lexicais sublinhados nos enunciados que apresentamos, do ponto de vista da representação de sua mobilidade social, carregam significados opostos, pois, enquanto o termo “manifestante” remete ao ato de produzir ação reivindicatória, que aponta para um movimento de transformação, os termos dos exemplos (16), (17) e (18) estão relacionados ao campo do lúdico, do artístico, portanto não comprometido com ações ligadas à prática de mudança social.

Essa ambivalência discursiva é um fato em nosso *corpus* e, relativamente a ela, constatamos haver uma grande desproporção de ocorrências, pois os termos designativos que atrelam os homossexuais e as Paradas ao campo semântico que indica transformação social ocorrem em número muito menor.

Os jornais têm conferido a imagem de atores aos homossexuais ainda por outras formas lingüísticas, como, por exemplo, a ocupação do papel de agente pelos gays em enunciados transitivos com processos materiais. Estes, de acordo com Halliday (2004), consistem nos enunciados que apresentam ações concretas (materiais) sobre algo ou alguém. Eles se configuram, em nossa pesquisa, como a mola-mestra de nosso objetivo, que é investigar de que forma os homossexuais são construídos nos textos jornalísticos: como agentes ou como objetos de uma ação.

Os enunciados que selecionamos para análise são aqueles que apresentam P1 e P2 como entidades empíricas e o processo como uma ação concreta. Por exemplo:

(24)

Parada Gay movimenta *centro* hoje. (DP – 27/06/03)
P1 processo P2

Os participantes que consideramos foco de nossa observação são os termos ligados aos homossexuais e aos eventos que eles organizam: a passeata, passeata gay, a parada, a festa, entre outros. Avaliamos se eles assumem papéis ativos ou passivos e de que forma isso acontece.

Dos 173 enunciados transitivos, como informamos no tópico sobre os dados quantitativos, 90 são enunciados em que os gays ocupam papel agentivo com processo material. Seguem alguns exemplos:

(25)

Durante a Parada, os organizadores distribuíram 50 mil preservativos masculinos e femininos. (JC – 02/09/06);

(26)

Dentro do espírito ativista, o ator e produtor Maurício Santana caprichou na produção para passar a mensagem. Vestido de branco e levando um caixão, ele homenageava todos os homossexuais mortos em Pernambuco.

(DP – 02/09/06);

(27)

O carro principal, da organização do evento, trará dois queridinhos do público GLBT do Recife: Gustavo Rangel e Nani Mel. (JC – 01/09/06);

No primeiro exemplo os organizadores distribuem preservativos, geralmente fornecidos nas Paradas e muito aguardados pelos participantes desses eventos. Os preservativos não são objetos cunhados pelos homossexuais, mas são tão comuns quando se trata de ambientes e eventos voltados para eles, que a sua distribuição já

é considerada inerente às atividades empreendidas pelos homossexuais.¹⁸ Já, no segundo trecho, o objeto beneficiado pelo ator e produtor é sua própria produção, ou seja, a fantasia que ele confeccionou, e, no último excerto, as personalidades trazidas pela organização do evento são artistas que circulam entre os próprios homossexuais, freqüentando os ambientes gays.

Além desses enunciados em que os homossexuais assumem papel de agentes, há, ainda, aqueles em que os gays são, ao mesmo tempo, agentes e objetos de suas próprias ações, pois os processos são apresentados em voz reflexiva. Vejamos alguns exemplos:

(28)

Homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgêneros se reúnem em dia de véspera de jogo do Brasil com previsão de chuva (DP – 17/06/06)

(29)

Gays se mostram na avenida hoje (FP – 01/09/06)

Em suma, constatamos, com diversos exemplos, que o mecanismo léxico-gramatical da transitividade deixa entrever a concepção do homossexual, nos jornais, como sujeito agente. Seja através de uma ação (processo) ou por meio da escolha dos termos, vários desses recursos foram responsáveis por destoar da imagem do homossexual que, durante muito tempo, perdurou na mídia e na opinião pública: de passividade e conformismo diante de sua representação social. Hoje os gays já são apresentados, em boa parte das notícias, como um grupo que exerce e reivindica seus direitos e que não está, apenas, à sombra dos discursos que, durante anos, foram responsáveis por representar, socialmente, sua imagem, como, por exemplo, os discursos da Medicina e da igreja.

Observando os textos que compõem o nosso *corpus*, percebemos que, como nos casos dos enunciados com processos verbais e mentais, os gays, quando assumem papel de ator, agem sobre eles mesmos ou sobre objetos semelhantes a

¹⁸ A entrega de preservativos aos gays em quase todos os ambientes e eventos montados para eles revela uma concepção arcaica sobre a homossexualidade, aquela que trata essa orientação sexual como um assunto concernente apenas à perspectiva do sexo. Além disso, esse tipo de ação reforça a idéia de que os gays só se dedicam ao sexo ou que, onde eles se encontram, sempre haverá práticas sexuais.

eles. Constatamos que a grande maioria dos participantes que ocupam função de objetos das ações dos homossexuais é do próprio entorno social deles.

Essa representação não se define por princípios estruturais ou semânticos apenas, mas, principalmente, por efeitos de ordem pragmática, pois sabemos que o valor atribuído ao homossexual a partir dos textos jornalísticos que analisamos não garantirá sua inclusão social. Para reforçar essa tese, reportamos-nos a Fairclough (2003), quando afirma que a inclusão social se dá pelo discurso e que, em muitos casos, este pode parecer garantir inserção social, mas isso não se realiza efetivamente. Essa ilusão, para Fairclough (2001a), funciona como o “motor” de muitos discursos contemporâneos que reificam o sujeito e lhe dão a impressão de ter acesso a determinados lugares sociais, sem que, de fato, isso ocorra.

Tendo em vista o exposto, cremos poder afirmar que as ocorrências de referências a homossexuais nos jornais dos últimos anos em Pernambuco representa a visibilidade que esse grupo tem alcançado, pois a publicação de notícias sobre eventos e ações desenvolvidas pelos gays tem, cada vez mais, espaço garantido nos jornais. Contudo, a participação desses homossexuais nas ações que eles praticam e que são representadas nos enunciados sobre eles é, ainda, muito ínfima. O poder de governo através da agência por processos materiais (tanto quanto com os processos verbais e mentais) é limitado, pois o alcance de atuação dos homossexuais sobre a sociedade, de um modo geral, é muito pequeno, isto é, falar, pensar e exercer ações físicas sobre objetos comuns a todos é, ainda, uma concepção que não se insere recorrentemente nas práticas discursivas dos jornais que analisamos.

Percebemos que 70% dos enunciados onde os gays assumem papel ativo com os processos materiais apontam para o fato de que o poder de transformação que o homossexual tem volta-se para o seu próprio contexto, em seu grupo ou suas atividades. Os enunciados em que os homossexuais são representados praticando ações em outros espaços e sobre indivíduos que não são eles mesmos ocorrem nos demais casos de uso dos processos materiais e consistem em estruturas muito semelhantes entre si. Alguns exemplos são os enunciados seguintes:

(30)

Parada Gay reúne 200 mil pessoas. (DP – 18/06/01);

(31)

Parada gay leva mais de 2 milhões às ruas. (JC – 30/05/05);

(32)

[...] a Parada da diversidade e do orgulho Gay arrastou milhares de pessoas pelas principais ruas do Centro do Recife, ontem à noite [...] (JC – 19/06/04).

Nesses casos, reconhecemos, em todas as notícias, uma estrutura comum de representar as formas como o homossexual atua de modo agentivo sobre outrem (200 mil pessoas, 40 mil pessoas, 2 milhões, milhares de pessoas). Se seguirmos o mesmo raciocínio usado para interpretar os processos mentais, isto é, compreendendo que os objetos desses enunciados representam geralmente os próprios homossexuais, verificamos que a atuação dos gays não se dá apenas sobre outrem, mas é, também, uma ação sobre eles mesmos.

Essas estruturas ocorrem freqüentemente nos títulos das notícias que compõem nosso dados. Esses títulos são comuns no jornalismo impresso para informar que houve uma grande adesão da população ao evento, por isso o uso constante de “parou”, “arrastou”, “reuniu” para representar esse fato.

Contudo, há uma minoria de casos em que os gays, de fato, atuam sobre um objeto que não pertence ao seu contexto cultural. Isso ocorre nos exemplos a seguir:

(33)

O encontro lotou hotéis da cidade [...] (DP – 16/06/06).

(34)

Gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes invadiram o Centro da cidade, ontem à noite, na IV Parada da Diversidade, que levou às ruas o tema Direitos Humanos: Nem mais nem menos. (JC – 03/09/05)

Ratificamos que a escolha dos processos e dos participantes por parte dos jornalistas não é algo aleatório e revela a reprodução de uma ideologia historicamente hegemônica e construída sobre os homossexuais. Se exemplos como esses se apresentassem com uma freqüência maior, obteríamos resultados diferentes, que mudariam a nossa interpretação sobre o processo de representação

da homossexualidade nos jornais. Se assim fosse, poderíamos concluir que haveria uma intervenção social dos homossexuais nos textos que os representam, o que conduziria a outra concepção social dessas práticas discursivas sobre a homossexualidade nos textos jornalísticos. Como isso não parece ser fato em nossos dados, podemos propor interpretações sobre o que é recorrente e o que representa geralmente a imagem social da identidade gay, caracterizada por uma agência social reduzida em discursos jornalísticos.

Como vimos com os três tipos de processos que selecionamos em nossos dados (verbal, mental e material), os gays são recorrentemente representados como agentes de ações sobre seus próprios contextos culturais. Esse fato é relevante principalmente porque também existe a situação inversa: os homossexuais assumindo papéis passivos, embora apenas nos processos materiais. No próximo tópico discutiremos um pouco esse caso.

4.2.4. Os processos de fazer e os papéis passivos

Embora ocorra um grande progresso no processo de visibilidade dos homossexuais nas notícias que selecionamos sobre as Paradas da diversidade sexual, verificamos um mecanismo textual que segue na direção oposta a esse processo: o desfoque das ações desenvolvidas pelos homossexuais à proporção que se ressalta a participação de representantes políticos ou as providências empreendidas por estes no tocante às Paradas. Com isso, a visibilidade textual que os homossexuais alcançam em alguns textos é comprometida, pois detectamos parágrafos completos, em que “prefeita”, “deputado”, “ministro”, entre outras representações, atuam como foco central, em detrimento das ações reivindicatórias dos homossexuais. No nosso *corpus*, detectamos 11 notícias com esse procedimento.

Esses dados são significativos na medida em que nos possibilita verificar o espaço reservado aos gays nos textos que versam sobre eles mesmos, pois, nesses casos, a homossexualidade tem sido relegada a segundo plano a favor dos comentários sobre participantes que, na maioria das vezes, não têm nenhuma relação direta com os homossexuais. Os mais freqüentes são exemplos como os citados a seguir:

(35)

Além da prefeita, estavam no local o deputado federal José Genoíno (SP), presidente nacional do PT, e o ex-secretário municipal da Habitação Paulo Teixeira. Outro ex-secretário, José Américo Dias (Comunicação), também foi, mas não conseguiu subir no caminhão por conta da confusão dos seguranças. Teixeira e Dias são candidatos a vereador neste ano. Pelo lado político, além dos militantes do PSTU, também marcaram presença os integrantes do novo PSOL (partido Socialismo e Liberdade), de dissidência do PT, que carregavam uma faixa pela "livre expressão sexual". (DP – 14/06/04);

(36)

Candidata à reeleição, a prefeita Marta Suplicy (PT) chegou ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), local da concentração, por volta das 13h30. Depois de abrir a parada no primeiro carro, a petista foi para o carro da prefeitura, o quarto. Lá, ao lado do marido, a prefeita dançou e acenou para o público. "Nós temos cada vez mais de saber aceitar o diferente e dar cidadania para as pessoas" (JC – 14/06/04);

No exemplo (35), seis participantes, entre políticos e representantes de partidos, foram citados e todos eles envolvidos em processos que os relacionam com as paradas:

1. a prefeita, o deputado e o ex-secretário da Habitação estavam no local;
2. o ex-secretário de Comunicação foi ao local;
3. os militantes do PSTU marcaram presença;
4. os integrantes do PSOL carregaram uma faixa.

Embora todas essas ações apontem para a manifestação que é o assunto da notícia, o excerto (35) reafirma a imagem da Parada como um evento que recebe apoio de outrem. Esses exemplos revelam que há uma tendência em se evidenciar a atuação e performance de políticos, ressaltando-se, muitas vezes, que a participação deles oferece apoio à reivindicação empreendida.

O exemplo (36) mostra que os jornais entrevistam essas personalidades e publicam, nas notícias, trechos dessas entrevistas, que se caracterizam, sempre,

como discursos de apoio aos homossexuais e à causa que eles defendem. Nesse exemplo, não são só representadas as ações de a prefeita chegar ao evento e dar início (abrir) à Parada, mas também acenar para o público e dançar. Essas ações, sem dúvida, ajudam a propagar a idéia de que Marta Suplicy não só frequenta a Parada, mas apóia as reivindicações dos gays e, sobretudo, aproveita a oportunidade para um marketing.

Esses procedimentos de desfoque acabam gerando uma representação passiva dos gays militantes, pois permite que o espaço de fala dos homossexuais, nas notícias sobre eles mesmos, se reduza em detrimento de outros grupos que dizem lhes dar apoio, como os empresários das boates e os políticos, que são representados discursivamente com processos que os relacionam às paradas (ir à Parada, marcar presença, abrir a Parada).

A seleção de processos materiais que possuem sentido apassivador, como no enunciado “A parada ganhou força com a presença de participantes vindos de várias partes do País.” (DP – 14/06/04), juntamente com a escolha de participantes que atuam sobre os homossexuais ou pratiquem ações em prol deles, como em “Quatro trios-elétricos e grupos de dançarinos comandaram a festa [...]”, caracteriza a composição dos enunciados transitivos que representa a passividade dos gays. Desses, foram detectados, em nossos dados, 28 casos. Embora muito menos freqüentes que os enunciados em que os gays possuem papéis ativos, eles apresentam diferentes tipos de participantes que praticam ações sobre os homossexuais, como demonstram os enunciados a seguir:

(37)

Uma queima de fogos abrirá a passeata [...] (DP – 27/06/03);

(38)

[...] um show pirotécnico anunciou o início da marcha [...] (DP – 28/06/03);

(39)

Caboclos de lança e o maracatu Estrela da Tarde, de São Lourenço da Mata abriram a festa [...] (DP – 28/06/03)

(40)

São Paulo põe hoje nas ruas sua 6ª Parada do Orgulho Gay. (JC – 02/06/02).

No decorrer dos anos de 2000 a 2006, esses enunciados se apresentaram de modo diferente. De 2000 a 2002, encontramos, em nossos dados, apenas 07 casos; nos anos de 2003 a 2006 foram detectados 25. Embora, nos primeiros anos, a ocorrência tenha sido menor, era muito mais intensa nas notícias, pois, naquele período, apenas o DP e o JC noticiavam a Parada e, ainda assim, o DP só havia publicado uma única notícia, no ano de 2001. Para exemplificar, apresentamos essa notícia a seguir.

(41)

Parada Gay reúne 200 mil pessoas

São Paulo – Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, em São Paulo. Pela primeira vez em cinco anos, o evento foi aberto por um representante do Executivo municipal. A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata com um discurso breve em que ressaltou o respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais. Durante o trajeto, a prefeita foi aplaudida. “Foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta. “A vida inteira eu carreguei essa bandeira contra a discriminação e o preconceito”. Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT). Os cantores Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa e iniciaram suas apresentações com o Hino Nacional, cantando em seguida o hino da parada. (DP – 18/06/01)

Ao lermos o título dessa notícia, podemos imaginar que o texto vai desenvolver a informação nele contida, de que a parada “reuniu” 200 mil pessoas em torno de uma mobilização gay (número vultoso de participantes para uma parada no Brasil desse período histórico), isto é, que foi capaz de exercer uma ação sobre os outros. Entretanto, na continuidade da leitura, verificamos que a abordagem é distinta da que imaginamos.

O texto se inicia com um enunciado que é tematizado pelo objeto do enunciado apresentado no título: “Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros [...]”. Os papéis se invertem. A Parada, que assumia papel claro de agente, no título, passa a ser beneficiária da ação de cerca de 200 mil pessoas, como mostra o quadro abaixo:

<u>Parada Gay</u>	reúne	<u>200 mil pessoas</u>
<u>Cerca de 200 mil pessoas</u>	participam	<u>da Parada</u>

No segundo período desse texto – “[...] o evento foi aberto por um representante do Executivo municipal” –, a Parada é retomada pelo termo “evento” e volta a assumir lugar de objeto. No enunciado posterior a esse período, a Parada permanece ocupando papel passivo de objeto da ação material da prefeita Marta Suplicy – “A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata [...]”. A partir daí, a então prefeita passa a ser o assunto das seqüências que seguem no texto: “[a prefeita] ressaltou o respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais; a prefeita foi aplaudida; Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT)”. Após isso, a notícia é encerrada com um período em que os cantores Edson Cordeiro e Elza Soares se apresentam como outros atores sobre a Parada, que, nesse momento, é denominada de festa – “Os cantores Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa [...]”.

O que torna essa notícia significativa para nós não é apenas o fato de a Parada ocupar papel passivo em todos os enunciados do texto, mas de assumir função de objeto das ações empreendidas por atores que não representam os homossexuais. Esse dado pode não significar uma informação tão relevante se consideramos a quantidade de textos no período entre 2000 e 2001. Entretanto, os excertos seguintes ajudam a chegar a melhores conclusões sobre esse fato.

(42)

A caminhada [...] ganhou o apoio de ONGs que trabalham com a sexualidade de Pernambuco e de grupos de outros Estados. (JC – 19/06/04)

(43)

[...] a Parada do Orgulho de Gays e Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros foi aberta por um representante do executivo municipal. (JC – 17/06/01)

(44)

A parada contou com a adesão de diversas entidades como o PAPAI (grupo de apoio aos pais adolescentes), o Positivo (de trabalho e prevenção a Aids) e a Associação Pernambucana de Profissionais do Sexo. (DP – 28/06/03);

Independentemente da posição em que se encontra o participante ligado à homossexualidade (P1 ou P2) nos enunciados acima, todos os participantes que representam os gays são submetidos à ação de outrem. Ou seja, ao contrário do que acontece com a maioria dos papéis ativos, os passivos são quase sempre alvo de sujeitos que não são homossexuais.

Dentre todos os enunciados em que o homossexual é passivo, não há nenhum em que ele seja alvo de uma ação de seu próprio grupo, que se caracterize como algo previsível, se considerarmos que o mais comum é o ator ou agente de uma ação interferir no contexto que não é o seu, especialmente quando se trata de um grupo historicamente excluído das práticas sociais consideradas normais. Contudo, isso, para nós, se mostra significativo, pois, nos casos em que os gays podem atuar sobre outrem, a ação é apresentada de outra forma. Desse modo, é cabível o uso dos pressupostos teóricos de Fairclough (2003) para compreendermos o que essas práticas discursivas representam num sentido mais amplo.

Para esse autor, quando os objetos que recebem uma ação de um indivíduo/grupo são os próprios indivíduos ou os grupos, podemos identificar um processo de baixa representação e não efetiva inserção social. Fairclough (2003) entende a exclusão por meio do discurso como uma forma de os elementos textuais governarem uma ação que não permite a democratização dos atos sociais, ou seja, como apontam nossos dados, os homossexuais são governados por práticas de outros, mas governam apenas as suas.

É com base nesse postulado que nosso entendimento sobre a construção da homossexualidade passa pela discussão sobre a inclusão e a exclusão discursiva/social e resulta na nossa conclusão de que, hoje, há muita visibilidade

para os homossexuais no domínio jornalístico, o que os dados quantitativos já atestam, mas não há inclusão social desses indivíduos nesses discursos.

Outro aspecto que representa o homossexual com baixa inclusão social é o processo de lexicalização, também citado por Fairclough (2001a) como um mecanismo de exclusão social, pois pode servir como uma estratégia de estereotipia, como é o caso dos homossexuais nos jornais. Por exemplo, na notícia publicada no DP, em 28 de junho de 1999, é possível encontrarmos um aspecto textual que aponta para o significado atribuído, na época, à homossexualidade. Temos, em vários momentos, nessa notícia, a alusão à idéia de comemoração e festa. Isso é possível de se perceber se consideramos a grande quantidade de termos ligados a esse campo semântico. Segue um trecho dessa notícia.

(45)

Movimento festeja Dia do Orgulho Gay

A comunidade GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) de Pernambuco comemorou ontem, pela primeira vez no Estado, o Dia Internacional do Orgulho Gay, com uma concentração na avenida Boa Viagem, nas imediações do Hotel Savaroni. A celebração da data originou-se nos Estados Unidos há 30 anos e hoje é festejada em mais de 140 países, inclusive no Brasil. A proposta, segundo o organizador do evento em Recife, Maurício Santana, é conscientizar a população dos direitos fundamentais do homem e, dessa forma, tentar reduzir o preconceito e a discriminação.

[...]

Para uma primeira vez, o grupo conseguiu adeptos e apoio da população, mas a mobilização ainda foi tímida, não reunindo o real número de gays e lésbicas do estado, que segundo a organização, gira em torno de 10 mil pessoas. Ao contrário de outras capitais brasileiras que festejam a data e de cidades como Nova York e Paris, aqui eles não saíram em passeata.

Numa análise global do exemplo (45), devemos considerar seu contexto de produção. Em 1999, o Brasil ainda sediava poucos eventos de grande porte organizados por e para os homossexuais. Essa notícia é sobre a primeira passeata do orgulho gay em Recife, portanto, é importante salientar que, naquela época, a

consciência política da população sobre esse tipo de evento ainda era muito pequena.

Primeiramente, uma marca muito comum nos enunciados sobre as ações dos homossexuais é a natureza do léxico utilizado para representá-las. Todos os termos estão ligados ao comportamento “alegre” do grupo. Nos excertos a seguir, as palavras sublinhadas confirmam isso.

(46)

Movimento festeja Dia do Orgulho Gay

(47)

A comunidade GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) de Pernambuco comemorou ontem, pela primeira vez no Estado, o Dia Internacional do Orgulho Gay [...];

(48)

A celebração da data originou-se nos Estados Unidos há 30 anos e hoje é festejada em mais de 140 países, inclusive no Brasil;

(49)

Ao contrário de outras capitais brasileiras que festejam a data e de cidades como Nova York e Paris, aqui eles não saíram em passeata.

“Comemorar”, “celebração” e “festejar” são palavras do mesmo campo semântico que, normalmente, estavam presentes nos textos que se referiam aos homossexuais. As Paradas, embora declarassem seu objetivo de reivindicação, eram muito pouco representadas como manifestações legitimamente políticas. Sua imagem era propagada como uma grande festa ao ar livre. Hoje, isso tem-se atenuado, por conta de um constante marketing político que vem se estabelecendo no discurso da própria organização das paradas, quando, por exemplo, ressalta a importância de cobrar, durante o evento, atitudes governamentais que garantam os direitos dos homossexuais, mas também pela forma como a imprensa tem apresentado esse evento. Nos últimos anos, a abordagem apresentada nos jornais

que analisamos tem representado a Parada como um evento de caráter muito mais político do que nos anos anteriores.¹⁹

O léxico utilizado se constitui num elemento relevante se consideramos que os termos citados – “comemorar”, “celebração” e “festejar” – não são por acaso. Eles nos remetem à concepção histórica de que o domínio dos gays é o universo da irreverência e da festa. Ou seja, os fatores de ordem externa à linguagem – os conhecimentos sobre a concepção histórica acerca dos gays – juntamente com os fatores internos à linguagem – o léxico – resultam numa interpretação sobre o discurso representado nessa notícia acerca da primeira Parada em Recife.

Diante desses exemplos, informamos que nossas análises se mostram como investigações críticas, pois se interessam em desvendar a relação entre linguagem e hegemonia social, tendo em vista, especificamente, o discurso jornalístico, que promove a reprodução ou a ruptura com os discursos vigentes sobre a homossexualidade. É devido a isso que a ACD se apresenta para nós como um projeto teórico-metodológico importante quando investigamos a relação entre a linguagem e a sociedade.

Estamos convencido, com base em nossa abordagem, de que a ACD e a Lingüística Sistêmico-Funcional consistem em dois campos teórico-metodológicos de grande valia para a o estudo da representação social e que nossos resultados, com o apoio dessas duas orientações investigativas, podem revelar o baixo grau de autonomia e inserção social dos homossexuais nas notícias dos jornais de Pernambuco, o que nos confirma a pertinência da Lingüística para o estudo das práticas sociais de inclusão e visibilidade social e nos aponta que os gays ainda sofrem de demasiada discriminação social, mesmo sendo, hoje, de modo muito mais velado que outrora.

¹⁹ Para perceber melhor isso, vide as notícias publicadas em 2006 que estão reproduzidas no anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos motivos de nossa pesquisa é a razão de os homossexuais, a partir da década de 1990, segundo Trevisan (2004) e Green & Polito (2004), estarem mais popularizados na mídia e na sociedade de modo geral. Essa informação significou a mola propulsora para investigarmos a representação da homossexualidade, tendo em vista que não estávamos convencidos de que essa “popularização” consistia numa abertura para a inserção social dos homossexuais.

Partindo desse princípio, que se apresentava como o problema-chave do nosso empreendimento científico, propusemos iniciar um estudo sobre a forma como os homossexuais são representados na mídia, especificamente no jornal impresso. Para tanto, na tentativa de perceber, através de um estudo lingüístico, a relação que se estabelece entre a prática discursiva e a prática social sobre os homossexuais, fundamentamo-nos na teoria crítica do discurso desenvolvida por Norman Fairclough (2001a; 2003), que nos ofereceu subsídios para conceber a linguagem utilizada em nossos dados como uma prática social constitutiva das relações humanas.

Selecionamos, então, como objeto de análise, o mecanismo de transitividade verbal, que, conforme Halliday (1985; 2004) – se entendido numa perspectiva funcionalista dos estudos lingüísticos –, oferece a possibilidade de identificarmos o papel de agente ou paciente que o indivíduo ocupa nas diversas práticas sociais que exerce. Com isso, iniciamos a nossa investigação em notícias publicadas nos jornais dos últimos anos.

Após essa organização metodológica e por acreditarmos que toda prática científica constitui um pleito de ordem política, decidimos desenvolver a nossa pesquisa a partir de uma perspectiva crítica e engajada, pois acreditamos que, assim, funcione, também, como forma de contribuição para a conscientização social. A partir de então, em todo processo, até a escritura desta dissertação, buscamos assumir uma postura de comprometimento com as questões políticas da homossexualidade.

Com a conclusão de algumas análises, nossos resultados apontaram como a representação dos homossexuais, por meio da transitividade verbal, no discurso jornalístico impresso, se apresentou ao longo dos últimos anos. Esses resultados se foram revelando à medida que desenvolvemos uma investigação através da qual

reconhecemos como imprescindível a relação entre prática discursiva e prática social. Percebemos que os processos verbais, mentais e materiais constituem recursos lingüísticos para refletirmos sobre como os gays são representados na prática de ações enunciativas, cognitivas e físicas. Verificamos que esses processos são comumente utilizados, nas notícias que analisamos, ora reproduzindo os homossexuais como agentes, ora como pacientes das ações apresentadas nos enunciados. Ou seja, percebemos, em nossa pesquisa, que, cada vez mais, os gays têm representatividade nos jornais dos últimos anos, aparecendo como tema de várias notícias no período em que ocorrem as Paradas da Diversidade Sexual; o ano de 2006 constata isso, pois nesse período os três jornais que analisamos publicaram notícias sobre as Paradas de São Paulo e de Recife.

Para nós está claro que há visibilidade social da homossexualidade verificada a partir das notícias que analisamos. Os gays, de fato, estão ocupando espaço nos jornais e não são apenas “alegorias” de carnaval, como outrora, mas agentes de ações políticas que lutam contra a discriminação e o preconceito. Esse é um dado quantitativo que verificamos em nossa pesquisa.

Quando nos debruçamos ao investigar mais detidamente a relação entre os processos e os participantes dos enunciados utilizados pelos jornalistas, percebemos que nossos dados possuem algo em comum do ponto de vista discursivo: os papéis selecionados para os homossexuais não fornecem a eles uma imagem de indivíduos interventores da sociedade, são sempre papéis de quem atua limitadamente sobre a sociedade, pois não transformam seu contexto, são apenas agentes de seus eventos. Do ponto de vista social, a recorrência dessa prática discursiva revela a imagem dos homossexuais como um grupo estigmatizado; que tem mobilidade social, mas que não atua fora do âmbito que demarcou como seu, de seu “gueto”.

Por isso, defendemos que é pertinente apontar detalhes lingüísticos que forneçam informações sobre os mecanismos que produzem essa representação, a fim de, com isso “aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação” (FAIRCLOUGH, 1989, p.01). A análise dos constituintes dos enunciados foi fundamental para levantarmos o véu da visibilidade social dos homossexuais por meio da linguagem, pois percebemos que os gays têm uma

atuação, do ponto de vista discursivo, ainda de modo limitado, ou seja, sem grandes possibilidades de autonomia e com isso sem alcance de inclusão social.

Esses resultados revelaram que a representação característica dos homossexuais nos textos jornalísticos impressos no Recife é de grupo com baixa possibilidade de participação ativa na sociedade, ou seja, com pouca inserção. Contudo, a partir da perspectiva de que as hegemonias são produzidas, contestadas e transformadas no discurso, acreditamos, como defende Fairclough (1989), que um determinado discurso pode passar de marginal a opcional, desde que saiba engendrar as práticas legitimadas que sustentam as relações de dominação. Por isso, acreditamos que nossa pesquisa se apresenta como uma contribuição ao modo de olhar os discursos públicos sobre os gays.

Com nossos resultados, fica a certeza de que a perspectiva funcionalista do estudo lingüístico serve como uma perspectiva eficaz para a análise social da linguagem e que uma análise crítica do discurso se mostra importante estratégia para refletirmos sobre a repercussão da imagem social dos homossexuais. Assim, percebemos que, em nossa pesquisa, a investigação dos componentes gramaticais resultou no entendimento da função ideacional da linguagem de nossos dados.

Temos consciência de que nosso *corpus* apresenta apenas um fragmento de um vasto e diversificado material jornalístico impresso sobre a homossexualidade. Contudo, acreditamos que nossos objetivos, aqui, foram alcançados, tanto do ponto de vista metodológico, como de nossos propósitos políticos, pois nossa análise demonstrou que é possível verificar, por meio de um estudo do texto, a representação social da homossexualidade no domínio jornalístico, que identificamos como a prova de que o homossexual ainda não tem grandes possibilidades de se apresentar de modo autônomo, sendo representado como um indivíduo que intervém também pode transformar a sociedade.

Esperamos que esta dissertação tenha alcançado os seus objetivos ou, pelo menos, ajudado a refletir sobre a importância de se atrelar a análise lingüística aos estudos dos fenômenos sociais de um modo geral. Assim, tendo em vista o propósito de desestabilizar o senso-comum sobre as práticas que representam a homossexualidade no espaço jornalístico, acreditamos ter fornecido dados relevantes para se verificar como a imagem dessa orientação sexual se configura socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL, N. P. Análisis crítico del discurso y representaciones sociales: un acercamiento a la comprensión de la lectura. In: BERARDI, L. (Org.). Análisis crítico del discurso: perspectivas latino-americanas. Santiago: Frasis Editores, 2003. p. 51 – 75.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, J. F. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. Journal of Pragmatics, n. 9, p. 739-763, 1985.

_____. Language and power. Londres: Longman, 1989.

_____. Discurso e mudança social. Tradução de Maria Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001a.

_____. The dialectics of discourse. 2001b. Disponível em: < <http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/norman/norman.htm> >. Acesso em: 22 jun. 2005.

_____. Analysing discourse: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Tradução de L. F. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. História da sexualidade I: a vontade de saber. 16. ed. Tradução de Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005.

FOWLER R. Sobre a lingüística crítica. Linguagem em (dis)curso. Florianópolis: Unisul, Número especial: Análise crítica do discurso, vol. 4, 2004.

FOWLER, R. et al. Language and control. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

FRY, P.; MACRAE, E. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense/Abril Cultural, 1985. (Primeiros passos, n. 81).

GIDDENS, A. Modernity and self-identity: self and society in the late modern age. Cambridge: Polity Press, 1991.

GREEN, J. N.; POLITO, R. Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004. (Baú de Histórias).

GUIMARÃES, C. D. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade).

HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. In: LYONS, J. New horizons linguistics. London: Pinguin Books, 1970. p. 140 – 165.

_____. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold, 1985.

_____. An introduction to functional grammar. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HIGHWATER, J. Mito e sexualidade. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo: Saraiva, 1992.

HOCQUENGUEM, G. A contestação homossexual. São Paulo: Brasiliense, 1980.

KRESS, G. Critical discourse analysis. In: W. G. (Org.). Annual Review of Applied Linguistics, n. 11. p. 84-99, 1990.

_____.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 1996.

KRESS, G.; HODGE, R. Language as ideology. Londres: Routledge, 1979.

MAGALHÃES, M. I. Teoria crítica do discurso e texto. Linguagem em (dis)curso. Florianópolis: Unisul, Número especial: Análise crítica do discurso, vol. 4, 2004.

_____. Introdução à análise de discurso crítica. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo: Scielo Brasil, 2005. Número especial, vol. 21.

PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: _____. (Org.). Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Linguagem e cognição do ponto de vista da Lingüística Crítica. Veredas Revista de Estudos Lingüísticos, vol. 6, n. 1, Juiz de Fora: UFJF, p. 91-104, jan/jun. 2002.

_____. Por uma Lingüística Crítica. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Lingüística Crítica e Crítica da Lingüística*. Conferência proferida no VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal (ENIL) e I Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso. UNB, out. 2004.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica. São Paulo: contexto, 2006.

THOMPSON, J. B. Ideology and modern culture. Cambridge: Polity Press, 1990.

TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VAN DIJK, T. A. News as discourse. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

_____. Semântica do discurso. In: PEDRO, E. R. (Org.). Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. p. 105-168.

_____. Discurso, poder y cognición social. Cali: Editorial Facultad de Humanidades, 2004.

VIEIRA, J. A. As abordagens críticas e não-críticas em análise do discurso. In: SILVA, D. E. G.; VIEIRA, J. A. Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: Plano, 2002. p. 143 – 164.

WODAK, R. De que trata el análisis (ACD): resumen de sua historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R.; MEYER, M. Métodos de análisis crítico del discurso. Tradução de Tomás F. Aúz & Beatriz Eguibar. Barcelona: Guedisa, 2003a. p. 17-34.

_____. El enfoque histórico del discurso. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Comp.) Métodos de análisis crítico del discurso. Barcelona: Gedisa, 2003b. p. 106-142.

REFERÊNCIAS DAS NOTÍCIAS DE JORNAL

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

MILHARES comparecem à Parada da Diversidade. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jun. 2003. Vida urbana, p. 10.

MOVIMENTO gay reivindica novas políticas. Diário de Pernambuco, Recife, 23 jun. 2003. Brasil, p. 4.

PARADA começa às 15h. Diário de Pernambuco, Recife, 01 set. 2006. Vida Urbana, p. 7.

PARADA da diversidade agita centro. Diário de Pernambuco, Recife, 02 set. 2006. Vida Urbana, p. 6.

PARADA do Orgulho Gay brilha na chuva. Diário de Pernambuco, Recife, 19 jun. 2004. Vida Urbana, p. 6.

PARADA gay movimentada centro hoje. Diário de Pernambuco, Recife, 27 jun. 2003. Vida Urbana, p. 10.

PARADA Gay paulista reliza 10ª edição. Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 2006. Brasil, p. 11.

PARADA gay reúne 200 mil pessoas. Diário de Pernambuco, Recife, 18 jun. 2001. Brasil, p. 5.

PARCERIA Civil já e direitos iguais. Diário de Pernambuco, Recife, 30 mai. 2005. Brasil, p. 4.

SÃO Paulo se organiza para a maior parada gay. Diário de Pernambuco, Recife, 16 jun. 2006. Brasil, p. 8.

SP faz maior parada *gay* do mundo. Diário de Pernambuco, Recife, 14 jun. 2004. Brasil, p. 04

FOLHA DE PERNAMBUCO

ANDRÉ, R. *Gays* param o centro do Recife. Folha de Pernambuco, Recife, 28 jun. 2003. Grande Recife, p. 3.

_____. Parada *gay* pára o centro do Recife. Folha de Pernambuco, Recife, 03 set. 2005. Grande Recife, p. 05.

ESTHER, M. Parada *gay* terá foco político. Folha de Pernambuco, Recife, 02 set. 2005. Grande Recife, p. 3.

PARADA *gay* de SP se despede da Paulista. Folha de Pernambuco, Recife, 17 jun. 2006. Brasil, p. 07.

QUEIROZ, R. *Gays* se mostram na avenida hoje. Folha de Pernambuco, Recife, 01 set. 2006. Grande Recife, p. 4.

SOARES, T. Hoje é dia da parada *gay* do Recife. Folha de Pernambuco, Recife, 18 jun. 2004. Programa, p. 6.

JORNAL DO COMMERCIO

DESFILÉ GLS reúne 200 mil na Paulista. Jornal do Commercio, Recife, 17 jun. 2001. Cidades, p. 2.

GAYS e simpatizantes lotam a Avenida Paulista. Jornal do Commercio, Recife, 25 jun. 2000. Brasil, p. 4.

GAYS vão às ruas pedir fim da violência. Jornal do Commercio, Recife, 01 set. 2006. Cidades, p. 3.

IRREVERÊNCIA marca a passeata gay no Recife. *Jornal do Commercio, Recife*, 19 jun. 2004. Segunda Capa, p. 2.

MILHARES acompanham Parada da Diversidade. *Jornal do Commercio, Recife*, 02 set. 2006. Segunda Capa, p. 2.

MULTIDÃO participa da Parada da Diversidade. *Jornal do Commercio, Recife*, 28 jun. 2003. Segunda Capa, p. 2.

ORGULHO gay reúne 800 mil pessoas. *Jornal do Commercio, Recife*, 23 jun. 2003. Brasil, p. 4.

PARADA da diversidade leva alegria ao Centro. *Jornal do Commercio, Recife*, 03 set. 2005. Segunda Capa, p. 2.

PARADA da Diversidade muda trânsito no Centro. *Jornal do Commercio, Recife*, 02 set. 2005. Cidades, p. 2.

PARADA Gay cobra direitos iguais aos dos heterossexuais. *Jornal do Commercio, Recife*, 29 mai. 2005. Brasil, p. 3.

PARADA gay deve reunir 300 mil pessoas hoje em São Paulo. *Jornal do Commercio, Recife*, 02 jun. 2002. Brasil, p. 2.

PARADA gay leva mais de 2 milhões às ruas. *Jornal do Commercio, Recife*, 30 mai. 2005, p. 4.

PARADA Gay ocorre hoje. *Jornal do Commercio, Recife*, 17 jun. 2006. Brasil, p. 15.

PARADA gay reúne 320 mil pessoas em avenidas de São Paulo. *Jornal do Commercio, Recife*, 03 jun. 2002. Brasil, p. 2.

SÃO Paulo tem a maior parada gay do mundo. Jornal do Commercio, Recife, 14 jun. 2004. Brasil, p. 4.

ANEXO 01
DIÁRIO DE PERNAMBUCO

18 de junho de 2001

Parada Gay reúne 200 mil pessoas

São Paulo – Cerca de 200 mil pessoas participaram, ontem, da Parada do Orgulho de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, em São Paulo. Pela primeira vez em cinco anos, o evento foi aberto por um representante do Executivo municipal. A prefeita Marta Suplicy (PT) deu início à passeata com um discurso breve em que ressaltou o respeito que os paulistanos demonstram pelos homossexuais. Durante o trajeto, a prefeita foi aplaudida. “Foi uma festa cívica da cidadania”, disse Marta. “A vida inteira eu carreguei essa bandeira contra a discriminação e o preconceito”. Marta estava acompanhada pelo deputado federal José Genoíno (PT). Os cantores Edson Cordeiro e Elza Soares animaram a festa e iniciaram suas apresentações com o Hino Nacional, cantando em seguida o hino da parada.

23 de junho de 2003

Movimento Gay reivindica novas políticas

São Paulo – Cerca de 800 mil pessoas participaram da 7ª Parada do Orgulho Gay, ontem na Avenida Paulista, em São Paulo. A estimativa foi feita pela Polícia Militar e pela Companhia de Engenharia de Trânsito (CET). Vinte e um trios elétricos animaram o evento. Os manifestantes reivindicaram a ampliação de políticas sociais voltadas aos homossexuais. Participaram da parada a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e o presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, José Genuíno. O evento foi encerrado com um show de Elza Soares, no início da noite.

Antes do início da Parada o presidente da associação do evento, Nelson Matias Pereira, e o vice-presidente, Ideraldo Luiz Beltrani, disseram que a próxima edição da Parada terá um direcionamento especial para os idosos e adolescentes, segundo eles, o movimento tem recebido muitos pedidos de serviços e até de assistências psicológicas dessas faixas etárias.

Durante a entrevista, os organizadores falaram do crescimento do movimento ao longo dos últimos sete anos e destacaram que a parada de São Paulo já é a terceira maior do Mundo. Ideraldo destacou ainda a importância do evento em relação a visibilidade que o movimento ganhou com esse tipo de manifestação. “O carnaval é uma forma de mostrar alegria, mas a Parada é muito mais do que isso. É um aspecto de reivindicação com a sociedade civil e o Estado. E precisa repercutir ao longo de toda a vida do homossexuais”, disse Ideraldo. “O importante é conscientizar politicamente as pessoas com relação aos problemas enfrentados por esse seguimento. Ainda somos considerados cidadãos de segunda categoria. Só somos cidadãos na hora de pagarmos nossos impostos”, afirmou.

Os organizadores esclareceram que negaram um credenciamento para a Rede TV devido ao tratamento homofóbico dos programas de emissora para o segmento. Os organizadores prepararam um dossiê sobre o tema por considerarem que as emissoras de TV são concessões públicas. Sobre a república de credenciais aos integrantes do *Caceta e Planeta*, que pediram para participar do evento, os organizadores justificaram que o programa é humorístico e não jornalístico. No entanto eles disseram que a parada é aberta e que “*Cassetas*” poderiam participar normalmente.

Com apenas 100 pagantes atualmente, a associação fez uma campanha de doação, durante a parada, para arrecadar fundos para a construção de uma sede própria. Segundo os organizadores, a parada deste ano custou R\$ 900 mil. Desse montante, 450 mil foram obtidos das empresas por meio da lei Rouanet. O restante veio de pequenos parceiros, de eventos paralelos a Parada e da Prefeitura Municipal de São Paulo.

27 de junho de 2003

Parada Gay movimentada centro hoje

Depois da marcha, que no último domingo levou cerca de 1 milhão de pessoas ao centro de São Paulo, Recife se prepara para ter hoje, a partir das 18h, a sua edição local da Parada da Diversidade, popularmente conhecida como *Parada Gay*. O evento – que está em seu segundo ano – terá como lema *Preconceito agride, eu não!*. A intenção é levar cerca de 20 mil pessoas as ruas centrais da cidade, para marcar a passagem do *Dia do Orgulho Gay*, comemorado no próximo domingo. A concentração acontecerá na Praça Oswaldo Cruz, seguindo pela avenida Conde da Boa Vista até a rua da Aurora.

Este ano, o movimento pretende homenagear, com placas de agradecimentos, personalidades como a presidente do Tribunal Regional Federal, 5ª Região, Juíza Margarida Cantarelli, que garantiu concessão da primeira pensão do INSS a um companheiro homossexual; o desembargador do Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE), José Fernandes Lemos, que concedeu a primeira mudança do prenome no país a um transexual pernambucano, e o ex-presidente do Recipreve (Fundo de Previdência da Prefeitura do Recife), Ricardo Souza, que instituiu a concessão de pensão a companheiros homossexuais.

Durante a parada serão distribuídos 10 mil preservativos pela Secretaria de Saúde do Estado e prefeituras do Recife, Jaboatão do Guararapes e Olinda. Este ano, o Ministério da Saúde garantiu apoio financeiro para a confecção de camisetas, panfletos e cartazes. Uma queima de fogos abrirá a passeata que terá como abre alas integrantes do Maracatu Estrela da Tarde, de São Lourenço da Mata.

28 de junho de 2003

Milhares comparecem à *Parada da Diversidade*

Passeata gay do Recife arrastou, ontem, multidão pelas ruas do Centro.

Seguindo a tendência dos movimentos gays das grandes cidades do Mundo, o Recife foi palco ontem da segunda edição da sua *Parada da Diversidade* com milhares de pessoas nas ruas centrais da cidade, vestindo a camisa e as cores da harmonia entre os gêneros. A passeata, que teve duração aproximada de três horas, saiu da Praça Oswaldo Cruz exatamente às 19h, com um público que se aproximava do estimado pela organização do evento – cerca de 10 mil pessoas, segundo cálculos da Guarda Municipal, que fazia a segurança do trânsito. Com cerca de uma hora de atraso, um show pirotécnico anunciou o início da marcha que arrastou a multidão ao som das baladas que agitam as boates GLS locais.

Comemorando o sucesso do evento, Wellington Medeiros, presidente do Grupo Leões do Norte – responsável pela organização da festa – afirmou que a adesão de empresários, prefeituras, governos federal e estadual e ONGs tem sido fundamental para a consolidação da parada. “As pessoas perderam o medo e participam porque acreditam na nossa proposta” afirmou. O ator e bailarino Charles Cabral, 21 anos, foi um dos que perdeu o temor e saiu às ruas encarnando a personagem *Hakadesh*. “No ano passado acompanhei e adorei porque estamos lutando pelos nossos direitos”, disse ele. Andréa Close, 23 anos, lembrou que a passeata é uma oportunidade para que travestis como ela lutem contra o preconceito. “Não dá para imaginar que em pleno século XXI existam lugares que ainda não nos aceitem”, lamentou.

Diferentemente das passeatas realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, a parada gay de Recife teve como referencial o elemento folclórico. Caboclos de lança e o maracatu Estrela da Tarde, de São Lourenço da Mata abriram a festa com o som dos chocalhos e atabaques. Conforme prometido, dez mil preservativos e 10 mil frascos de gel lubrificante foram distribuídos ao longo do percurso. A parada contou com a adesão de diversas entidades como o PAPAI (grupo de apoio aos pais adolescentes), o Positivo (de trabalho e prevenção a Aids) e a Associação Pernambucana de Profissionais do Sexo.

14 de junho de 2004

SP faz maior parada *gay* do Mundo

Manifestação homossexual contou com a bandeira de 50 metros com as cores do arco-íris.

São Paulo – A cidade de São Paulo foi palco ontem da maior parada gay do mundo, superando as de São Francisco (EUA) e de Toronto (Canadá), segundo os números preliminares da Polícia Militar e dos organizadores do evento. De acordo com a PM, havia mais de um milhão no trajeto que foi da avenida Paulista à Praça da República. Para os organizadores, 1,8 milhão de pessoas compareceram à parada, em sua 8ª edição. Em São Francisco, o número máximo de participantes reunidos em torno do evento foi de 1 milhão. Em Toronto, 850 mil. No ano passado, 800 mil foram à parada paulistana, segundo a PM.

Quando o primeiro dos 25 trios chegaram ontem à praça da República, no centro, os últimos carros ainda deixaram a praça Oswaldo Cruz, no início da avenida paulista. Pela primeira vez, a rua Consolação teve de ser fechada nos dois sentidos para que o público acompanhasse a festa. Candidata à reeleição, a prefeita Marta Suplicy (PT) chegou ao local da concentração por volta de 13h30. Depois de abrir a parada no primeiro carro, a petista foi para o carro da prefeitura, o quarto. Lá, ao lado do marido, a prefeita – que usava um echarpe de plumas cor de laranja – dançou e acenou para o público, enquanto sacudia a bandeira de arco-íris, símbolo dos *gays*.

“Nós temos cada vez mais de saber aceitar o diferente e dar cidadania para as pessoas”, disse a prefeita.

SEGURANÇA – A parada ganhou força com a presença de participantes vindos de várias partes do País. Para tentar garantir a segurança foram deslocados 1.200 PMs, 500 guardas-municipais e 300 seguranças particulares. Segundo a PM, não houve incidentes graves. A organização do evento informou que o custo total foi de cerca de R\$ 400 mil, sendo que R\$ 150 mil são bancados pela prefeitura e o Governo do Estado.

Além da prefeita, estavam no local o deputado federal José Genoíno (SP), presidente nacional do PT, e o ex-secretário municipal da Habitação Paulo Teixeira.

Outro ex-secretário, José Américo Dias (Comunicação), também foi, mas não conseguiu subir no caminhão por conta da confusão dos seguranças. Teixeira e Dias são candidatos a vereador neste ano. Pelo lado político, além dos militantes do PSTU, também marcaram presença os integrantes do novo PSOL (partido Socialismo e Liberdade), de dissidência do PT, que carregavam uma faixa pela “livre expressão sexual”.

19 de junho de 2004

Parada do Orgulho Gay brilha na chuva

Tempo ruim diminui público na terceira edição do evento em Pernambuco, ontem, no início da noite.

A chuva atrapalhou a concentração e diminuiu o público da terceira edição da Parada do Orgulho gay em Pernambuco. Mas quem participou da festa, ontem, não esqueceu de levar as bandeiras com as cores do arco-íris e alegria. A causa também não foi deixada de lado e os manifestantes soltaram a voz nos quatro trios elétricos que acompanharam a caminhada, que saiu no início da noite. *Toda forma de amor vale a pena* eram as palavras de ordem mais ouvidas. Esse ano os manifestantes ressaltaram o tratamento que as famílias destinam aos homossexuais com o tema *Parada da Diversidade: um assunto bem familiar*.

“As famílias ainda têm muito medo do homossexual e queremos que elas passem a nos ver sem preconceitos. Buscamos o respeito da sociedade.”, afirmou Wellington Medeiros, presidente do Movimento Leões do Norte, organizador da Parada. Segundo ele, o tema surgiu, pois muitos jovens procuram os movimentos relacionados com a causa para reclamar da falta de compreensão. “Pensemos em reforçar essa questão. Minha mãe mesmo, antes morria de medo. Hoje tem o maior orgulho”, disse. Muitos jovens mostraram que não têm vergonha, nem medo durante a parada. “Tenho orgulho de participar e não nego. Essa é uma oportunidade de aparecermos, mas não pode ficar apenas em um dia”, disse o estudante Bruno Santos, de 18 anos.

Os organizadores contavam com um público de 50 mil pessoas, mas não ficaram desapontados. “Não tem problema, a festa é linda. Quem está presente faz diferença”, ressaltou Wellington. O policial Roberto Malta calculou que cerca de quatro mil pessoas acompanharam o percurso na avenida Conde da Boa Vista. O mês de junho foi reconhecido como o das manifestações e paradas gays em todo o Mundo depois que uma comemoração em Nova Iorque, nos Estados Unidos, sofreu fortes reações da Polícia, em 1969.

30 de maio de 2005

Parceria civil já e direitos iguais

SÃO PAULO – Os organizadores da 9ª edição da Parada do Orgulho gay calculam em mais de 2 milhões de pessoas na Avenida Paulista. A idéia é de colocar a festa no livro dos recordes como a maior parada gay do Mundo. Cerca de 700 mil turistas de dentro e fora do país participaram segundo os organizadores. O prefeito José Serra disse às pessoas que “São Paulo é uma cidade de braços e mentes abertos”. O tema da parada gay deste ano é *Parceria civil já! Direitos iguais: nem mais nem menos*. Um dos participantes mais ilustres é o professor e escritor Jean Willys, vencedor da última edição do Big Brother Brasil, que participou em um dos trio-elétricos.

Eles pretendem pressionar o Congresso com o objetivo de aprovar o projeto de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, parado há dez anos. O projeto é da ex-prefeita Marta Suplicy, que também esteve no evento da passeata. A concentração dos participantes começou às 11h. Vinte e dois trios elétricos estavam no evento, que seguiu rumo à Rua da Consolação e Avenida Ipiranga, onde a parada foi encerrada. A abertura das comemorações foi no largo do Arouche, no centro. Na quinta-feira foi realizada a “Feira Cultural”, com mais de 30 tendas com artesanato, artigos de antiquários, design e moda.

Aproveitando a atenção dada às festividades, os organizadores colocaram listas em estações de trem, metrô e ônibus para colher assinaturas em prol do projeto de lei de parceria civil. São necessárias um milhão e duzentas mil assinaturas para que o projeto seja colocado em pauta.

16 de junho de 2006

São Paulo se organiza para a maior parada gay

São Paulo – Ela vem aí. Apesar das polêmicas que cercaram esta décima edição, a Parada Gay – que leva o nome oficial de Parada do orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) – começa amanhã, às 14h, na Avenida Paulista. A organização espera por 2 milhões de pessoas, mesmo número calculado no ano passado e que dá ao evento o título de a maior parada gay do mundo. O encontro lotou hotéis da cidade – com simpatizantes vindos de diversas partes do país – e o clima da Parada começou ontem a tomar conta do centro, com realizações da 6ª Feira Cultural GLBT, ocorrida no Largo do Arouche.

A concentração da Parada está marcada para o Masp, seguirá pela Rua da Consolação e terminará na Praça Roosevelt. Neste ano, 22 carros vão desfilarem e a Parada vai ocupar os dois sentidos das vias.

A Parada, que começou em 1997 com 2 mil participantes, encontrou problemas para comemorar o 10º aniversário. Um Termo de Ajustamento de Conduta, firmado com a Prefeitura, impôs uma série de regras e chegou a ameaçar a realização do evento. “Tem algumas cláusulas absurdas, mas tínhamos que aceitar, do contrário esta edição não se realizaria”, disse Nelson Matias Pereira, presidente da associação. Ele assinou o TAC junto com o promotor de justiça José Carlos de Freitas e o secretário de Governo Aloysio Nunes Ferreira.

O termo determina, por exemplo, que a Parada não ocupe a Avenida Paulista além da Joaquim Eugênio de Lima, que não ultrapasse o limite de 23 carros de som e que a limpeza das vias públicas após o evento seja de responsabilidade da associação. O termo também fixa o final completo do evento às 20 horas, horário em que todos os carros de som têm que estar desligados. “Se passarmos disso, vamos pagar R\$ 30 mil. Esse é o valor da multa para cada item do TAC não cumprido”, lembrou Giacomini.

17 de junho de 2006

MANIFESTAÇÃO // Homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgêneros se reúnem
em dia de véspera de jogo do Brasil com previsão de chuva

Parada gay paulista realiza 10ª edição

São Paulo – Apesar da Copa do Mundo, do feriado e dos recentes atentados do PCC, os organizadores da 10ª edição da Parada do Orgulho GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) estão otimistas e esperam cerca de 2 milhões de pessoas no evento hoje. Se o público for confirmado, a festa se manterá como a maior parada homossexual do mundo.

O evento, que terá mais de 20 trios elétricos, deve começar às 14h e terminar até às 20h, segundo acordo firmado com a prefeitura. Os carros de som sairão da Avenida Paulista, em frente ao Masp, passarão pela Rua da Consolação e irão até a Praça Roosevelt. “Nós não estamos preocupados com o número de participantes, mas quanto mais gente, melhor”, afirma o presidente da Associação da Parada do orgulho GLBT, Néelson Matias Pereira.

A participação dos estrangeiros, afirma, deve ser menor neste ano por causa da onda de violência que tomou conta da capital em maio. No ano passado, participaram do evento 2.5 milhões de pessoas, de acordo com a associação; ou 1,8 milhão, segundo a Polícia Militar. Desses, 13% eram de fora de São Paulo, segundo a SPTuris.

Além de menos estrangeiros, o público poderá ser reduzido porque a festa está sendo realizada no meio de um feriado e a previsão do tempo não é nada favorável. Além disso, pela primeira vez a festa – que sempre é realizada aos domingos – ocorrerá em um sábado. O motivo da mudança foi o jogo da seleção brasileira com a Austrália. Segundo o site do Climatempo, a probabilidade de chover é de 80%.

A transferência da parada para o sábado deve esvaziar o evento, já que muitos trabalham. É o caso dos cabeleireiros. A maioria trabalha em salões de beleza, que têm no sábado o dia de maior movimento. “Não consegui dispensa do

trabalho porque tem muita cliente querendo melhorar o visual para ver o jogo com p namorado”, conta o cabeleireiro identificado como Osmar, de um salão de Perdizes.

“Não vou poder dar uma chegadinha porque a festa vai acabar muito cedo”, lamenta, Lúcio Álvares, que trabalha no centro, faltará ao evento pela primeira vez. “Fui sempre, mas neste ano tem muita cliente marcada.”

01 de setembro de 2006

Parada começa às 15h

A partir das 15h de hoje, as principais ruas do centro do Recife serão tomadas pela 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, a chamada *Parada Gay*. Motivado pelas estatísticas alarmantes sobre homicídios envolvendo gays, lésbicas e travestis, o evento este ano foi concedido com a temática *Violência contra Homossexuais: todo mundo tem a ver com isso*. No Brasil, a cada três dias uma pessoa é vítima de crime com motivação homofóbica.

A parada tem início com uma concentração em frente ao palco principal montado na Praça Oswaldo Cruz, na Boa Vista. A saída em direção ao Pátio de São Pedro será às 19h, com direito a oito trios elétricos e outras atrações que vão percorrer as avenidas Conde da Boa Vista, Guararapes e Dantas Barreto até a final do percurso no pátio. A organização da parada espera reunir 35 mil pessoas.

O tema central do evento é um alerta contra as práticas discriminatórias, especialmente quando elas são consideradas como meras “brincadeiras” pela sociedade. De acordo com um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), nos últimos 25 anos Pernambuco e São Paulo lideram as estatísticas de assassinatos contra homossexuais. “O homicídio é o último ato de uma prática que começa com as chacotas na escola, na comunidade e mesmo na família. Precisamos de políticas públicas que garantam os direitos dos homossexuais”, apontou Íris de Fátima, coordenadora de Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Pernambuco.

A 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco reuniu 25 mil pessoas no ano passado, segundo a organização do evento. Na edição deste ano, a ONG Instituto Papai vai realizar uma pesquisa de opinião sobre o preconceito envolvendo homossexuais na sociedade local.

02 de setembro de 2006

PROTESTO // Em sua quinta edição, o evento teve como tema a violência contra os homossexuais no estado de Pernambuco.

Parada da diversidade agita centro

O Recife fechou, ontem à noite, para dar passagem à 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco. Cerca de 25 mil pessoas transformaram a Avenida Conde da Boa Vista em uma grande *rave* a céu aberto, apelando ao jeito descontraído e vanguardista do movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) como forma de repudiar o preconceito e homofobia. Este ano, o tema da parada foi justamente a violência, e não sem razão: Pernambuco só perde para São Paulo no ranking nacional de assassinatos contra homossexuais.

Somente este ano, segundo as entidades organizadoras, 286 pessoas morreram vítimas de crimes homofóbicos. “Não é um número oficial, porque as delegacias não fazem estatística deste tipo de crime. Trata-se de um levantamento que as entidades construíram a partir das denúncias que chegam até nós através das famílias e da imprensa”, comentou o coordenador da Organização Homossexuais do Cabo (OHCA), Henrique Eduardo Silva.

Dentro do espírito ativista, o ator e produtor Maurício Santana caprichou na produção para passar a mensagem. Vestido de branco e levando um caixão, ele homenageava todos os homossexuais mortos em Pernambuco. “Até quando a gente vai ter que ficar vulnerável a essa violência?”, questionava, lembrando também os crimes de gênero que vêm vitimando as mulheres heterossexuais pernambucanas.

Com a Avenida Conde da Boa Vista completamente tomada pelo movimento, prevaleceu o clima de respeito às diferenças. Por achar a parada “superanimada”, a empregada doméstica Adriana de Paiva não só foi conferir a festa como levou dois filhos, um de dois anos e outro de quatro anos. “É a primeira vez que eu venho e estou gostando muito. Uma passeata assim é ótima para vencer o preconceito”, afirmou. No entanto, algumas lojas na Avenida Conde da Boa Vista fecharam as portas mais cedo, deixando claro que o Recife ainda tem muitas barreiras para transpor neste quesito.

Pesquisa - O Instituto Papai, ligado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) aproveitou a parada para realizar uma pesquisa entre os participantes, para de traçar um perfil sóciopolítico dos participantes e um perfil afetivo dos homossexuais presentes. A mesma pesquisa já foi realizada no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Buenos Aires. De posse da análise dos dados, a entidade pretende oferecer sugestões de políticas públicas para o público GLTB. “É surpreendente como as pessoas aceitam participar”, comentou Sílvia Ramos, cientista social e coordenadora do Centro de Estudo de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, uma das entidades organizadoras do trabalho.

ANEXO 02

FOLHA DE PERNAMBUCO

28 de junho de 2003

Gays param o centro do Recife

Irreverência, bom humor e criatividade marcaram a 2ª Parada da diversidade, reunindo gays, lésbicas, transexuais e simpatizantes, realizada ontem, no centro do Recife. O desfile faz parte das comemorações do Dia do Orgulho Gay, comemorado mundialmente, hoje. A concentração aconteceu na praça de Oswaldo Cruz, na Boa Vista. A Parada seguiu pela avenida Conde da Boa Vista, e terminou no Movimento Tortura Nunca Mais, localizado na rua da Aurora. Durante o percurso, foram distribuídas dez mil camisinhas e folders, alertando sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST). Três trios elétricos, o grupo de caboclinhos Estrela da Tarde e a frevioca animaram o público, ao som de ritmos nordestinos, mas sobretudo, das batidas eletrizantes da música eletrônica.

Muitos homossexuais desfilaram exibindo a bandeira do arco-íris que representa o movimento gay. Várias drag queens e transformistas que atuam na noite recifense aproveitaram a ocasião para divulgarem seus trabalhos. Porém, a principal bandeira levantada pelos participantes durante o desfile foi o respeito e a liberdade de expressão. “A Parada é uma forma de reafirmar nossa condição. A sociedade precisa acabar de uma vez por todas com a discriminação contra os gays”, protestou o cabeleireiro Isaías Ribeiro, 21 anos.

De acordo com o presidente do grupo Leão Norte, Wellington Medeiros, a Parada da Diversidade tem o sentido de garantir direitos à toda classe homossexual. “Não se trata de apenas de um desfile, mas de uma manifestação pública para conquistar espaços na sociedade”, disse Wellington.

18 de junho de 2004

Hoje é dia da parada gay do Recife

Com o tema *Homossexualidade um assunto bem familiar* gays, lésbicas, simpatizantes, travestis, bissexuais, heterossexuais, pansexuais e toda fauna derivada da sexualidade contemporânea estarão reunidas hoje no bairro da Boa Vista para celebrar o chamado orgulho gay. Trata-se da terceira edição do evento que tem concentração às 15h na Praça Oswaldo Cruz. A Parada é organizada pelo Movimento Gay Leões do Norte. A atração deste ano é o Trio da Cidadania, composto por ONGs que promovem a livre expressão da sexualidade. Além disso, estarão na Avenida Conde da Boa Vista cinco trios elétricos, Banda Nativa, Ourissamba e DJs “oferecidos” pelas principais casas GLS de Recife.

Às 18h será iniciado oficialmente o evento com a execução do Hino Nacional e de Pernambuco. A caminhada seguirá pelas principais ruas do Recife com encerramento no Parque 13 de Maio. Confirmadas as presenças do Prefeito do Recife, Camaragibe, autoridades de Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Governo do Estado e de parlamentares da Câmara Municipal do Recife, Olinda, Assembléia Legislativa e da Câmara Federal.

A organização espera um público de 50 mil pessoas (se a chuva der trégua ...). Caravanas de Caruaru, Gravatá, Timbaúba, Petrolina e cidades de outros estados como Paulo Afonso, João Pessoa, Maceió, Natal e militantes de ativistas também marcarão presença. O coordenador do grupo Leões do Norte, Wellington Medeiros, disse que o tema deste ano (homossexualidade e família) foi escolhido para despertar a compreensão da família com a expressão da homossexualidade. “O tema tem que ser discutido dentro de casa. Ouvimos muitas queixas de gays discriminados pelos pais”, observa Medeiros.

No histórico da Parada recifense, números mais expressivos. A primeira trouxe três mil pessoas. A segunda dez mil na concentração e cerca de vinte mil na “apoteose” em frente ao Mustang. A parada deste ano deve surpreender ainda mais. Entre os trios, o da boate Metrópole vai trazer Nani Mel, DJs e gente animada. Os hetero são bem vindos: “Bobagem de quem não vai, independentemente da opção sexual. A parada é um momento de integração da sociedade.”, avisa Maria do Céu Kelner, da Metrópole. Não menos animado será o trio da boate MKB. O Instituto de

Apoio ao Pai Adolescente (PAPAI) vai estar com um trio além de integrantes do PT. “A Conde da Boa Vista é o ponto histórico da cultura gay. É a avenida onde as coisas acontecem”, diz Maria do Céu, que completa: “Minha sobrinha de 14 anos, que não é gay foi no ano passado e adorou”.

02 de setembro de 2005

Parada Gay terá foco político

Com o tema: “Direitos Iguais: Nem mais nem menos”, a IV Parada da Diversidade, organizada por dez entidades integrantes do fórum GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), promete levar hoje à tarde, para as ruas do Recife, cerca de 25 mil pessoas defendendo o lema “União Civil: Diga sim!”. O objetivo é dar um caráter político ao ato, de forma a defender os mesmos direitos entre heterossexuais, lésbicas, homossexuais e transgêneros, pelo fim da discriminação e a livre orientação sexual. O evento, tradicionalmente festivo, contará com a presença de dez trios elétricos, apresentações de DJs, grupos de afoxé, teatro, maracatu, além da irreverência das drags queens e go go boys.

Para uma das organizadoras da Parada, Irene Freire, o intuito é chamar a atenção das autoridades e da sociedade para a causa. “Não queremos apenas festa, estamos dispostos a cobrar uma Lei Estadual para criminalizar qualquer pessoa que pratique preconceito. O estado tem de garantir meios para que possamos nos defender, porque, muitas vezes, sofremos discriminação e não temos a quem recorrer.”

A concentração acontece na praça Oswaldo Cruz, Boa Vista, às 15h, e segue, por volta das 18h, pelas avenidas Conde da Boa Vista, Guararapes e vai até o Pátio de São Pedro, onde haverá uma série de apresentações culturais.

03 de setembro de 2005

Parada *gay* pára o centro do Recife

Tema deste ano abordou a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

A avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife, virou uma apoteose, ontem à noite, devido a IV Parada da Diversidade promovida por dez entidades ligadas ao Fórum GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros). A estimativa é de que 25 mil pessoas tenham acompanhado o desfile. O colorido, a irreverência e a alegria foram pontos marcantes no evento que, este ano, trouxe o tema “Direitos Iguais: Nem Mais nem Menos”. O discurso focou a questão da união civil entre homossexuais. Onze trios elétricos percorreram a avenida levando muita música eletrônica e axé para o público. Dez mil preservativos foram distribuídos entre os participantes.

Vários personagens irreverentes foram surgindo ainda na concentração do desfile, na praça Oswaldo Cruz na Boa Vista. Foi o caso da *drag queen* Anita Fire, 22 anos, que confeccionou a fantasia Deusa do Sol especialmente para participar do desfile. “Todos os anos participo dessa parada porque acho importante defender a causa”, justificou. Pessoas da mesma família acompanharam juntas a parada da diversidade. Foi o caso do artista plástico Evêncio Vasconcelos, 40, que foi acompanhado do sobrinho, Carlos Lima, 22. “É uma manifestação legal porque defende o direito das pessoas gostarem uma das outras, sem discriminação”, disse Carlos.

O desfile começou com quase uma hora de atraso, mas o trânsito ficou engarrafado em toda Avenida Conde da Boa Vista, que foi tomada pelo público, que impediu a passagem de vários ônibus e veículos de passeio nos dois sentidos da via. O desfile só terminou no Pátio de São Pedro, no bairro de São José, com trios elétricos e shows culturais.

17 de junho de 2006

Parada Gay de SP se despede da Paulista

SÃO PAULO (AE) – A multidão que participou da Marcha para Jesus, anteontem, mal deixou a avenida Paulista e outra multidão, lotará o principal cartão-postal de São Paulo, hoje. A 10ª Parada Gay deve começar às 14 horas, em frente do prédio da Fundação Casper Líbero, no número 900, e acabar na Praça Roosevelt, por volta das 21 horas. O prefeito Gilberto Kassab (PFL) voltou a dizer que este será o último ano das grandes festas na Paulista.

Os organizadores da Parada têm anunciado que esperam levar 2,5 milhões de pessoas ao evento. As estimativas, porém, costumam ser superdimensionadas. A São Paulo Turismo (SPTuris) afirma que gastou os R\$ 260 mil prometidos. A empresa da Prefeitura alegou que não pôde atender a algumas reivindicações, como a de reforço na segurança porque a organização só fez o pedido no dia 9 e não haveria tempo hábil para a licitação. A Parada lotou os hotéis da capital. Cerca de 20% do público veio de fora do Estado. A expectativa é de uma injeção de US\$ 90 milhões na economia do município. Ao todo, 22 trios elétricos devem animar o evento.

O ministro especial dos Direitos Humanos, Paulo Vannuchi, participará da Parada, no carro de som principal. Ele pretende ler, às 14 horas, uma mensagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pré-candidato à reeleição.

01 de setembro de 2006

Gays se mostram na avenida hoje

Parada da Diversidade aguarda 50 mil participantes na Conde da Boa Vista

O Centro do Recife vai parar hoje para a passagem da 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, que este ano deve receber mais de 50 mil pessoas, segundo expectativas da organização. Com o tema a Violência contra Homossexuais: todo mundo tem a ver com isso, o evento pretende fazer um alerta sobre as práticas discriminatórias. A concentração terá início às 15h, na praça Osvaldo Cruz. Lá, os participantes vão contar com um palco armado para apresentações de grupos musicais diversos e maracatus. Uma tenda também dará apoio ao público que for prestigiar a festa.

O primeiro trio elétrico – dos dez que farão o percurso da parada – está previsto para sair da praça às 19h. O desfile vai percorrer a avenida Conde da Boa Vista, Guararapes, Dantas Barreto, chegando no Pátio de São Pedro. A parada contará com algumas novidades. Além de trios organizados por estabelecimentos gays do estado, como o Bar Ponto G e a Boate Metrópole, que vão trazer atrações regionais, a prefeitura do Recife vai disponibilizar serviços de maquiagem e penteados gratuitos. Uma professora e dez alunos da escola Municipal Dona Olegarinha estarão no local atendendo o público.

Cerca de 15 mil preservativos, 15 mil portas-camisinhas e dez mil géis lubrificantes serão distribuídos pela Secretaria do Recife. “Consideramos ação de grande importância para o fortalecimento da auto-estima dos cidadãos homossexuais e o cuidado com a vida”, ressalta Accioli Neto, diretor executivo de atenção às DST/AIDS da secretaria municipal de saúde.

TRÂNSITO

Para garantir a segurança dos participantes e o fluxo de veículos no bairro da Boa Vista, a Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU) montou um esquema especial de monitoramento e desvio nas principais vias do centro. Cerca de 30 agentes de trânsito, além de dez guardas em solo, seis batedores e duas viaturas estarão na área.

As mudanças vão acontecer às 06h, com o bloqueio da rua Osvaldo Cruz, onde os manifestantes vão se concentrar. A mesma rua permanecerá interditada durante todo o desfile, a avenida Conde da Boa Vista, no trecho entre a rua Dom Bosco e Ponte Duarte Coelho, será bloqueada. Já na direção contrária, o tráfego será encaminhado para a rua da Aurora. Com isso, os motoristas habituados a utilizarem esses corredor para chegar ou sair do centro da cidade devem mudar o trajeto.

ANEXO 03

JORNAL DO COMMERCIO

25 de junho de 2000

Gays e simpatizantes lotam a Avenida Paulista

São Paulo – A cidade de São Paulo parou ontem para assistir a 4ª Parada do Orgulho Gay, evento que reuniu cerca de 120 mil pessoas entre gays, lésbicas, bissexuais e simpatizantes, e já é o maior do gênero da América Latina.

Com carros alegóricos, muito brilho, plumas e paetês, a parada saiu da Avenida Paulista por volta das 15h e chegou à Praça da República às 18h30. A apoteose ficou por conta do show do cantor Edson Cordeiro, que agitou o público e, em protesto contra a emissora de TV que vetou os seus clipes, beijou na boca o modelo Luciano Granier, que participou do polêmico vídeo.

Segundo o coronel Melquior a polícia mobilizou 400 homens da tropa de choque e o clima foi de muita tranquilidade. Um único incidente ocorreu durante o show de Edson Cordeiro, quando um militante do PSTU tentou dar um soco no senador Eduardo Suplicy (PT).

Além do senador, estavam presentes a candidata do PT à prefeitura paulistana, Marta Suplicy, o deputado federal José Genuíno (PT-SP) e o deputado federal Marcos Rolim (PT-RS), presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara, entre outros.

17 de junho de 2001

Desfile GLS reúne 200 mil na Paulista

São Paulo – pela primeira vez em cinco anos, a Parada do Orgulho de Gays e Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros foi aberta por um representante do executivo municipal. A prefeita Marta Suplicy deu início à passeata na região central de São Paulo, às 15h, com um discurso breve em que ressaltou o respeito em que os paulistanos demonstram ter pelos homossexuais. Durante o curto trajeto que percorreu sobre o caminhão de som, a prefeita foi ovacionada pelas mais de 200 mil pessoas que participaram da caminhada entre Avenida Paulista e a Praça da república. “Uma parada como essa é um símbolo da nossa cidade, da diversidade”, disse Marta.

Usando um extravagante vestido amarelo com um chapéu feito de girassóis, o cabeleireiro Jacques Chanel, nascido em Belém (PA), concorda que São Paulo seja mais tolerante. “Na minha cidade de origem, eu não me sentiria tão à vontade. Aqui eu sou eu”, afirmou. Mas para Anderson Santos, 23 anos, e Thiago Ferreira, 18, namorando há mais de um ano, sentir-se livre para carinhos em público, apenas em bares GLS. Os dois esperam que os eventos como a parada diminuam o preconceito.

Aparentemente, eles têm surtido efeito. Nas janelas dos poucos edifícios residenciais da Paulista, os moradores assistiam ao desfile e participavam batendo palmas e jogando papel picado, além de exibir balões e faixas nas cores do arco-íris, símbolo do movimento gay. As famílias dos homossexuais também demonstram mais respeito pela escolha dos parentes participando da parada. A transformista Flávia Monteiro, 16 anos, caminhava de mãos dadas com a mãe, Débora, 58.

02 de junho de 2002

Parada gay deve reunir 300 mil pessoas hoje em São Paulo

Um dia antes do início da campanha de prevenção patrocinada pelo Ministério da Saúde, São Paulo põe hoje nas ruas sua *6ª Parada do Orgulho Gay*. Os organizadores esperam reunir 300 mil pessoas entre brasileiros e estrangeiros, na Avenida Paulista. Afinada com a campanha, a Parada deste ano sai com o slogan “Educando para a Diversidade”. “Temos certeza que a consolidação da democracia no nosso País passa pela construção do respeito à diversidade e isto só pode ser feito através de processos educativos, que transformem os preconceitos”, acredita Beto de Jesus, presidente da Associação da Parada do orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros).

Entre as inovações da sexta edição, está a ala de lésbicas motociclistas que vão abrir o desfile. A cantora Cássia Eller e a escritora Cassandra Rios serão homenageadas pela Associação de Mulheres que Amam Mulheres (AMAM), que este ano deverá colocar uma representação maior de mulheres no desfile.

A organização mantém as ações sociais que já caracterizam o evento. A Parada Quente vai receber doações de agasalhos a serem distribuídos entre as instituições e ONGs que trabalham com a defesa da cidadania, além de arrecadar cartuchos usados de impressora e R\$ 1 de cada participante. O dinheiro será usado para os organizadores do evento darem continuidade a suas ações em São Paulo. Distribuição de camisinhas, entre outras iniciativas de conscientização sobre Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis também estão no roteiro da festa.

A gigantesca bandeira do arco-íris (50m X 20m) será desfraldada na avenida. Nela estarão incluídas as cores verde e amarelo, “uma homenagem à Copa do Mundo e um pedido de respeito e paz para os brasileiros”, explica a organização. Símbolo do orgulho homossexual em todo o mundo desde 1978, a bandeira do arco-íris foi usada pela primeira vez no Brasil em 1995, na Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas, no Rio de Janeiro.

O Dia do Orgulho gay, originalmente 28 de junho, nasceu no bairro Village, em Nova Iorque, quando freqüentadores do bar Stonewall decidiram dar um chega às cobranças de propinas por parte de policiais em troca de permitir o funcionamento do bar. Clientes e moradores do bairro fizeram três dias de barricadas e levantes. O

movimento ficou mundialmente conhecido e já no ano seguinte a data foi comemorada com uma passeata.

03 de junho de 2002

Parada gay reúne 320 mil pessoas em avenidas de São Paulo

Com olhares atentos e máquinas fotográficas em punho, milhares de pessoas estiveram ontem – participando ou assistindo – na 6ª Parada do Orgulho Gay, para lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT). Segundo estimativa da Polícia militar, a manifestação reuniu cerca de 320 mil pessoas. O número de participantes, recorde brasileiro, superou o de eventos como as paradas francesa (250 mil) e a de San Francisco, EUA (300 mil). Organizadores, no entanto, estimavam um público de 700 mil pessoas. A festa começou às 14h na Avenida Paulista e seguiu pelas avenidas Consolação e Ipiranga até a Praça da República. A prefeita Marta Suplicy (PT) mais uma vez deu seu apoio e foi destaque do carro de abertura. O candidato do PT ao governo do Estado, José Genoíno, também esteve presente. Por causa do grande número de participantes e espectadores, a Companhia de Engenharia de Tráfego interditou os dois sentidos da Avenida Paulista até o fim da tarde. Em 1996, quando foi realizado pela primeira vez, o evento reuniu apenas 500 participantes na Praça Roosevelt. Marcos Silvestre, 21, caminhava tranqüilamente de mãos dadas com seu marido. “É meu dia, me sinto muito confortável aqui”, disse. Casado desde os 15 anos, Marcos prefere disfarçar sua opção sexual. Até o fim deste mês, outras três cidades do País irão receber a edição da 6ª Parada do Orgulho Gay. No domingo (8) a festa será em Curitiba, no dia 14, em Brasília, e dia 29, no Rio de Janeiro.

23 de junho de 2003

Orgulho gay reúne 800 mil pessoas

A 7ª Parada do orgulho Gay de São Paulo levou 800 mil pessoas ontem para a Avenida Paulista, no centro de São Paulo, segundo a PM. O número corresponde às expectativas dos organizadores e faz do evento de São Paulo o terceiro maior do mundo no gênero, sendo superado pelas paradas de San Francisco, EUA, que reuniu 1 milhão de pessoas, e a de Toronto, Canadá, com 850 mil participantes. A Parada começou por volta das 14h, na Avenida Paulista, e percorreu a Rua da Consolação em direção à praça da República (centro), onde está programado um show com a cantora Elza Soares. Segundo a PM, não houve qualquer incidente durante o evento. Organizado pela Associação do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, a parada começou com uma contagem regressiva, chuva de papel picado, muitos balões coloridos e música eletrônica em volume altíssimo saindo de 21 trios elétricos. Com o tema Construindo Políticas Homossexuais, vários movimentos organizados discursaram sobre questões políticas e ligadas à cidadania. Participaram da parada a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e o presidente do Partido dos Trabalhadores, José Genoíno.

28 de junho de 2003

Multidão participa da Parada da Diversidade

Em sua segunda edição no Recife, a Parada da Diversidade reuniu grupos GLS de diversas cidades e de Estados vizinhos. Os organizadores comemoraram o êxito do movimento, que teve o apoio de jovens e adultos.

O centro do Recife viveu um dia de carnaval em pleno período junino. Ontem à noite, a 2ª Parada da Diversidade arrastou centenas de pessoas pelas principais ruas da cidade para comemorar o Dia do orgulho Gay e pedir respeito para os homossexuais de Pernambuco. A irreverente festa começou ainda à tarde e contou com a participação de grupos GLS de toda a Região Metropolitana, interior e de Estados vizinhos, que se concentraram em frente à Praça Osvaldo Cruz. Por volta das 19h, os fogos anunciaram o início da caminhada e deram um brilho aos céus do Recife com luzes coloridas.

Em terra, muitas bandeiras coloridas e pessoas fantasiadas. Os participantes seguiram para a Avenida Conde da Boa Vista. Grupos de travestis, drag-queens, lésbicas e homossexuais masculinos e representantes de entidades de direitos humanos defendiam a bandeira do público GLS e homenagearam personalidades que lutam em prol dos gays. No meio do percurso, um artista executou a dança do ventre e levou o público ao delírio.

O espetáculo teve reforço de grupos de maracatus, 'stripper', artistas em perna de pau, jovens e até idosos que dançavam ao som de trios elétricos. Os organizadores da parada comemoraram o resultado e o apoio recebido da população. "Na primeira edição, realizada ano passado, o público estava tímido. Hoje temos o apoio das mais diversas classes da sociedade, membros do poder público e dos estudantes. Mesmo assim temos de fortalecer o movimento para acabar com o preconceito de alguns membros da sociedade", argumentou o presidente do Movimento Gay Leões do Norte, Wellington Rezende.

O trânsito ficou complicado para quem precisava cruzar a Avenida Conde da Boa Vista, mas poucos reclamaram. Muitos motoristas preferiram descer do veículo para prestigiar o desfile. "Vivemos num País que tem tantos problemas e uma festa como essa serve para distrair a população, principalmente aqueles que são

discriminados como os gays”, disse o taxista Edílson Ferreira Santana. A passeata terminou na Rua da Aurora, por volta das 23h.

14 de junho de 2004

São Paulo tem a maior parada gay do mundo

Evento que contou com a participação da prefeita Marta Suplicy e outros paulistas já supera em número de participantes os de São Francisco e Toronto. Organizadores estimam mais de 2 milhões; PM garante 1,5 milhão.

São Paulo – a cidade de São Paulo foi palco ontem da maior parada gay do mundo, superando as de São Francisco (EUA) e de Toronto (Canadá), segundo os números preliminares da polícia Militar (PM) e dos organizadores do evento.

De acordo com a PM, havia 1,5 milhão de pessoas no trajeto que foi da Avenida Paulista à Praça da República. Para os organizadores mais de 2 milhões de pessoas compareceram à 8ª edição da parada.

Em São Francisco o número máximo de participantes reunidos em torno do evento foi de 1 milhão. Em Toronto, 850 mil. No ano passado 800 mil foram à parada paulistana, segundo a PM.

Quando os primeiros dos 25 trios chegaram ontem à Praça da República, no Centro, os últimos carros ainda deixavam a Praça Oswaldo Cruz, no início da Avenida Paulista. Pela primeira vez, a Rua da Consolação teve de ser fechada nos dois sentidos para que o público acompanhasse a festa.

Candidata à reeleição, a prefeita Marta Suplicy (PT) chegou ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), local da concentração, por volta das 13h30. Depois de abrir a parada no primeiro carro, a petista foi para o carro da prefeitura, o quarto. Lá, ao lado do marido, a prefeita dançou e acenou para o público. “Nós temos cada vez mais de saber aceitar o diferente e dar cidadania para as pessoas”.

A parada ganhou força com a presença de participantes vindos de várias partes do País. “Saímos de Salvador com dois ônibus e cerca de 200 pessoas”, contou o antropólogo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia. A *drag queen* Kary Furacão, de Niterói (RJ), comemorou sua oitava vinda a São Paulo para o evento. “A parada está cada vez melhor”, opinou.

Para tentar garantir a segurança foram deslocados 1,2 mil PMs, 500 guardas municipais e 300 seguranças particulares. Segundo a PM, não houve incidentes

graves. A organização do evento informou que o custo total foi de cerca de R\$ 400 mil.

19 de junho de 2004

Irreverência marca a passeata gay no Recife

A manifestação foi animada por quatro trios-elétricos e grupos de dançarinos. Mesmo sendo uma passeata gay, muitas pessoas que se diziam heterossexuais também se fizeram presentes.

Pelo terceiro ano consecutivo, a Parada da diversidade e do orgulho Gay arrastou milhares de pessoas pelas principais ruas do Centro do Recife, ontem à noite, e levando muita irreverência e pedindo respeito para os gays, lésbicas e simpatizantes. A caminhada que a cada ano vem concentrando mais gente e recebendo um público mais diversificado ganhou o apoio de ONGs que trabalham com a sexualidade de Pernambuco e de grupos de outros Estados.

Quatro trios-elétricos e grupos de dançarinos comandaram a festa, que teve direito a purpurina e muitos arco-íris – símbolo dos gays. Mas a Parada da Diversidade mostrou que a festa tem apoio de heterossexuais. Estudantes de diversas escolas e moradores do Centro acompanharam a manifestação. Ignorando a chuva fina, eles dançaram e cantaram junto com os anfitriões, apesar de garantir que só estavam na festa para apoiar o movimento.

Na ‘muvuca’ valia quase tudo. Homens e mulheres seminus se beijavam tranquilamente. “Aqui não existe discriminação. E estamos hoje (ontem) nas ruas brigando para que todos pensem assim. Ninguém é obrigado a aceitar um homossexual em casa, mas todos têm de respeitar a opção de cada um”, argumentou Rildo Veras, integrante do grupo Leões do Norte e um dos organizadores da III Parada da Diversidade. Segundo ele, os gays e lésbicas ainda sofrem muita discriminação dentro da própria família.

A concentração aconteceu na Praça Osvaldo Cruz, ainda à tarde, provocando engarrafamento na avenida conde da Boa Vista. Por volta das 18h30, o cortejo saiu pela avenida, entrou na Rua da Aurora e só terminou por volta das 23h, no Parque 13 de Maio.

29 de maio de 2005

Parada Gay cobra direitos iguais aos dos heterossexuais

SÃO PAULO evento, que pretende reunir hoje 2 milhões de pessoa, quer pressionar deputados a votar projeto oficializando a união civil homossexual.

SÃO PAULO – A 9ª Parada do orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, que acontece hoje em São Paulo, trará uma lembrança: os dez anos de paralisação no Congresso Nacional, do projeto de parceria civil, que permitiria casais homossexuais ter direitos iguais aos heterossexuais em questões como partilha de bens e benefícios previdenciários.

Parceria já! Direitos iguais: nem mais nem menos é o tema do evento este ano, que espera ser a maior parada do mundo, pretendendo reunir 2 milhões de pessoas. No trajeto que começa na Avenida Paulista e termina na Rua da Consolação (no Centro), haverá coleta de assinaturas para pressionar os congressistas para a aprovação da proposta da ex-deputada e ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy (PT).

Nesses locais também poderão ser doados alimentos para a Prefeitura de São Paulo. “Queremos transformar cada doação e assinatura num voto pelo reconhecimento dos homossexuais como cidadãos”, diz o presidente da parada, Reinaldo Pereira Damião. A Parada quer bater um recorde: arrecadar dois milhões de quilos de alimentos e colocar o feito no Livro dos Recordes.

Esse é o desafio proposto pela prefeitura de São Paulo e a Associação do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), ONG que organiza a parada. O protocolo de intenções foi assinado no fim de março, na Secretaria municipal de Participação e Parceria. Também estão envolvidos no projeto o Banco de Alimentos da Secretaria Municipal de Abastecimento, o Metrô e os Correios.

Desde o início deste mês, recipientes estão instalados em locais públicos, como as estações do metrô, dos trens da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CTPM) e das agências dos Correios, para receber as doações. A organização do movimento mandou confeccionar 10 mil cartazes com objetivo de divulgar o projeto.

PRESERVATIVOS – A secretaria municipal da Saúde de São Paulo também estará presente na parada gay. Técnicos e agentes de preservação da área da DST/Aids irão distribuir preservativos masculinos durante a festa – eles estarão identificados por camisetas com o laço (símbolo da luta contra a aids), nas cores do arco-íris (símbolo do movimento GLBT), e a frase *Preservação e cidadania*.

Além de distribuir os preservativos, os técnicos lembram os cuidados que devem ser tomados para evitar a contaminação com as doenças sexualmente transmissíveis e a aids. A ação da prefeitura conta com a parceria da empresa DKT do Brasil, do Ministério da Saúde e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

30 de maio de 2005

Parada gay leva mais de 2 milhões às ruas

SÃO PAULO cerca de 2,5 milhões de homossexuais e simpatizantes, segundo os organizadores, e 1,5 milhão, segundo a Polícia Militar, lotaram a Avenida paulista com muita festa e irreverência.

SÃO PAULO – Cerca de 1.8 milhão de pessoas, segundo estimativa da polícia Militar, invadiram a avenida paulista e seguiram até a Praça da república para festejar a 9ª edição da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Os cálculos dos organizadores são de que 2.5 milhões participaram da parada.

Chegaram a esse número com base no ano passado, quando apenas uma pista e meia da avenida foi liberada. Este ano foram as duas e estavam cheias de ponta a ponta. A parada saiu pouco depois das 14 horas. Às 18, apenas 6 caminhões de som tinham chegado à Consolação. Ainda faltavam 18. A previsão era de que a parada invadisse a madrugada. Políticos e autoridades participaram da passeata, como o prefeito José Serra e a ex-prefeita paulista Marta Suplicy.

Embora a avenida estivesse interditada desde as 6 horas, somente depois do meio-dia é que o pessoal começou a chegar e, mais ainda, no meio da tarde. Segundo a PM, a maior concentração de pessoas se deu por volta das 16 horas. Gente de todo tipo e idade se acomodou nas calçadas, janelas e sacadas dos prédios para ver o desfile dos trios elétricos. O mais interessante, porém, acontecia no chão.

Tinha um batalhão inteiro de gays vestidos com peças compradas na Rua 25 de Março. “É uma sátira às leis e organizações que nos discriminam e nos obrigam a nos esconder”, explicou o travesti Larissa, paulistano que vive na Itália. Carregava algemas e deixou a farda aberta para mostrar os seios enormes.

“O Brasil é o país da liberdade, mas há muito preconceito. No ano passado, 150 homossexuais foram mortos por causa da sua condição. Exigimos direitos iguais, nem mais nem menos, e já”, disse Larissa.

O tema do desfile foi a parceira civil entre homossexuais. Neste ano o projeto de lei que reconhece parceria entre pessoas de mesmo sexo completa dez anos na gaveta do Congresso. Um é de autoria da ex-prefeita Marta Suplicy (PT), quando era

deputada federal. Outro é o do deputado Roberto Jefferson (PTB). A organização recolheu assinaturas no meio da Avenida Paulista para um abaixo-assinado para retomar a discussão do projeto em Brasília.

02 de setembro de 2005

Parada da Diversidade muda trânsito no Centro

A realização da 4ª Parada da Diversidade, hoje, no Centro do Recife, provocará mudanças na circulação de veículos na área. Para evitar transtornos, a Companhia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife (CTTU) montou um esquema especial de monitoramento do fluxo de carros, a partir das 18h.

As ruas do entorno da Praça Oswaldo Cruz, Avenida Conde da Boa Vista, Avenida Guararapes, Dantas Barreto e Ponte Duarte Coelho serão bloqueadas para o acesso dos participantes. O ato deve ser encerrado às 20h, no pátio de São Pedro.

O público ocupará apenas a pista de sentido subúrbio-cidade na Conde da Boa Vista. Dez agentes de trânsito, dois batedores e uma viatura vão acompanhar a Parada da Diversidade por todo o percurso. Durante o evento, o motorista deve utilizar a avenida Norte ou a Rua do Príncipe, para ir ao Centro.

Com o tema Direitos Humanos: nem mais nem menos, o evento pretende reunir mais de 40 mil pessoas. A concentração do evento será às 15h, na Praça Oswaldo Cruz.

Contando com a participação de 11 trios elétricos, o desfile este ano deverá ter um cunho mais político, de acordo com o fórum LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), que organiza o evento. Segundo o gerente da Livre Diversidade sexual, da secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã, Klayton Bascone, a Parada deverá servir de alerta para o fim da discriminação e a livre orientação sexual. “Precisamos aproveitar o desfile para exigir o cumprimento dos direitos previstos na Constituição, e que devem ser comuns a todos, homossexuais ou não”, explica Klayton Bascone.

Para a conselheira da organização não governamental Articulação e Movimento Homossexual do Recife e Região metropolitana (Amhor), Irene Freire, a Parada também deverá chamar a atenção para a legalização da união civil. “Pernambuco é o estado campeão em práticas de violência e discriminação contra os gays. Por isso, temos a preocupação de alertar as autoridades para a legalização da parceria civil, como forma de combater a homofobia”, avalia Irene Freire.

Durante o percurso, a Secretaria de Direitos Humanos descolará voluntários para realizar ações educativas nas áreas de cidadania e saúde, como distribuição de preservativos.

A Secretaria de Saúde também dará apoio ao evento deslocando uma ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu – 192), com médico e enfermeiros. A Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb) também se encarregará de disciplinar o comércio informal nas áreas de concentração.

03 de setembro de 2005

Parada da diversidade leva alegria ao Centro

MANIFESTAÇÃO Música e cores deram o tom à caminhada, que saiu da Praça Oswaldo Cruz, Boa Vista, e terminou no Pátio de São Pedro, bairro de São José, reunindo gays, lésbicas e simpatizantes.

O Recife abriu espaço para as diferenças sexuais. Gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes invadiram o Centro da cidade, ontem à noite, na IV Parada da Diversidade, que levou às ruas o tema *Direitos Humanos: Nem mais nem menos*. Música, colorido e alegria deram o tom à caminhada, que saiu da Praça Oswaldo Cruz, na Boa Vista, e terminou no Pátio de São Pedro, bairro de São José.

Para reivindicar direitos iguais e lutar contra o preconceito à orientação sexual, gays usaram fantasias ousadas e viraram atração. A drag queen Anita Fire, 22 anos, vestida de Deusa do Sol, foi solicitada a todo instante para ser fotografada ao lado de alguém. “O importante é passar, com alegria, que queremos respeito”, disse. Anita, na verdade, se chama Erick dos Santos e trabalha como caixa num supermercado em Boa Viagem.

A drag Bárbara Nagma, 30, batizou sua fantasia de Tributo ao Mundo Gay. “Essa é uma parte de mim. A outra é de um gerente de multinacional, que usa palitô e gravata. As duas convivem bem”, confidenciou, sem revelar o verdadeiro nome. Elen Roche, 28, drag e empresário, usou asas de anjo e cobriu metade do rosto para lutar por seus direitos.

O artista plástico Evâncio Vasconcelos, 40, compareceu ao lado do sobrinho Carlos Lima, 22, estudante. “A parada é importante por seu objetivo. Mas não devia ser necessário ir às ruas para dizer deixem eu amar”, comentou Evâncio.

Aos casais homossexuais se misturaram famílias inteiras, sem nenhum preconceito. “Cada um é dono de sua vida e se relaciona com quem quer. Isso pra mim é uma festa”, disse.

As estudantes Andréa Lima, Simone Lopes e Juliana Matoso só queriam se divertir. “Tem música, bebida. A gente brinca e dá uma força aos gays e lésbicas, que não fazem mal a ninguém. Só querem ficar na deles”, comentou uma Andréa.

Nove trios elétricos, grupos folclóricos e a bateria da Escola de Samba Galeria do Ritmo animaram a Parada da Diversidade. Foram distribuídas 10 mil camisinhas, cinco mil porta-camisinhas e mil bandeiras com as cores do arco-íris, símbolo mundial do movimento gay.

Dez agentes de trânsito, dois batedores e uma viatura acompanharam a parada. A Secretaria de Saúde do Recife deslocou uma ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu-192), com médico e enfermeiros.

Este ano, a ONG Amhor, uma das organizadoras do evento, alertou as autoridades para o fato de Pernambuco ser o Estado onde mais se pratica violência e discriminação contra gays.

17 de junho de 2006

Parada gay ocorre hoje

SÃO PAULO São esperadas 2 milhões de pessoas para o evento na Avenida Paulista, o maior do mundo.

SÃO PAULO – Apesar da copa do Mundo, do feriado e dos recentes atentados do Primeiro Comando da Capital (PCC), os organizadores da 10ª edição da Parada do Orgulho GLBT (sigla par gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) estão otimistas e esperam cerca de 2 milhões de pessoas no evento de hoje em São Paulo. Se o público for confirmado, a festa se manterá como a maior parada homossexual do mundo.

O evento, que terá mais de 20 trios elétricos, deve começar às 14h e terminar até às 20h, segundo acordo firmado com a prefeitura. Os carros de som sairão da Avenida Paulista, em frente ao Masp, passarão pela rua da Consolação e irão até a Praça da Roosevelt.

“Nós não estamos preocupados com o número de participantes, mas quanto mais gente, melhor”, afirmou o presidente da Associação da Parada do Orgulho GLBT, Néelson Matias Pereira.

A participação dos estrangeiros, afirma, deve ser menor neste ano por causa da onda de violência que tomou conta da capital em maio.

No ano passado, participaram do evento 2,5 milhões de pessoas, de acordo com a associação; ou 1,8 milhão, segundo a Polícia Militar. Desses, 13% eram de fora de São Paulo, segundo organizações de turismo.

Além de menos estrangeiros, o público poderá ser reduzido porque a festa está sendo realizada no meio de um feriado e a previsão do tempo não era nada favorável ontem.

Além disso, pela primeira vez, a festa – que sempre é realizada aos domingos – ocorrerá em um sábado. Os organizadores acreditam que isso pode dificultar a presença das pessoas que trabalham – como cabeleireiros.

O motivo da mudança foi o jogo da seleção brasileira com a Austrália amanhã.

01 de setembro de 2006

Gays vão às ruas pedir fim de violência

**DIVERSIDADE Passeata quer reunir 35 mil pessoas nas ruas do Centro.
Concentração acontece a partir das 15h, na Praça Osvaldo Cruz, na Boa Vista**

Pernambuco é, ao lado de São Paulo, o estado onde ocorrem mais homicídios contra homossexuais no País. A informação do grupo Gay da Bahia é o mote principal da 5ª Parada da Diversidade, que acontece hoje à tarde no Recife. Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT) prometem chamar a atenção da sociedade pedindo o fim da violência por preconceito sexual. A Companhia de Trânsito e Transporte urbano do Recife (CTTU) fará uma série de desvios para garantir o fluxo do tráfego, a partir das 15h. A organização espera atrair 35 mil pessoas para o evento.

A concentração começa às 15h, na Praça Osvaldo Cruz, bairro da Boa Vista. No palco armado no local, haverá discursos de líderes de movimentos sociais. Quarenta minutos serão dedicados à apresentação de drag queens, seguida de muita música eletrônica com quatro DJs. O desfile inicia com a performance do Maracatu Leão de Campina (dos Coelhos, centro do Recife).

O maracatu estará na frente dos dez trios elétricos que se inscreveram para a parada até o dia 18 de agosto. O carro principal, da organização do evento, trará dois queridinhos do público GLBT do Recife: Gustavo Rangel e Nani Mel. “ela é heterossexual, mas bem famosa entre nós. E ele também é ótimo”, disse um dos coordenadores de Fórum GLBT, Leonardo Oliveira.

Durante o desfile, os trios farão três paradas. A primeira será em frente ao Bar Mustang, na Avenida Conde da Boa Vista. “Será um forma de protesto. Ano passado, duas mulheres foram colocadas para fora por seguranças de lá porque estavam se beijando”, lembrou Leonardo Oliveira.

As outras duas paradas serão nas Avenidas Guararapes e Dantas Barreto, respectivamente. O ponto final será o Pátio de São Pedro, no bairro de São José, onde há um palco organizado pela prefeitura do Recife, que distribuirá 15 mil preservativos, 15 mil portas-camisinhas e 10 mil géis lubrificantes.

O coordenador do fórum GLBT diz que a parada no Recife precisa ser um reflexo do comprometimento da sociedade pelo respeito às diferenças. “Esta é uma cidade violenta para todos, mas devido ao coronelismo que reinou por muito tempo aqui e à construção religiosa, não foi pensada para pobres, gays, negros e mulheres. Foi feita para uma elite branca e machista.” A Rua Osvaldo Cruz será interditada para veículos a partir das 6h. Durante o desfile, o trânsito da Conde da Boa Vista será desviado pelas Ruas Dom Bosco e Aurora.

02 de setembro de 2006

Milhares acompanham Parada da Diversidade

ATO Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros faz manifestação pelas ruas do Recife para denunciar assassinatos de homossexuais. Seriedade do tema não afastou o bom humor dos participantes.

Nem mesmo a chuva que caiu ontem à noite impediu que milhares de pessoas acompanhassem a 5ª Parada da Diversidade, realizada no centro do Recife. O encontro deste ano, organizado pelo Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), teve como tema *Violência contra homossexuais: todo mundo tem a ver com isso*. A organização do evento esperava reunir 35 mil pessoas, mas cerca de 10 mil compareceram. A passeata foi acompanhada por agentes de trânsito da CTTU, mas não foram observados policiais militares nas imediações.

Segundo Íris de Fátima, coordenadora do LGBT, e intenção da festa era alertar a população para o elevado índice de violência contra homossexuais. “Uma pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia mostra que Pernambuco é o segundo Estado mais violento contra gays, lésbicas e travestis, perdendo apenas para São Paulo. Temos que mudar essa estatística, indo para as ruas e mostrando que a opção sexual não é fator de vergonha e merece ser respeitado”, afirmou Íris.

De acordo com a pesquisa citada por ela, de 1980 a 2005 foram computados 2.511 assassinatos contra homossexuais. “Esses homicídios aconteceram pelo simples fato de as vítimas assumirem a posição de gays. São números alarmantes. A cada três dias, uma pessoa é morta por ser gay. Queremos que a conscientização das pessoas aconteça na família, na escola e no mercado de trabalho”, completou.

Os participantes da Parada da Diversidade abraçam a causa do evento com muito bom humor. Fantasiados ou não, eles demonstravam bastante felicidade em mostrar que podem fazer vales seus direitos. “Embora tenha diminuído, o preconceito contra gays ainda é muito grande. A parada serve justamente para mostrar que estamos cada vez mais forte”, disse o autônomo Marcos Andrade, 31 anos. Gay assumido, ele foi ao evento sozinho. “Ainda vou encontrar uns amigos”, disse.

Entre o público presente, também havia pessoas que não eram homossexuais, mas que tinham ido acompanhar a festa. “É um evento que já faz parte do calendário do Recife. Essa é a segunda vez que venho e acho interessante a luta que os gays travam com a sociedade para fazer valer seus direitos”, disse a estudante Carolina Aguiar, 24, que compareceu junto com o namorado.

A concentração para o evento ocorreu na Praça Oswaldo Cruz no bairro da Boa Vista. Um palco foi armado no local, onde a partir das 15h, dezenas de atrações se apresentaram ao público. Por volta das 19h30, os participantes saíram em caminhada pelas Avenidas Conde da Boa Vista e Guararapes, com a dispersão acontecendo no início da Avenida Dantas Barreto. A animação ficou por conta de dez trios elétricos, com direito a apresentação de maracatu. O ponto alto da passeata aconteceu quando os participantes passaram em frente ao Bar Mustang, na Avenida Conde da Boa Vista e fizeram um beijaço. Durante a Parada, os organizadores distribuíram 50 mil preservativos masculinos e femininos.